





*Ponte de
Sonhos*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *Ponte de Sonhos / n.º 208 da Coleção Bang!*

AUTORIA: *Anne Bishop*

EDITOR: *António Vilaça*

Esta edição © 2013 Edições Saída de Emergência

Título original Bridge of Dreams © 2012 Anne Bishop. Publicado originalmente nos E.U.A. por Penguin Group, 2012

TRADUÇÃO: *Maria João Trindade*

REVISÃO: *Saída de Emergência*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Cafilesa, Soluções Gráficas, Lda.*

1.ª EDIÇÃO: *Junho, 2013*

ISBN: *978-989-637-529-4*

DEPÓSITO LEGAL: *358581/13*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

R. Adelino Mendes n.º 152, Quinta do Choupal, 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

ANNE BISHOP

Ponte de Sonhos

Tradução de Maria João Trindade

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina



Para

LORNA MACDONALD CZARNOTA

MERRI LEE DEBANY

E

BARB MARKELLO

Companheiros de viagem nas paisagens



AGRADECIMENTOS

Agradeço a Blair Boone por continuar a ser a minha primeira leitora, a Debra Dixon por ser a segunda, a Doranna Durgin por manter o *website*, a Adrienne Roehrich por gerir a página de fãs no Facebook, a Nadine Fallacaro pela informação relativa a todas as questões médicas, a Anne Sowards e Jennifer Jackson por toda a sua ajuda ao dar vida a esta história, a Pat Feidner só porque sim, e a todos os leitores que fazem esta jornada comigo. Que os vossos corações viajem com leveza.

Há muito tempo, numa época que se desvaneceu da memória, as lágrimas de uma mãe forjaram a ponte que, desde então, uniu o poder do mundo vivo e em constante mutação ao coração humano.

— MITO

A visão mais importante é aquela que vemos com os olhos ou com o coração?

— PROVÉRBIO DE VISÃO

BELLADONNA RETIROU AS NOSSAS MÁSCARAS HUMANAS, REVELANDO a nossa verdadeira natureza de Guias das Trevas — as vozes sussurrantes que encorajam os corações a afastarem-se da Luz e que alimentam as correntes de Escuridão do mundo com egoísmo e cobiça e, acima de tudo, violência.

Enquanto usei essa máscara, caminhei entre o povo de Efêmera como mago, como alguém que era temido e respeitado porque era um Justiceiro para os cidadãos mais importantes nas paisagens que me tinham sido atribuídas — o tipo de cidadãos que, persuadidos através de sussurros, conseguem causar mais danos, extinguir mais Luz nos outros corações.

Mas a Cidade dos Magos, a fortaleza dos Guias das Trevas, já não existe; foi eliminada do mundo e encarcerada juntamente com as paisagens que pertencem ao Devorador do Mundo. Visto que a cidade já não é alcançável, as fêmeas de raça pura que mantínhamos como reprodutoras também desapareceram. Apenas alguns de nós estavam noutras paisagens quando Belladonna fez essa remodelação ao mundo. Apenas alguns de nós escaparam a essa jaula. Há tão poucos de nós, escondidos agora nos fragmentos do mundo.

Claro que ainda temos alguns magos — os descendentes de Guias das Trevas que contaminaram as linhagens ao acasalar com humanos. Apesar dessa contaminação, os magos possuem os poderes que constituíam os dons dos aspetos obscuros do mundo e, mais importante para o meu propósito atual, continuam a parecer humanos.

Quando o meu rosto verdadeiro foi revelado, foram os magos, ansiosos de me provar a sua lealdade, que encontraram e reservaram passagens nos vários navios que acabaram por nos trazer a esta cidade. Foram os magos que nos encontraram alojamentos que me permitiram estudar a natureza peculiar desta cidade e perceber como usá-la para nosso proveito.

Posso criar outra fortaleza aqui, outro lugar como a Cidade dos Magos. Em silêncio, cuidadosamente, posso retirar parte desta cidade aos seus atuais guardiões e transformar esse fragmento numa paisagem obscura onde possamos voltar a imperar.

Nos fragmentos do mundo que conhecemos, as Paisagistas eram o lei-

to rochoso de Efémora — os corações através dos quais fluem as correntes de Escuridão e de Luz, as peneiras que impedem Efémora de manifestar a agitação em todos os outros corações. Aqui as Paisagistas chamam-se Xamãs. Protegem e guiam tudo o que veem com a complacência daqueles que acreditam não ter rivais.

Não conhecem os Guias das Trevas ou os magos. Não sabem o que procurar. Cegados por essa ignorância, os Xamãs nada poderão fazer para além de se perguntarem porque é que há fragmentos da sua cidade a fugir-lhes da vista e do controlo.

Temos um ponto de apoio em duas secções desta cidade. Em breve, ruas inteiras estarão sob o controlo dos meus magos. Os Xamãs não nos encontrarão.

Nem Belladonna.

— Uma entrada no *Livro dos Segredos Oscuros*



CAPÍTULO UM

Seguindo o seu primo Sebastian, Lee saiu da ponte estável que ligava a Ilha na Bruma ao resto do Santuário. Alguns meses antes, a ilha tinha sido quase impossível de alcançar. Continuava a não ser fácil — Efêmera garantira que assim seria — mas agora a família e alguns amigos chegados conseguiam alcançar o lugar que Glorianna Belladonna considerava o seu lar.

— Podíamos ter usado a minha ilha para cá chegar — resmoneou Lee. A sua ilhota estava sempre consigo, um pedaço de terra que Lee conseguia impor sobre qualquer outra paisagem, fosse da Escuridão ou da Luz. Como Construtor de Pontes, criava ligações entre os fragmentos partidos do mundo, e por vezes o seu trabalho levava-o a lugares longínquos — e perigosos. Mas a sua ilha, ancorada no Santuário, era a sua garantia de nunca estar a mais do que alguns passos de casa.

— Podíamos ter usado a tua ilha — concordou Sebastian. — E tê-lo-íamos feito se fosse eu a acompanhar-te nesta visita. Mas visto que és tu que me acompanhas, escolho usar a ponte.

— Oh, faz sentido. — Lee deu alguns passos em direção à casa de pedra de dois andares que era agora partilhada por Glorianna e Michael. Então parou e esfregou o antebraço esquerdo.

Michael tinha-lhe partido aquele osso durante a luta para afastar a família da paisagem tenebrosa que Glorianna criara para encarcerar o Devorador do Mundo. O resto da família perdoara o Mágico pelo papel que este desempenhara na criação daquela jaula — principalmente depois de este ter encontrado uma forma de trazer Glorianna de volta — mas o braço de Lee doía-lhe sempre que visitava a Ilha na Bruma. Não tinha a certeza se era o osso que o incomodava ou se era o facto de estar perto do homem que o partira.

— Daqui, não consigo ver se estão em casa — disse Sebastian.

— Onde mais estariam? — perguntou Lee num tom amargo. — Glorianna não deixou esta ilha desde que... voltou.

— Só passaram algumas semanas — disse Sebastian suavemente. — Não sabemos o que lhe aconteceu enquanto esteve naquele lugar.

E se o Mágico tinha razão e ela se tornou o monstro que o próprio Mal temia, não sabemos o que ela fez enquanto esteve naquele lugar, pensou Lee.

— Ela precisa de tempo para se restabelecer, Lee. Tempo para se curar.

— Achas mesmo que ela vai *curar-se*? — Lee cuspiu aquelas palavras. — Para ti, é tudo beijos e abraços, não é? Uma parte da Glorianna voltou. Não somos nós os heróis?

Sebastian cerrou a mão direita, lembrando a Lee que o raio dos magos, uma magia que tinha estado adormecida em Sebastian até ao ano anterior, era agora um poder que o mago-íncubo conseguia empunhar com um efeito mortífero.

— Como quiseres — disse Sebastian, enquanto se encaminhava para a casa. — Mas se esta pequena discussão produzir ervas daninhas ou pedras nos jardins da Glorianna, és *tu* que os limpas.

Lee dirigiu-se ao jardim murado que continha as paisagens de Glorianna, os fragmentos do mundo que ela mantinha em equilíbrio através da ressonância do seu próprio coração. Então viu Sebastian a virar na direção da caixa de areia que Glorianna apelidava de recreio e apressou-se para o acompanhar.

O recreio era um caixote de madeira, à altura da barriga das pernas, aproximadamente do tamanho de uma cama de casal, e estava cheio de areia. Presa a esta caixa estava outra também de madeira, com cerca de metade do comprimento da primeira, que estava cheia de gravilha e continha um banco de jardim para quem se quisesse sentar. Glorianna criara a caixa como um lugar para Efémera brincar sem haver consequências nas paisagens onde as pessoas viviam. Tinha sido também o meio que Sebastian e Michael tinham usado para chegar a Belladonna.

Michael estava dentro da caixa, com um joelho apoiado na gravilha, usando um chapéu castanho sem forma que lhe tapava o rosto do sol de verão. Talvez fosse a aba do chapéu que impediu o homem de os ver aproximarem-se, mas Lee achou que tinha mais a ver com o facto de o Mágico estar concentrado nos artigos que estavam na areia do recreio.

— Ah, vá lá, criança selvagem. Vá lá — disse Michael. — Não foi isso que eu quis dizer, por isso tendes de parar de me trazer coisas dessas.

Sebastian fez um sorriso rasgado ao olhar para a mão-cheia de relógios de bolso que saíam da areia. Então deu uma gargalhada quando um relógio de lareira que já não tinha ponteiros irrompeu da areia.

— Guardiões e Guias — bramiu Lee. — O que estás a fazer?

Sobressaltado, Michael quase caiu. Lançou-lhes um olhar amargo enquanto se levantava e saía da caixa cuidadosamente.

— É apenas um mal-entendido. Vamos esclarecê-lo. Mais cedo ou mais tarde.

Lee olhou fixamente quando outro relógio de bolso saltou da areia como uma amêijoia de ouro reluzente.

— Estás a ensinar o mundo a *roubar*?

— Não — disse Michael, parecendo agitado enquanto tirava o chapéu.

— Então o que é aquilo? — Lee apontou para o recreio.

— Um mal-entendido. — O tom de voz de Michael continha agora uma certa irritação.

— Ensinaste Efêmera a ser uma ladra — disse Lee. Depois lançou um olhar severo a Sebastian. — Acho que vós os dois estais melhor um para o outro do que eu pensava.

— Tem cuidado — avisou Michael.

Lee praguejou em voz baixa. Não devia ter precisado que lhe relembrassem que Efêmera se formava ao manifestar as ressonâncias do coração humano. E na ilha de Glorianna, o mundo reagia mais às emoções das pessoas do que em qualquer outro lugar.

Momentos depois, os três homens taparam os narizes com as mãos e afastaram-se uns dos outros.

— Luz do dia, Mágico! — disse Sebastian. — Acabaste de soltar um traque?

Michael bufou e apontou para a areia no recreio.

— Ervas de mau cheiro. A criança selvagem começou a produzi-las como resposta aos palavrões. E se vos estais a perguntar quem influenciou Efêmera para que criasse uma erva daninha que cheira a traques de cada vez que alguém pragueja, tudo o que vos posso dizer é que não fui eu. — Voltando-se, apontou para a planta de mau cheiro. — Mas o Lee não estava dentro da caixa para brincar contigo, por isso não devias estar a ouvi-lo com tanta atenção, ao ponto de transformares as palavras dele em plantas.

A erva de mau cheiro enterrou-se na areia. Visto que o odor não desapareceu com a mesma rapidez, os homens afastaram-se do recreio.

— Então — disse Sebastian, arquejando ligeiramente. — *Ensinaste o mundo a roubar*?

— Não — disse Michael com firmeza. Depois hesitou. — Pelo menos, acho que não o fiz. Eu só disse... — Afastando-se mais alguns passos do recreio, baixou a voz. — Só disse que gostaria de roubar algum tempo para que a Glorianna não sentisse que tem de retomar o seu trabalho como Paisagista tão cedo e pudesse descansar mais um pouco.

— E desde então, Efêmera tem estado a trazer-te relógios? — Sebastian soltou uma gargalhada longa e ruidosa.

— É engraçado enquanto não és tu a tentar explicar porque é que tens um cesto cheio de relógios de bolso avariados — resmungou Michael.

— Todos avariados? Então o mundo não está a entrar à socapa nas casas das pessoas e...

— Nem sequer *penses* nisso — disse Michael. — Não, tenho quase a certeza que ele tem estado a encontrar estas coisas nas lixeiras de várias paisagens. Pelo menos, espero que seja isso o que a criança selvagem tem estado a fazer.

— Eu podia falar com o Dalton e perguntar se falta um relógio de bolso ou um relógio de lareira a alguém em Aurora — disse Sebastian. — Como agente da lei, ele teria ouvido falar de um furto misterioso.

— Oh, claro — disse Michael, concordando. — E com uma mão-cheia de diamantes e um par de esmeraldas do tamanho de ovos de pardal, eu poderei pagar seja o que for que a criança selvagem tirou sem autorização.

Saltaram objetos do chão com força e velocidade suficientes para passar pelos seus rostos a silvar. Sebastian apanhou um. Abriu a mão, fitou a esmeralda e depois entregou-a a Michael. Sem dizer uma palavra, procurou na relva e encontrou os diamantes e a outra esmeralda.

Deu a esmeralda e a maior parte dos diamantes a Michael e depois deixou cair um diamante no bolso da sua camisa.

— Eu vi primeiro — disse ele com um sorriso rasgado.

— Podes ficar com ele. — Michael suspirou. — Se eu soubesse que bastava pedir para ter pedras preciosas, podia ter sido um homem rico.

— Não terias pedido mais do que precisavas — disse Sebastian.

— Talvez. Talvez não. A verdade é que a criança selvagem só começou a dar-me coisas destas quando eu criei a minha parcela de jardim dentro do da Glorianna.

Tendo ouvido tudo o que o seu estômago podia tolerar, Lee afastou-se dos outros e dirigiu-se ao portão do jardim murado de oito quilómetros quadrados. Esgueirando-se pelo portão, seguiu os caminhos até aos canteiros que representavam o Santuário, as paisagens que alimentavam e protegiam as correntes de Luz de Efémera. Cada um desses lugares estivera outrora sozinho, isolado pela distância e pela natureza do mundo. Então Glorianna juntou-os, unindo-os para que os Guardiões da Luz tivessem acesso uns aos outros. A maior parte desses lugares continuava a manter-se à parte da correria e agitação das vidas das pessoas, mas a paisagem que a maioria das pessoas conhecia como Santuário era um lugar aberto, onde qualquer um podia ir para descansar e renovar o espírito.

Isto é, qualquer um cujo coração ressoasse com o Santuário.

Será que Glorianna ainda ressoava com os Lugares de Luz? Se atraves-

sasse a ponte estável que ligava a sua ilha ao Santuário, *iria* parar ao sítio certo? Ou será que Efémora a enviaria para qualquer outro lugar?

Se desse consigo mesma num lugar diferente, iria dar o passo entre aqui e ali para regressar ao seu jardim? Ou iria desaparecer para uma paisagem que atraísse Belladonna?

Ao longo das suas vidas, Lee fora o seu colega de trabalho e o seu amigo mais chegado, assim como seu irmão. Tinha tido poucos amigos fora da família porque precisara de ser muito cuidadoso com o que dizia, em quem confiava.

Fizera muitos conhecidos quando acabara os estudos e começara a viajar para inspecionar as pontes estáveis e ressonantes que permitiam às pessoas atravessarem de uma parte de Efémora para outra. E não lhe tinham faltado amantes casuais. Mas não houvera ninguém com quem pudesse partilhar a sua vida, ninguém a quem ousasse confiar os seus segredos de família — e deixar alguém aproximar-se o suficiente para conhecer a sua família significava deixá-lo aproximar-se o suficiente para descobrir pelo menos alguns dos segredos.

Lee suspirou e esfregou o antebraço. Michael não lhe tinha partido apenas um osso. O Mágico tinha também quebrado a amizade que começara a formar-se entre eles, tinha quebrado a confiança. O sentimento de traição ferira-o tanto como o braço partido.

O que o magoava ainda mais era que Michael tinha pedido a ajuda de Sebastian para encontrar um caminho para uma paisagem que ninguém deveria conseguir alcançar. Michael pedira a Sebastian, o primo, e não mencionara o plano ao Construtor de Pontes, o irmão, aquele que tinha posto de lado a própria vida para apoiar Glorianna.

E o Mágico e o mago-íncubo tinham conseguido — tinham criado uma ponte a partir de memórias, coração e música, que era suficientemente forte para trazer Belladonna de volta à Ilha na Bruma, juntamente com a parte de si que pertencia à Luz. A parte de si que era Glorianna.

Esfregando o peito com a mão, como se isso fosse aliviar-lhe a dor no coração, Lee virou costas aos pontos de acesso que levavam à Luz e dirigiu-se para a parte do jardim na qual sabia que a sua irmã estaria.

Ela passava horas sentada num pequeno banco de jardim que colocara à frente dos canteiros que constituíam os pontos de acesso às suas paisagens obscuras. Nem sequer arrancava as ervas daninhas das outras partes do jardim, a não ser que estivesse alguém com ela, mas cuidava meticulosamente dos canteiros para as paisagens obscuras.

Lee aproximou-se dela, com passos ruidosos no caminho de gravilha. Pelo menos, pareciam-lhe ruidosos, mas ela não voltou a cabeça para ver quem se aproximava.

— Queres companhia? — perguntou ele.

Então ela virou a cabeça e ele viu Belladonna, a mulher que expulsara a Luz do próprio coração para se tornar o monstro que o próprio Mal temia. Nesse momento, Lee viu crueldade nos olhos dela; um desejo negro e intenso de o enviar para uma paisagem onde o sofrimento seria a sua única amante.

Então o olhar desvaneceu-se, e Glorianna sorriu-lhe e disse:

— Claro.

Ela mexeu-se no banco, arranjando espaço para ele.

Lee hesitou antes de se sentar tão perto dela — e odiou-se por isso.

— Alguma coisa interessante? — perguntou ele, tentando lembrar-se da facilidade que costumava ter em falar com ela.

— Sim — respondeu Glorianna enquanto apontava para um triângulo de relva.

Lee analisou-o e franziu o sobrolho.

— Porque é que reorganizaste os pontos de acesso para que as outras paisagens obscuras tivessem aquele triângulo próximo do Antro?

— Eu não reorganizei nada, foi Efêmera que o fez. — Glorianna também franziu o sobrolho. — O Antro de Devassidão continua a estar no centro das paisagens obscuras que ressoam comigo, mas Efêmera deslocou os seus pontos de acesso para arranjar espaço para esta nova ligação.

— Mas só está ligada ao Antro — disse Lee.

— As outras paisagens obscuras não estão ligadas umas às outras, exceto pelo Antro, portanto isso não é estranho. Além disso, as paisagens dos demónios não são propriamente hospitaleiras.

— Os Foliões são hospitaleiros. Estão sempre dispostos a receber alguém para o jantar. — Claro que o infeliz que fosse parar à paisagem dos Foliões normalmente acabava por *ser* o jantar.

Glorianna não lhe lançou um sorriso de desaprovação nem lhe deu uma cotovelada.

A sua irmã tê-lo-ia feito. Antes de ter dividido o seu coração para salvar o mundo, tê-lo-ia feito.

— Então, onde é esta paisagem? — perguntou Lee.

— Não sei. Por isso é que é tão intrigante. Ainda não ressoa comigo, mas Efêmera parece achar que o quer fazer. É como se só uma parte da paisagem tivesse começado a ressoar comigo, mas isso não é suficiente para...

— Não vais atravessar! — gritou Lee enquanto se levantava bruscamente. — Não sabes nada sobre aquele lugar, exceto o facto de ser uma paisagem obscura.

— É verdade, não sei — disse Belladonna. Virou a cabeça, não olhando para ele. — Agora, devias ir embora.

— Glorianna...

— *Por favor, Lee. Sai do jardim. Já.*

Lee afastou-se dela dando um passo. Deu outro. Custou-lhe muito perguntar, mas perguntou porque ela era sua irmã e ele ainda a adorava.

— Queres o Michael? Ou o Sebastian?

— Não. Neste momento, não quero ninguém neste jardim.

O próprio coração de Lee azedara aquele momento que passaram juntos. A sua própria mágoa pelo que ela tinha feito para os salvar a todos e o modo como ela tinha voltado estavam sempre a servir de impedimento. Iria servir de impedimento demasiadas vezes?

— Lamento, Glorianna — disse ele.

— Eu também.

Enquanto se afastava da sua irmã e das suas paisagens obscuras, ouviu-a dizer:

— *Efémera, ouvi-me.*

Lee não estava seguro de quem tinha evocado o mundo — a Guia que pertencia à Luz ou o monstro que dominava a Escuridão.

Ela tinha caminhado por aquelas paisagens, integrando-as umas nas outras, transformando-as em encruzilhadas que celebravam a sua pureza de Escuridão, alterando-as para labirintos que não ofereciam qualquer paz, qualquer conforto. Essas coisas não existiam no seu mundo. Ela criou-as a partir da beleza brutal que derivava dos sentimentos em estado puro que viviam no lado sombrio do coração humano. Ela era loucura sublime, fúria magnífica, indiferença divina.

Naquele lugar, ela tinha sido Belladonna.

Simplesmente Belladonna.

Pousando os pés em cima do banco, Glorianna deixou cair a testa sobre os joelhos e estremeceu, tentando não dar a *Efémera* uma ordem enquanto as correntes mundanas de Escuridão e de Luz rodopiavam em seu redor, à espera de ressoar com o que quer que o seu coração desejasse.

Infelizmente, quando ela não estava alerta, ansiava pelo poder desmesurado que tinha empunhado na paisagem obscura que criara para o Devorador do Mundo. Não era suposto ter abandonado aquela paisagem. A Guerreira da Luz teve de beber do Cálice da Escuridão e expulsar a Luz do seu próprio coração. Assim que o fizera, tornou-se o maior perigo para aqueles em seu redor.

Mas Michael, Sebastian e *Efémera* tinham encontrado uma forma de a alcançar. Relembrou-lhe quem ela tinha sido e, ao ouvir a música do

coração de Michael, ela tinha usado o ponto de acesso que Efêmera criara e dera o passo entre aqui e ali.

E ao dar esse passo, Glorianna tinha recuperado a Luz que expulsara do seu coração. Mas não estava inteira. Já não era Glorianna Belladonna. Era Glorianna e era Belladonna. Separadas. Opostas. Tal como as suas paisagens obscuras e o Santuário. O problema era que lhe faltava o meio-termo dentro de si, e ela não sabia como corrigir isso. Não sabia se alguém poderia corrigi-lo.

Agora possuía esta paisagem misteriosa que ainda não era sua. *Pensava* que a sua ressonância poderia ser suficiente para ela atravessar e descobrir que lugar era aquele — e onde era. Só que não parecia uma paisagem obscura, apesar de Efêmera achar que devia estar ligada ao Antro, e não parecia uma paisagem que pertencesse à Luz.

E não tinha a certeza se aquele fragmento do mundo apelava a Glorianna ou a Belladonna.

Algo ondulou pelas correntes de poder de Efêmera. Depois percorreu a Paisagista. A ambas as suas partes.

— Talvez não seja a paisagem que esteja a chamar-me — sussurrou enquanto erguia a cabeça para analisar o triângulo de relva.

Alguém daquela paisagem desejava algo com tanta intensidade que um anseio do coração tinha escapado pelas correntes de poder — e encontrara-a porque ela não era apenas uma poderosa Paisagista; era também uma Guia do Coração.

Glorianna baloiçou os pés para fora do banco e depois voltou a levantá-los, sobressaltada pelo facto de a gravilha se ter mexido subitamente entre os seus pés. Um instante depois, um relógio de bolso saiu parcialmente da gravilha.

Oh, isto não pode ser bom, pensou ela enquanto alcançava o relógio com o mesmo entusiasmo que uma pessoa sente ao pegar num rato que o gato da família deixou como presente.

Antes que pudesse tocar-lhe, o relógio voltou a serpentear para debaixo da gravilha.

Ela fitou a gravilha e depois o triângulo de relva.

— Não está na hora de eu lá ir?

sim sim sim

Pelo menos compreendia a mensagem de Efêmera.

E achou que seria melhor não perguntar ao seu amante onde — e como — a criança selvagem tinha adquirido o relógio.

Depois ouviu a música. Michael cuidava do jardim que fizera dentro do jardim dela, ao tocar a sua flauta. O Mágico ouvia a canção de um lugar e mantinha os seus fragmentos do mundo equilibrados com melodias —

juntamente com a sua capacidade de causar infortúnios e trazer boa sorte, que eram as formas de o poder de um Mágico se ligar ao mundo.

Lançando um último olhar pensativo ao triângulo de relva, ela seguiu o som da flauta até chegar ao jardim de Michael.

Ele terminou a melodia e lançou-lhe um sorriso tímido.

— Então, o que é que tu e a criança selvagem têm andado a aprontar hoje? — perguntou ela.

— Depende — respondeu ele. — O que achas de diamantes e esmeraldas?

sim sim sim

Sabendo que não devia responder quando Efémora estava tão ansiosa por agradar, disse:

— Toca outra melodia, Mágico.

— Lee.

Praguejando em voz baixa, Lee voltou-se para esperar pelo homem que caminhava a passos largos, vindo da casa de hóspedes do Santuário. Se não tivesse parado para ir buscar comida para meter na sua mochila, podia ter-se escapulado do Santuário como se escapulira da Ilha na Bruma depois de ter abandonado o jardim de Glorianna.

— Ilustre Yoshani — disse ele. — Viestes também discutir comigo?

— Com quem discutiste hoje? — perguntou Yoshani.

Lee viu apenas compaixão nos olhos sombrios do homem santo.

— O Michael. O Sebastian. A Glorianna. — Desviou o olhar, para não ir ao encontro dos olhos de Yoshani. — Todos vós pensais que estou errado, que devia aceitar que ela nunca mais será a mesma e que devia fazer as pazes com o Michael porque sou o irmão da Glorianna e ele é o que ela tem de mais semelhante a um marido sem ter feito os votos formais.

— Ele diria esses votos sem hesitar. É a Sensata Glorianna da Escuridão que não está pronta para dar esse passo. — Yoshani hesitou. — Não pediste o meu conselho, mas visto que estamos no Santuário, vou dar-to de qualquer forma. Há muita mágoa e raiva no teu coração. Isso tolda a tua capacidade de ver as pessoas que te rodeiam por quem são e por aquilo que são agora. Talvez precises disto, mas um homem que faz o teu trabalho não pode dar-se ao luxo de guardar tanta mágoa e raiva no seu coração. As pessoas mudam, Lee. E o mundo muda. Sabes isto melhor do que a maioria das pessoas. Não deixes que estes sentimentos obscuros te mudem ao ponto de não conseguires voltar a encontrar o caminho de casa.

— Eu conseguirei sempre voltar para casa — disse Lee, com a voz a

tornar-se agressiva para desafiar o estranho arrepio causado pelas palavras de Yoshani.

— Consequirás? — perguntou Yoshani delicadamente. — Se recusares ver a Paisagista, será que vais conseguir encontrar as suas paisagens?

Lee afastou-se alguns passos de Yoshani.

— Tenho de ir.

— Faz uma gentileza aos teus amigos e à tua família. De dois em dois dias, regressa ao Santuário e mostra-nos que estás bem. Ainda há magos e alguns Guias das Trevas escondidos nas paisagens que ficam para lá do controlo da tua mãe e da tua irmã. E os Construtores de Pontes que sobreviveram ao ataque do Devorador não pararam de criar pontes para pessoas que precisem de sair do lugar onde estão.

Razão pela qual Lee tinha de fazer patrulhas e estar vigilante. Mas não podia negar que a sugestão de Yoshani era prudente.

— Tudo bem — disse. — Usarei a minha ilha para chegar às paisagens da mãe e da Glorianna, para não passar muito tempo sozinho nas estradas. E a cada segundo dia voltarei aqui e dar-vos-ei a vós ou à Brighid o meu itinerário para a próxima parte da viagem.

— É justo. — Yoshani sorriu. — Viaja com leveza, Lee.

Acenando ao homem bruscamente com a cabeça, Lee caminhou até ao ribeiro e até à ilhota que repousava ali no meio. Como era a sua própria paisagem pessoal, existia na ponte da sua vontade quando Lee a impunha sobre outras paisagens. Por causa disso, o Santuário — e a segurança — nunca estavam a mais de um passo de distância.

Caminhando agilmente pelo caminho de pedras, saltou para a ilha e cambaleou, desequilibrado.

Houvera algum momento em que a ilha não tinha estado sob os seus pés? Mas ele estava no Santuário, onde a ilha existia realmente. Como era possível que *não* estivesse lá?

Lee dirigiu-se ao centro da ilha e deixou a sua mochila junto à fonte — uma tigela de pedra negra com um pedaço de cana oca que extraía água fresca do ribeiro. Analisou cuidadosamente cada secção da ilha para ter a certeza que nada nela tinha mudado. Então levou-a para uma paisagem que pertencia à sua mãe.

Deixa que o teu coração viaje com leveza. Porque o que trazes contigo torna-se parte da paisagem.

A Graça do Coração era uma das primeiras coisas que tinha aprendido, mas esta era a primeira vez nos seus vinte e nove anos que aquelas palavras o deixavam apreensivo.



CAPÍTULO DOIS

Danyal sentiu o seu coração animar-se enquanto olhava para as duas mulheres que estavam agora no centro da vida de Kanzi. Quatro anos antes, tinha dado um empurrãozinho a Nalah na direção desta comunidade de artistas e artesãos, esperando que fosse ela a conseguir preencher o vazio na vida de Kanzi.

Ela tinha feito mais do que preenchê-lo. Esse vazio que existira no seu sobrinho agora transbordava de energia e alegria.

Erguendo as mãos à altura do coração, Danyal juntou as palmas e proferiu a bênção para recém-nascidos.

— Que ela vos conceda cem lágrimas e mil momentos de alegria.

— Obrigado, tio — disse Kanzi.

— Já escolheste um nome? — perguntou.

— Nali — disse Kanzi no mesmo instante em que Nalah disse: — Ephyra.

Danyal riu-se.

— Ah, paciência. Ainda tendes algum tempo antes do Dia do Batismo para decidir.

— Já decidimos — disse Kanzi.

Seguindo aquelas palavras, Nalah disse:

— Só não concordamos. — Depois sorriu para Danyal. — Então e tu, tio? Não gostarias de um para ti? Ou talvez apenas uma esposa, alguém de quem ser companheiro e parceiro? Tenho algumas amigas que...

Sobressaltado, Danyal virou-se subitamente, o que a fez rir, e aquele riso ajudou-o a esconder a dor causada pela verdade das suas palavras. Ele *gostaria* de ter uma parceira, de *ser* um parceiro. Mas os Xamãs não eram pessoas comuns. Embora ele apreciasse ser um amante sempre que o tempo e as circunstâncias o permitiam, ainda não tinha conhecido uma mulher que se sentisse à vontade por muito tempo com a forma como ele via o mundo — ou via o âmago dos corações das pessoas. E ultimamente começara a questionar-se quando

é que deixara de associar as palavras “companheira” e “parceira” ao sexo.

Ultimamente andava a questionar-se sobre muita coisa.

— Não respondes, tio? — perguntou Nalah, com a voz ainda cheia de um riso trocista que também continha amor.

— *Nalah* — disse Kanzi, parecendo irritado.

— Tem calma, sobrinho — disse Danyal. — Não admito ter sido casamenteiro no que toca a vós os dois, mas concedo que mereci essa troça. — Apontou um dedo a Nalah, em tom de brincadeira. — Mas só uma vez.

— Só uma vez — concordou ela.

— Porque não corto alguma fruta para todos nós? — Retirou-se para a cozinha arejada, em busca de solidão. Mal teve a sensação de estar sozinho, quando o seu sobrinho se juntou a ele.

— A Nalah não fez por mal — disse Kanzi.

— E nenhum mal foi feito — respondeu Danyal em voz baixa enquanto escolhia a fruta mais madura da tigela que estava em cima da mesa. — Emprestas-me a tua mochila, sobrinho?

— Claro, mas... Não vais ficar?

— A minha mente precisa de pensar e os meus pés precisam de caminhar. Amanhã a tua casa estará apinhada. *E ter aqui um Xamã vai fazer com que os teus outros convidados não se sintam à vontade para serem eles próprios*, concluiu em silêncio.

Mas Kanzi ouviu o que não foi dito.

— És sempre bem-vindo em minha casa, tio. Sabes disso, não sabes?

Danyal sorriu enquanto cortava a fruta e a dispunha num prato.

— Eu sei. Estar aqui com os três é como encontrar um oásis no deserto, mas eu gostaria de ter um dia de solidão na aldeia onde cresci, um dia para ouvir a terra. — Colocou uma pequena tigela no centro do prato que continha a fruta cortada e começou a partir nozes.

— Então terás o teu dia solitário. — Kanzi hesitou. — Estou feliz por estares aqui. A Nalah também está.

As palavras foram ditas com demasiado entusiasmo para esconder a preocupação. Um Xamã de quarenta e um anos poderia descansar por uma temporada após uma missão exigente, mas não tirava uma licença de um ano sem um motivo grave.

— Estou feliz por estar aqui. — Danyal pegou no prato de fruta e nozes, um sinal evidente de que a conversa tinha terminado. — Voltemos à outra divisão para admirar a tua filha.

...

Na manhã seguinte, Danyal esgueirou-se da casa de Kanzi aos primeiros raios de luz. A mochila continha um jarro esguio de água tapado por uma rolha e um pão ázimo enrolado e recheado com uma mistura de tâmaras, nozes cortadas e queijo doce. Continha também a sua caixa de lápis e as folhas de papel que usava para esboços rápidos.

Era tudo de que precisava para aquele dia.

Percorreu as ruas suas conhecidas, aliviado por ainda haver tão poucas pessoas a pé. Tinha crescido ali e ainda adorava a vibração da terra naquela parte de Visão. Mas soubera desde cedo que não era como o resto das pessoas daquela comunidade; não era como os seus pais ou a sua irmã mais velha, não era sequer como os rapazes e raparigas que eram chamados aos templos da aldeia e a uma vida espiritual. Era um Xamã, uma voz do mundo. Alguém que não era exatamente humano — ou era um pouco mais que humano. Alguém *diferente* devido a algo que emergia em linhagens específicas numa ou noutra geração.

Era considerado uma bênção ter um Xamã na família, mas as bênções eram muitas vezes facas de dois gumes, e muitas pessoas consideravam que desfrutariam melhor de uma relação dessas à distância.

Não enchas os teus bolsos com tristezas, repreendeu-se a si mesmo.

Depois de tomar um longo gole de água, mudou de direção para voltar a encher o jarro no poço do mercado. Agora as pessoas já estavam a pé e andavam de um lado para o outro, a abrir as suas bancas e a preparar as suas mercadorias. Em breve o mercado estaria apinhado de gente.

Enquanto se encaminhava para o poço, apercebia-se dos olhares arrojados e avaliadores que algumas das mulheres lhe lançavam — até lhe olharem para o rosto, para os olhos. Então viravam costas, com expressões de vergonha e medo, esperando que ele não tivesse reparado.

O que um corpo deseja nem sempre é aquilo de que o coração precisa, dissera-lhe uma vez o seu mentor, Farzeen. *Mesmo entre os Xamãs, os teus olhos são invulgares. Quando uma mulher conseguir dizer-te a cor dos teus olhos, saberás que ela vê o homem que és e não apenas a tua ligação ao mundo.*

— Em que posso ajudar-vos, Xamã?

A voz do homem era calorosa, mas os seus olhos castanhos ostentavam preocupação.

Danyal conteve um suspiro. Um Xamã punha o seu nome de parte quando vestia as togas brancas. Mas hoje não estava a usá-las, não estava a trabalhar como uma voz do mundo. Para a maior parte das pessoas, isso não importava, até mesmo para um homem com quem tinha andado no colégio quando era pequeno.

— Só vou voltar a encher o meu jarro de água — disse Danyal.

— Deixai-me dar-vos uma mãozinha com isso.

Danyal não precisava de uma mão, mas deixou o homem içar o balde do poço e despejar a água fresca no jarro.

— Obrigado — disse Danyal enquanto colocava a rolha no jarro. Porque seria importante, acrescentou: — Que o teu coração viaje com leveza.

O homem corou de satisfação... e alívio. Aquelas palavras, ditas por um Xamã, eram uma bênção ouvida pelo mundo.

Danyal enfiou o jarro na mochila, pôs uma alça por cima do ombro e depois afastou-se do mercado, escolhendo a estrada estreita a oeste que passava por entre bosques e campos. A alguns quilómetros ao fundo dessa estrada havia uma ponte e para lá dessa ponte havia uma enorme árvore onde podia sentar-se à sombra e desfrutar da sua refeição simples.

Queria viajar, *precisava* de viajar. Queria passar algum tempo num lugar onde pudesse ser Danyal em vez de Xamã. E precisava de encontrar alguém que pudesse ajudá-lo a compreender porque é que nas últimas semanas tinha cada vez mais a sensação de alguém estar sempre a observá-lo, sempre ciente dele através da sua ligação a Efémora. Não uma mente malévola, mas também não uma mente passiva e confortável. Em alguns dias não estava certo de esse sentimento ser real ou se a sua mente estaria de alguma forma a quebrar.

Apenas Farzeen tinha conhecimento daquela preocupação com a sua saúde mental e estabilidade emocional; era o motivo pelo qual o velho mentor de Danyal tinha conseguido que ele tivesse uma licença de um ano de todos os seus deveres.

Danyal viu a ponte que atravessava o ribeiro e, para lá dela, viu a grande árvore onde faria a sua refeição. O seu estômago roncou. Riu-se suavemente e alargou o passo.

A meio da ponte, já não estava a rir-se. A luz tornava-se mais ténue e o ar arrefecia a cada passo que dava. A árvore desvaneceu-se até já não estar ali. E subitamente uma voz sussurrou: *não é teu*.

Agora com cuidado, e recusando-se a acreditar que ouvira aquilo que ouvira, Danyal aproximou-se mais dois passos até ao outro lado da ponte.

Subitamente levantou-se uma brisa que lhe fez pressão no rosto e no peito.

Deu outro passo — e uma rajada de vento atirou-o para trás.

não é teu

Uma necessidade teimosa de provar que a sua mente não estava a enganá-lo obrigou Danyal a inclinar-se contra o vento. Recuperou o equilíbrio e deu o último passo sobre a ponte. A sua mão fechou-se sobre o corrimão, apertando-o violenta e dolorosamente à medida que a terra diante

de si fluía e alternava entre o nítido e o desfocado, deixando-o tonto e algo enjoado.

— O que é aquilo? — sussurrou. Luz, escuridão, sombra. Igual, mas não igual. E...

não é teu!

A rajada de vento seguinte quase o atirou ao chão.

Danyal recuou cuidadosamente daquela extremidade da ponte. O vento rodopiava em seu redor, empurrando-o até chegar ao ponto intermédio. Depois desapareceu.

Danyal parou e fitou a grande árvore do outro lado do ribeiro. Tinha desaparecido quando ele tentara atravessar a ponte. Agora voltara.

Danyal não considerou que a terra estranha que avistara do outro lado da ponte fosse maléfica, mas não fazia parte da cidade, não era parte de nada que o seu povo conhecesse. E algo queria que ele se afastasse dela.

Recuando para o seu lado da ponte, Danyal sentou-se na margem do ribeiro e obrigou-se a comer a sua refeição.

O que acontecera? Porque é que a terra que ele conhecera toda a sua vida se tinha desvanecido, apenas para ser substituída por outra coisa qualquer?

anseio do coração

Danyal sentiu correntes de poder a fluírem em seu redor e através de si. Levantou-se com um salto, alarmado. Então obrigou a sua respiração a abrandar. Era *esta* a consciência que tinha andado a observá-lo nos últimos meses. Talvez conseguisse obter algumas respostas.

— Quem és tu?

Uma hesitação que continha esperança e desilusão na mesma medida.

mundo

— Efémera?

sim sim sim

Efémera, o mundo vivo e em constante mutação estava realmente a *falar com ele*? Como? Porquê?

Danyal limitou-se a respirar enquanto ponderava no que estava a acontecer. A voz que lhe sussurrara podia ser a do mundo, mas na sua cabeça soava como uma criança e, tal como uma criança, podia fugir à fúria ou a exigências.

Fizera uma pergunta. Efémera tentara responder.

— Qual anseio do coração? — perguntou delicadamente. E o que *era*, ao certo, um anseio do coração?

não é teu anseio do coração. danyal anseio do coração. ela vai saber.

Saber o quê?, pensou.

— Quem é ela?

Em vez de responder, as correntes de poder dissiparam-se, deixando-o abalado.

Precisava de contar ao Conselho de Xamãs pelo menos uma parte do que acabara de acontecer. Precisava de dizer a Kanzi para não usar a ponte na estrada a oeste. E, em privado, precisava de perguntar a Farzeen se os Anciões sabiam alguma coisa sobre anseios do coração — ou se alguma vez tinham ouvido que o mundo *falava* com um Xamã em vez de manifestar emoções em fragmentos tangíveis de si mesmo.

Danyal desfez o resto da sua refeição em pedaços, espalhando-os para os pássaros e outras criaturas. Então pôs a mochila ao ombro e apressou-se a voltar à casa de Kanzi.

Quando chegou à casa, o seu sobrinho pegou na mochila, entregou-lhe uma carta selada e deu-lhe privacidade.

Danyal quebrou o selo e leu...

Danyal,

Algo tenebroso atingiu a cidade de Visão. Não conhecemos o seu nome ou a sua natureza, mas agora temos a certeza que lá está. Os Xamãs que cuidam de fragmentos das partes sul e noroeste da cidade estão a reportar que já não conseguem ver algumas ruas que percorreram na última temporada, que já não conseguem sentir o que está a acontecer nos corações das pessoas que ali vivem — já não conseguem ser uma voz para o mundo porque algo está a deixar-nos cegos e mudos.

Prometemos-te um ano para descansar dos teus deveres e procurar aquilo que o teu próprio coração busca. Estamos a quebrar essa promessa e entristece-me que tenhas de terminar a tua visita ao teu sobrinho e regressar imediatamente para assumir os teus novos deveres como Encarregado do Asilo do Sul.

Sabemos que estás cansado e sabemos que esta é uma tarefa difícil — e só eu compreendo a crueldade de te pedir isto quando estás preocupado com a tua própria sanidade. Normalmente, os Xamãs não são Encarregados do Asilo. Estamos demasiado em sintonia com as paisagens interiores das pessoas que nos rodeiam, e estar rodeado pelos perturbados dia após dia acaba por nos perturbar também. Mas os leitores de ossos e os videntes estão todos a enviar-nos a mesma mensagem: haverá uma convergência de aliados e inimigos num lugar de sombras — um louco e um professor, um guia e um monstro. O louco é a razão pela qual queremos um dos nossos como Encarregado do Asilo.

O Conselho considerou todos os Xamãs, independentemente da idade, e todos concordámos. Tudo se resume a ti, Danyal. Não és como os outros Xamãs. Nunca foste, e aquilo de que o teu próprio coração precisa é algo que os

Anciões não te podem dar. Devido a isso e à tua capacidade invulgar de ver os corações dos outros com tanta clareza, és a única hipótese que temos de salvar Visão. Por muito que ames esta cidade, estás à procura de algo para além do que podes encontrar aqui. Esperamos que as necessidades do teu próprio coração te conduzam à pessoa que nos pode ajudar a ver e compreender o inimigo.

Dar-te-emos toda a ajuda que pudermos, mas, no final, é a tua voz que falará por todos nós — e pelo nosso fragmento de Efémera.

Viaja com leveza,

Farzeen, em nome do Conselho de Xamãs

Danyal dobrou a carta. No dia anterior ter-se-ia questionado se estariam a enviá-lo para o Asilo em busca de um louco ou por acreditarem que tinha enlouquecido. Agora que sabia que estava são, não podia contar ao Conselho o que tinha acontecido na ponte, não podia contar-lhes que o mundo falara com ele. Não queria esta missão, mas tinha de ser ele a aceitá-la porque as palavras de Efémera flutuavam na sua mente: *não é teu anseio do coração. danyal anseio do coração. ela vai saber.*

Não era uma coincidência que o mundo comunicasse agora consigo. Não quando havia partes da cidade a mudarem e um estranho pedaço de terra aparecia e desaparecia.

— Deixa que o teu coração viaje com leveza, porque o que trazes contigo torna-se parte da paisagem — sussurrou.

Então saiu do quarto para encontrar Nalah e apresentar as suas desculpas — e para encontrar Kanzi e o avisar para se afastar da ponte na estrada a oeste.





CAPÍTULO TRÊS

Lee percorreu uma estrada conhecida após outra, mantendo um passo ligeiro que cobria uma boa parcela de terreno num só dia. Tinha andado a usar a sua ilha para viajar entre paisagens, como prometera a Yoshani que faria, mas o tempo estava agradável e a caminhada ajudava-o a aliviar a inquietação e infelicidade que não conseguia afastar. Assim como não conseguia afastar a sensação de que devia estar algures noutra lugar.

Mas onde era esse outro lugar? Essa era a principal razão pela qual caminhava tanto, em vez de usar a sua ilha para se deslocar do local de uma ponte para o seguinte. Mantinha um diário nos últimos nove anos. Sabia onde se encontravam as suas pontes. Mas para estar atento a ligações que outros Construtores de Pontes tinham criado com as paisagens da sua mãe ou de Glorianna, era preciso estar suficientemente perto para sentir a sua ressonância. Por isso, caminhava para poder verificar qualquer coisa que lhe chamasse a atenção.

Era uma boa história e ele ia mantê-la — principalmente porque lhe dava uma desculpa para evitar a sua família, assim como amigos como o Provocador, que viviam no Antro de Devassidão. Na outra noite, o íncubo passara uma hora a contar-lhe acerca de uma rapariga de quem se tornara *amigo*. Nada de sexo, apenas passeios, uma pequena conversa e mãos dadas. Para um íncubo, tal comportamento era inédito — a não ser que levasse ao género de sonhos tórridos de que os íncubos se alimentavam.

Há um par de anos, o Provocador nem teria considerado fazer tal coisa, mas muito tinha mudado no Antro quando Sebastian se apaixonou por Lynnea e criou possibilidades que não existiam.

Todos têm uma oportunidade de mudar, menos eu, pensou, debatendo-se para afastar a fúria e a amargura que frequentemente o preenchiam.

Ao longo de toda a sua vida, nunca duvidara que manter Glorianna a salvo dos magos justificasse as coisas que não se atrevia a desejar para si mesmo — como ter uma verdadeira amante ou que um fragmento da sua vida não fosse definido pelas necessidades da sua irmã. Ultimamente, começara a questionar-se se tudo o que fizera tivera alguma importância. Será

que alguém na sua família se apercebia do quanto ele se sentira assustado durante aqueles anos no Colégio de Construtores de Pontes? Os instrutores tinham-no vigiado, sempre prontos a denunciá-lo aos magos caso ele manifestasse algo de estranho no poder que permitia que os Construtores de Pontes unissem fragmentos de Efémera. Tinham-no vigiado em busca de qualquer sinal de que ele pudesse estar em contacto com a sua irmã.

Mesmo depois de ter deixado o colégio, teve de regressar algumas vezes em cada temporada para dar uma lista das pontes que tinha criado, quebrado ou reforçado. Reportava as pontes nas paisagens da sua mãe, Nádia, e aquelas que fizera nos fragmentos do mundo de outras Paisagistas, mas nunca admitiu ter viajado por quaisquer paisagens de Glorianna.

Nove anos a serem amigos, companheiros e irmãos. Nove anos a ser a pessoa a quem ela confiava as paisagens a seu cuidado, assim como a ser uma das poucas pessoas que sabia como a encontrar. Então Michael, um Mágico de um país chamado Elandar, entrou na vida da sua irmã e tudo mudou.

Porquê ter a companhia de um irmão quando podia ter um amante?

Estás com ciúmes porque tens de partilhar?, perguntara Sebastian, parecendo irritado e chocado. *Vê se cresces, Lee.*

Para Sebastian era fácil falar. Não tinha vivido os momentos mais intensos, dia após dia. Tinha sido o primeiro rebelde do Antro de Devassidão, um íncubo a quem bastava pavonear-se pelas ruas do Antro para conquistar amantes.

Lee suspirou quando alcançou a ponte que queria inspecionar. Aquela não era uma avaliação justa acerca de Sebastian ou da vida do íncubo.

— Eu não estava irritado por ter de partilhar — murmurou. — *Quero que a Glorianna seja feliz. Eu só...*

A ponte à sua frente tornou-se indistinta. Luz, escuridão e algo intermédio. Num instante era uma ponte estável que unia duas das paisagens da sua mãe e no seguinte estava a ressoar violentamente, de uma forma que Lee nunca sentira — como se algo estivesse a tentar agarrar-se cegamente, numa tentativa desesperada de encontrar um apoio algures.

Então a névoa parou e a ponte voltou a ser uma ponte estável.

— Guardiões e Guias — sussurrou Lee, sentindo-se como se tivesse sido volvido e sacudido. Só tinha sentido algo deste género uma vez, quando a irmã de Michael, Caitlin Marie, ansiara por alguém que pudesse compreendê-la. Esse anseio tinha ressoado pelas correntes de poder com tamanha intensidade que Lee conseguira seguir a ressonância e encontrá-la. Mas Caitlin fora apenas uma ressonância. Isto quase pareciam três, que de alguma forma estavam entrelaçadas.

O que — ou quem — era suposto ele encontrar desta vez?

As correntes de poder rodopiaram em seu redor; uma, duas, três vezes.

Quando o chão voltou a parecer firme, Lee virou costas à ponte e alcançou uma das árvores que orlavam o caminho até ao centro da sua ilha.

Sob a sua mão, a casca de árvore não existia.

Alarmado, deu outro passo. Depois outro. *Onde...?*

Exercendo a sua vontade, ressoou com a ilha — e finalmente sentiu-a do outro lado da estrada, a doze passos de onde se encontrava.

Agora a suar, correu para a ilha e pisou um solo não muito diferente da terra que acabara de abandonar. Agarrando-se firmemente à árvore, no caso de se sentir tonto, fechou os olhos e pensou: *Santuário. Leva-me para o Santuário.*

Ouviu água. Quando abriu os olhos, viu o ribeiro e o caminho de pedras que levava da ilha até à margem. Viu a casa de hóspedes onde tinha um quarto sempre disponível para si — uma cortesia, visto que o Santuário era uma das paisagens de Glorianna.

Pegando na sua mochila e na sua mala de viagem, Lee saiu da ilha, atravessou o caminho de pedras e encaminhou-se para a casa de hóspedes. Esgueirou-se para o seu quarto silenciosamente, satisfeito por ter evitado Brigid, a tia de Michael, bem como Yoshani, que servia de anfitrião e conselheiro às pessoas que, em busca de paz ou orientação, encontravam o caminho para aquela parte do Santuário.

Glorianna também tinha ali um quarto, ligado ao seu pela casa de banho partilhada. Mas a sua irmã não tinha deixado a Ilha na Bruma desde que voltara *daquele lugar*.

Lee abanou a cabeça, recusando-se a pensar nisso naquele momento — principalmente quando a sua pele lhe pareceu subitamente húmida e fria.

Um banho e dormir um pouco. Mais tarde desceria e comeria alguma coisa.

Enquanto enchia a banheira, olhou-se ao espelho sobre o lavatório. Olhos verdes e cansados retribuíram-lhe o olhar. O seu cabelo preto tinha crescido o suficiente para ter um aspeto desganhado. Em breve teria de parar num barbeiro para o cortar. A sua pele estava um pouco bronzeada devido a todo o tempo que passava no exterior, mas não estava rugosa ou enrugada, por isso Lee não parecia ter mais do que os seus quase trinta anos. Não era perigosamente belo como Sebastian, mas as mulheres achavam-no atraente, e isso chegava-lhe.

Esta era a segunda vez em duas semanas que a sua ilha não tinha estado onde ele achava que devia estar, a segunda vez que sentira resistência quando tentava trazê-la até si. A ilha estava em sintonia com ele, por isso

tal não devia acontecer — a não ser que algo estivesse a interferir com a sua ligação a ela.

Glorianna? Não. Ela sabia o quanto ele dependia da sua capacidade de impor a sua ilha sobre outras paisagens para cuidar de todas as pontes. Sabia o valor de ter água fresca disponível e de poder acampar de um dia para o outro sem se preocupar com ladrões ou qualquer um que pudesse querer atacar um viajante solitário. Glorianna sabia tudo isto. Mas e Belladonna?

Ninguém podia adivinhar o que Belladonna sabia.

Ninguém podia adivinhar o que Belladonna poderia fazer.

Lee ainda amava a sua irmã. Amava mesmo. Mas estava cansado de não ter as coisas que os outros homens tomavam como garantidas: uma companheira, uma casa. Estava cansado de ser um Construtor de Pontes em viagem. Queria fazer algo mais da sua vida, queria *ser* algo mais.

Não sabia como fazer qualquer uma dessas coisas sem sentir que tinha abandonado as pessoas que mais precisavam dele — a sua mãe, a sua irmã, o resto da família.

As correntes de poder rodopiaram em seu redor, uma, duas vezes, deixando-o algo desequilibrado.

— Isso são problemas para outro dia. — Suspirou enquanto fechava as torneiras e despia as suas roupas sujas. Acomodando-se na água, recostou-se, fechou os olhos e tentou ignorar a confusão que lhe preenchia o coração.

APELIDAM-SE A SI MESMOS DE TRÍADES, FILHOS DA DEUSA TRÍPLICE. Entraram sorrateiramente na cidade de Visão, com a esperança patética de conseguir aqui um ponto de apoio, mas os meus magos capturaram duas das criaturas para que as examinasse.

Uma Tríade é composta por três seres que habitam um corpo nuclear, que consiste do cérebro (mas a mente é distinta para cada um), os órgãos internos e os ossos. A altura não muda e não há diferença significativa de peso entre os aspetos, como se referem a si mesmos. Contudo, há diferenças suficientes nos músculos e no formato do corpo para serem notórias, principalmente entre o mais fraco e o mais forte dos três. Cada um tem um rosto distinto, e características como a cor da pele, olhos e cabelo podem variar largamente. Cada um tem a sua própria personalidade, as suas próprias memórias, embora possam partilhar uma experiência até certo ponto.

Um membro de uma Tríade tem uma marca no braço esquerdo — um coração dentro de um triângulo. Isto permite-lhes identificar outros da mesma espécie, visto que nunca são francos acerca da sua presença numa cidade.

Esta capacidade de apenas um deles exibir a prova de uma alteração física fascina-me, tanto que realizei alguns testes. Agressões como queimaduras ou cortes num dos aspetos não surtem efeito nos outros dois. Apesar de fazerem parte do núcleo partilhado, um osso partido, se for uma fratura limpa, só incapacita aquele a quem o ferimento foi infligido, embora os outros dois sintam fraqueza e dor nesse membro e fiquem com o seu uso extremamente limitado. Uma febre produzida num enfraquecerá os outros dois até certo ponto, ou poderão sofrer uma versão menor da mesma doença. Contudo, se amputarmos a mão de um, essa mão desaparece nos três. Curiosamente, remover os olhos a um dos aspetos não cega os outros dois. Nem o facto de se destruir os tímpanos leva a uma perda de audição nos outros dois aspetos. Por outro lado, os dentes e a língua parecem fazer parte do núcleo, e se um os perder, todos os perdem.

Demorei algum tempo a recordar-me do que aprendi durante a minha formação, mas à medida que fazia experiências nos meus espécimes, lembrei-me dos relatórios acerca desta raça de demónios.

Os Guias das Trevas encontraram estas criaturas há várias gerações, antes de o mundo ter quebrado durante a guerra entre as Guias do Coração e o Devorador do Mundo. Alguns dos Guias das Trevas plantaram a sua semente nas mulheres cujos corações já alimentavam as correntes de Escuridão do mundo, para que a prole nascesse com um instinto de discórdia — e talvez até uma parte do dom da persuasão dos magos.

Ajudámo-los a voltarem-se contra a sua própria espécie. Ajudámo-los a soltar o seu fragmento do mundo do resto de Efémera e depois temperámos os seus corações com culpa e censura, que lhes azedou a terra, espalhando aqueles sentimentos como ervas daninhas que crescem rapidamente. Mesmo depois de os termos abandonado, a nossa ressonância nos seus corações ajudou-os a esmagar a sua própria esperança, o seu próprio futuro. Há tanta destruição que um Guia das Trevas pode conseguir quando o ódio de um irmão é alimentado e está disfarçado de amor.

Sim, já tínhamos visto estas criaturas. Usámo-las para alterar a ressonância de outras paisagens, para algo mais obscuro. Quando uma raça é tão diferente, torna-se fácil culpá-la quando as coisas começam a correr mal, o que acontece quando os magos se esforçam por remodelar um lugar.

Apelidam-se a si mesmos de Tríades. Nós chamamos-lhes bodes expiatórios.

— Uma entrada no *Livro dos Segredos Obscuros*



CAPÍTULO QUATRO

Zhahar lavou os dentes à pressa e depois molhou uma toalha e lavou o rosto e as axilas — e fez uma oração à Deusa Tríplice para que a ajudasse a manter-se um passo à frente de alguém importante.

— Não posso atrasar-me — murmurou enquanto tirava roupa interior das gavetas. — Hoje, não. — Encontrou um par de calças limpas, adequadas para o trabalho, mas a única túnica de mangas curtas que restava no armário era de Sholeh. Felizmente, aquele tom de verde favorecia a sua compleição e o seu cabelo castanho, assim como a pele mais clara da sua irmã e o seu cabelo acobreado.

Uma delas teria de lavar alguma roupa nesse serão — e provavelmente acabaria por ser ela, visto que Sholeh tinha de se manter a par dos estudos. Talvez Zeela?

Seria mais fácil ensinar um porco a voar.

=Eu lavo a roupa esta noite= disse Zeela.

Sobressaltada por aquela oferta, Zhahar quase falhou um passo enquanto corria para a alcova que usavam como cozinha. Era tentador agarrar a sua mochila e correr para apanhar o carro comunitário, mas Sholeh tinha tendência a ficar trémula e desorientada se não quebrassem o jejum de manhã e comessem refeições leves ao longo do dia.

Sholeh? chamou Zhahar enquanto enfiava algumas tâmaras na boca e espalhava grosseiramente queijo mole e doce sobre uma fatia de pão ázimo. *Tive de vestir a tua última túnica lavada. Vou tentar não a sujar, para que estejas apresentável para a tua aula, mais tarde.* Não obtendo uma resposta, parou a sua tentativa precipitada de sair a correr para o trabalho. *Sholeh?*

=Deixa-a estar= disse Zeela.

As mãos de Zhahar começaram a tremer. Pousou o pão ázimo na bancada. Zeela só tinha *aquela* aspereza na voz quando uma das irmãs estava ferida.

O que aconteceu?

=Ela foi expulsa da escola.=

Porquê? Ela esforçou-se tanto porque queria tanto isto!

=Disseram que ela faltou a demasiadas aulas.=

Mas ela fez os trabalhos!

A voz de Zeela encheu-se de amargura.

=Ela não podia obedecer às regras dos uma-cara e estar onde eles queriam que estivesse, quando queriam que estivesse. Por isso ela já não pode estudar na escola.=

Mas pagámos aquele dinheiro todo. Zhahar olhou em redor. Ela e as suas irmãs esforçavam-se ao máximo por fazer daquilo um lar, mas isso não alterava a verdade. Viviam naquele quartinho pobre, a comer comida barata e a usar roupa em segunda mão para pagar os estudos de Sholeh. *Se não a deixam estudar, será que devolvem o dinheiro?*

=É só isso que te interessa? O dinheiro?=-

Não! ripostou Zhahar.* Mas não podemos dar-nos ao luxo de encontrar outro lugar para ela estudar a não ser que no-lo devolvam!*

::Não discutam. Por favor:: Sholeh parecia abatida, derrotada. ::Zhahar, tens de ir trabalhar. Não podemos dar-nos ao luxo de te ver a falhar também::

=Tu não falhaste!= gritou Zeela.

::Deixem-me descansar. Hoje não quero estar visível::

Não havia nada a fazer, principalmente porque Sholeh tinha razão: se iam ficar na cidade de Visão, uma delas tinha de ganhar um salário.

Zhahar pegou na sua mochila e correu para a porta. Depois voltou para trás, dobrou o pão ázimo com queijo e embrulhou-o num guardanapo. Se não estivesse *demasiado* atrasada, o novo Encarregado do Asilo poderia não se aperceber da sua ausência, e ela talvez tivesse os poucos minutos de que precisava para terminar a sua refeição simples.

Zhahar remexeu-se com impaciência, enquanto esperava pela sua vez de sair do carro comunitário. Alguns condutores estavam mais interessados em cumprir os seus horários do que em dar tempo às pessoas para saírem na sua paragem. Felizmente para ela e para os outros passageiros, os grupos de cavalos que puxavam os carros comunitários sabiam o que significava a campainha e fíncavam as patas quando chegavam a uma paragem, independentemente da vontade do condutor.

Assim que saiu do veículo, Zhahar atravessou a rua apressadamente, depois correu ao longo do caminho por entre uma parcela de terra coberta de ervas daninhas, que era suposto ser um pequeno parque para aqueles cujas mentes se tinham curado o suficiente para enfrentar o mundo par-

cialmente. Uma vez que era suposto as pessoas da cidade manterem o parque como uma gentileza para aqueles cuja mente ou espírito tinham sido feridos, a terra negligenciada parecia um aviso gritante de que a espécie de Zhahar nunca seria aceite.

A única vez que Zeela vira aquele parque, achara que era um sinal de que estavam no lugar errado. Mas, na cidade de Visão, só se conseguia encontrar aquilo que se conseguia ver, e esta fração da cidade era o único lugar que tinham encontrado à chegada que oferecia algo para cada uma delas.

Outras partes de Efémera onde tinha sido seguro as Tríades trabalharem ou fazerem negócios — embora mostrando apenas um rosto e nunca admitindo que eram uma raça de “demónios” — tinham-se tornado perigosas ou desaparecido completamente. E da última vez que as amarras falharam em manter a ligação entre a sua terra e outro lugar de Efémera, partes de Tryadnea tinham desaparecido, juntamente com as Tríades que não tinham voltado à sua terra natal a tempo.

Alguns meses antes, Morragen Medusah a Zephyra, a líder das Tríades, tinha sentido a presença de outra terra que estava ao seu alcance. Usando a sua magia, contorceu algumas das correntes de poder de Efémera, transformando-as em seis amarras entre Tryadnea e a cidade de Visão. Depois pediu a parte do seu povo para desbravar a cidade desconhecida, na esperança de que as Tríades conseguissem fixar as amarras e proporcionar uma ligação estável entre Tryadnea e aquele fragmento do mundo.

Sholeh calculava que o que a Tríade a Zephyra conseguia fazer com as correntes de poder era o equivalente a pessoas descerem a prancha de embarque num navio em movimento e apressarem-se a descer até à doca para fixar os cabos antes que a prancha caísse à água e o navio partisse à deriva. Era arriscado, visto que aqueles que iam fixar os cabos poderiam ser deixados para trás, e aqueles que ficavam no navio podiam já não ter mantimentos suficientes para sobreviver até encontrarem outro navio.

Mas essa era a realidade que o povo de Tryadnea enfrentara durante gerações, por isso Sholeh Zeela a Zhahar e cinco outras Tríades tinham atravessado para a cidade de Visão. Apesar da sua dimensão, até agora a cidade não fora muito promissora para a sua espécie — e o tempo estava a esgotar-se. As outras cinco Tríades, estando talvez demasiado desesperadas para serem cuidadosas, tinham revelado demasiado acerca de si mesmas. Segundo as cartas que Zhahar recebera do aspeto Zephyra, as Tríades que não estavam mortas e que tinham conseguido chegar a casa estavam demasiado feridas, física ou emocionalmente, para regressar a Visão.

Agora Zhahar e as suas irmãs eram a única Tríade que restava. Apesar dos seus esforços para viver de uma forma que fixasse Tryadnea a Visão, a amarra que a Tríade a Zephyra tinha tecido para elas não parava de escorre-

gar, e essa ligação, a *última* ligação, estava agora na zona norte da cidade. Se escorregasse para um lugar fora de Visão ou partisse completamente, elas ficariam ali e não teriam forma de voltar para casa.

Não podia pensar nisso. Cada dia que a Triáde a Zhahar ali ficava criava outro fiozinho que ajudava Tryadnea a manter a sua ligação a Visão — e isso, por sua vez, dava a Zhahar e às suas irmãs outro dia para encontrar *algo* que acabasse com um ciclo que estava a dilacerar os corações do povo das Triádes. A sua terra natal precisava da ligação a outra parte do mundo para subsistir. Quando andavam à deriva, os rios e os riachos secavam. A chuva era escassa, se chegasse sequer a chover. As colheitas murchavam no solo que não conseguia alimentá-las. A pouco e pouco, Tryadnea tornou-se um deserto que não podia sustentar o seu povo. As únicas alturas em que havia um indício de a terra estar a recuperar era quando estavam ancorados a outro fragmento do mundo — e a cada vez, menos de Tryadnea florescia.

Ficaremos aqui até ao outono, pensou Zhahar. Se não encontrarmos um emprego para Sholeh e Zeela até ao outono, teremos de nos mudar para outra parte da cidade. Talvez dirigirmo-nos para norte, para podermos ter uma hipótese de chegar a casa antes que a amarra ceda.

Claro que se perdesse aquele emprego, teriam de se mudar muito mais cedo.

Zhahar tirou uma argola com chaves da mochila e destrancou o portão que separava os terrenos do Asilo do parque coberto de ervas daninhas. Abrindo o portão apenas o suficiente para passar, voltou a trancá-lo antes de correr para a sala do pessoal no edifício principal, onde podia guardar a sua mochila e pegar no blusão azul que indicava que era uma Cuidadora.

Enfiando as chaves no bolso das calças, quase já tinha trancado a mochila no cacifo que lhe fora atribuído quando se lembrou do pão ázimo. Retirando-o de lá, trancou o seu cacifo, desembulhou o guardanapo e deu uma dentada na refeição simples, enchendo a boca de pão e queijo doce.

Evidentemente, no momento em que tinha a boca cheia, a porta abriu-se.

— Onde estiveste? — perguntou Kobrah enquanto entrava na sala apressadamente. Fitou o pão ázimo por um instante antes de desviar o olhar.

Não estando suficientemente perturbada para ser uma doente internada, mas demasiado perturbada pelo seu passado para ver mais do que os fragmentos mais obscuros da cidade, Kobrah fora encontrada por Zeela uma noite no parque coberto de ervas daninhas, inconsciente e exausta. Depois de mudar quem estava visível, Zhahar tinha alertado os Cuidadores que tratavam dos internados durante a noite.

Sem ter a certeza se Kobrah deveria tornar-se uma internada ou ser enviada para Os Templos para algum tipo de cura do coração, o antigo Encarregado deixou-a ficar até conseguir decidir. Zhahar dera pequenas tarefas a

Kobrah — arrancar ervas daninhas no jardim, varrer o chão — enquanto a jovem se curava fisicamente. Quando o Encarregado tomou uma decisão, Kobrah estava a trabalhar como Ajudante de Zhahar. Em vez de ser internada ou expulsa, recebeu um quarto, comida e um salário simbólico — não era propriamente uma internada, mas sabia-se que Kobrah não podia sair do Asilo sozinha.

Isso tinha sido há seis meses. A única pista acerca do passado de Kobrah era o facto de ela olhar para todos os homens que trabalhavam no Asilo com desconfiança, quase ódio, e lhes chamar a todos Chayne — o nome do homem que a tinha magoado.

Não pronunciando uma única palavra, Zhahar dividiu o pão ázimo e deu metade a Kobrah. Quando a mulher estava perturbada, não comia, e a incerteza que envolvia a chegada do novo Encarregado deixara toda a gente inquieta.

— *Ele* estava à tua procura — disse Kobrah. — Já falou com os outros Cuidadores. E eu queria falar contigo sobre outra coisa.

Zhahar ouviu o medo presente na voz de Kobrah, observou a forma como as mãos da mulher tremiam. Mas não tinha a certeza se o medo e os tremores eram causados pela mesma razão — principalmente quando Kobrah deu uma dentada no pão ázimo.

Depois, a porta voltou a abrir-se e o novo Encarregado do Asilo entrou na sala.

Zhahar engoliu à pressa a boca cheia de comida. Qualquer um podia usar calças brancas e uma camisa leve e sem colarinho. Mas apenas um grupo de pessoas usava as togas brancas.

O novo Encarregado era um *Xamã*?

— És a Zhahar? — perguntou ele.

A sua voz continha a melodia de um riacho da montanha e um sussurro da relva de verão. O seu cabelo escuro era grisalho. O seu rosto não tinha rugas, deixando-a sem qualquer pista acerca da sua idade. E tinha os olhos mais belos que ela alguma vez vira.

Kobrah deu-lhe uma cotovelada, lembrando-lhe bruscamente que não tinha respondido à pergunta do homem — e um *Xamã* não era alguém que ela quisesse a observá-la com demasiada atenção.

— Sim, Encarregado — respondeu. — Sou a Zhahar.

Ele olhou de relance para o pão ázimo. Depois os seus olhos voltaram a fitar os dela.

— Dás valor ao teu trabalho? — perguntou.

— Quero manter este emprego.

— Não foi isso que perguntei.

O seu sorriso era gentil, mas continha mágoa — e determinação.

Zhahar falou antes que ele pudesse fazê-lo.

— Desculpai-me por me ter atrasado, senhor. A minha irmã recebeu más notícias esta manhã e estava desolada, por isso fiquei alguns minutos a mais para a reconfortar.

— Ah. — Danyal estendeu a mão e tocou-lhe o braço. Foi apenas um roçar de dedos, mas ela sentiu o calor daquele toque. — Ela precisa que estejas com ela hoje?

Compaixão. Compreensão. Preocupação genuína.

— Não, senhor. A minha outra irmã estará com ela hoje. E estaremos todas juntas esta noite. — Não era exatamente uma mentira, visto que *iriam* estar juntas nessa noite. As palavras só não davam a saber que as suas irmãs estavam sempre com ela.

Anuindo com a cabeça, Danyal voltou o olhar para Kobrah.

— És uma Ajudante?

— Sim. Trabalho principalmente com a Zhahar, Encarregado.

Ele parecia pouco à vontade.

— “Encarregado” é um título que tenho de usar quando lido com outros oficiais, mas não é aquilo que sou. Por isso vou dizer-vos o que disse aos outros Cuidadores e aos seus Ajudantes. Quando estamos em privado como agora, podeis chamar-me Danyal. Lá fora — fez um gesto gracioso com uma das mãos para indicar os terrenos — deveis tratar-me por Xamã.

Zhahar não ia ser despedida. O facto de saber que ainda teria emprego deixou-a momentaneamente aturdida.

Algo em que o Xamã reparou, obviamente; porque os Xamãs reparavam em tudo.

Por favor, pensou Zhahar. Deixai que o meu segredo continue em segredo.

— Quebra o teu jejum — disse Danyal. O seu sorriso era ligeiramente apologético. — Hoje tiveste uma boa razão para te atrasares, mas tenho de dar o exemplo. Os outros já têm as suas incumbências; só sobra uma tarefa e é um trabalho duro e sujo. Vinde ter comigo lá fora daqui a dez minutos.

O Xamã saiu da sala.

Zhahar olhou para a túnica de Sholeh e suspirou.

— Achas que ele deu mesmo autorização aos outros Ajudantes para lhe chamarem Danyal? — perguntou Kobrah.

— Não. — Deu outra dentada no pão com queijo. Provavelmente iria cair-lhe mal no estômago, mas precisava de comer se ia passar o dia a fazer trabalhos pesados. — Mas duvido que algum dos Ajudantes estivesse presente quando falou com os Cuidadores. O que querias dizer-me?

Kobrah mordiscou o seu pedaço de pão ázimo antes de responder.

— Fiz um amigo. Não é como ninguém que eu alguma vez tenha co-

nhecido. Não se veste como nós nem fala como nós. Damos passeios e damos as mãos, e ele não se importa que sejamos apenas amigos. Já veio encontrar-se comigo algumas vezes e vai voltar. Não sei quando, mas ele vai voltar.

Sobressaltada, Zhahar comeu o resto do seu pão. Kobrah, a dar passeios com um *homem*? Que homem? Kobrah não estava autorizada a deixar os terrenos. Não suportava os Cuidadores masculinos e envolver-se com um internado era tão insensato como perigoso. Então, quem poderia ser?

— Onde o conheceste? — perguntou Zhahar.

Kobrah hesitou por demasiado tempo.

— Num sonho. Ele diz que nos encontramos no crepúsculo dos sonhos quase despertos.

Zhahar susteve a respiração. Um casal de internados tinha falado sobre amantes dos sonhos. A mulher ficara mais calma, mais lúcida, mas o homem tornara-se violento quando não foi autorizado a partir para “atravessar” e encontrar a sua amante em pessoa. Se este era um novo sintoma de loucura...

— Como é a aparência dele?

— Tem o cabelo claro e olhos azuis. O seu nome é Provocador — disse Kobrah.

Zhahar limpou as mãos ao guardanapo, ofereceu-o a Kobrah e depois dobrou-o e meteu-o na mochila.

— É melhor irmos procurar o Xamã e deitar mãos à obra — disse ela. — Gostaria de ouvir mais sobre o teu amigo, mas acho que é melhor manter isto entre nós as duas. Pelo menos por agora.

Kobrah analisou-a e depois anuiu com a cabeça.

Correram para o exterior e encontraram o Xamã à sua espera. Havia Cuidadores, Ajudantes e internados espalhados pelos terrenos, a lavar janelas, a arrancar ervas daninhas dos canteiros, a drenar a água turva de um lago espelhado. Mas o pior trabalho estava do outro lado do lago do edifício principal — um edifício pequeno, com dois quartos que não era usado havia anos.

— É suposto limparmos isto? — perguntou Kobrah quando Danyal as levou para o interior do edifício.

— Sim — respondeu ele.

— Limpar até que ponto? — perguntou Zhahar.

— O que vos é precioso ficará guardado neste quarto — disse Danyal. — Até que ponto tem de estar limpo?

Zhahar suspirou.

— Compreendo.

Ele sorriu.

— Então deixo-vos com o vosso trabalho.

Ela e Kobrah trabalharam. Varreram, lavaram, esfregaram e poliram. No final do dia, o pequeno edifício estava limpo e os terrenos apresentavam melhoras notáveis. Durante todo o processo, o Xamã caminhou entre eles, ajudando-os, ouvindo-os, estando presente.

Quando Zhahar chegou a casa, estava mais do que pronta para que Zeela se tornasse visível. Mergulhou num descanso profundo — não estava totalmente adormecida, mas não interagiu com as outras. O verdadeiro sono surgia apenas quando as três estavam a descansar e era algo de que precisavam pelo menos uma vez a cada três dias.

À medida que as memórias do dia pairavam na sua mente, apercebeu-se de algo que voltou a trazê-la à superfície.

=O que se passa?= perguntou Zeela.

Nada. Quando se era alguém que na verdade eram três, não se conseguia mesmo mentir às irmãs. *Algo de que acabei de me aperceber em relação ao Xamã.*

=O que foi?= Zeela parecia apreensiva.

Ele tem uns olhos lindíssimos, mas apesar de todas as vezes que falei com ele hoje e lhe olhei para o rosto, para os olhos... não te sei dizer de que cor são.

Demasiado inquieto para dormir, Danyal seguiu os passeios iluminados entre os edifícios. Tinha passado apenas um dia no Asilo e já sentia o peso daquele lugar a infiltrar-se no seu corpo, no seu coração. Se tivesse ali ido com alguma dúvida persistente acerca da sua própria sanidade, aquele lugar tê-lo-ia destruído. E ainda poderia fazê-lo.

Alguns dos internados estavam irremediavelmente doentes. Contudo, muitos deles estavam simplesmente perdidos, desorientados pela natureza do mundo. Mas até que as suas mentes conseguissem recuperar alguma paz e clareza, aquelas pessoas iriam continuar no Asilo, incapazes de ver um futuro numa cidade que deveria possuir futuros infinitos.

Zhahar perturbava-o. Não tinha sentido nada de invulgar nela até àquele breve toque dos seus dedos no braço dela.

Luz, escuridão, sombra. Tal como aquele lugar estranho do outro lado da ponte.

Então era como se tivesse tocado em três pessoas, tivesse captado a vibração de três corações-núcleo distintos. Isso não devia ter acontecido com uma pessoa. A não ser que ela não fosse sequer uma pessoa. A não ser que ela fosse outra coisa qualquer.

Seria ela, ou algo como ela, a razão pela qual algumas das ruas tinham

desaparecido da vista dos Xamãs? Estaria a trabalhar no Asilo porque de alguma forma isso seria benéfico para os seus planos?

— Porque é que este lugar é tão importante? — sussurrou, olhando em redor para os edifícios deteriorados e para os terrenos negligenciados.

anseio do coração

Arrepiou-se, apesar do calor persistente. Outra vez aquela voz. Outra vez aquelas palavras.

Estava exausto devido às exigências do seu primeiro dia como Encarregado e à viagem precipitada para chegar ao Asilo depois de ter recebido a carta do Conselho de Xamãs. Ao longo dos dois dias de viagem, pensara que o Conselho fora insensato ao enviá-lo para ali com base nos conselhos de leitores de ossos e videntes.

Agora sabia que tinham tido razão. Todos eles tinham tido razão. Ia acontecer alguma coisa ali. Algo que exigia a presença de um Xamã. Quando o momento chegasse, tinha de estar preparado.

Apressou-se para o apartamento que iria ser a sua casa durante o próximo ano. Depois de trancar tudo para a noite, tomou a poção soporífera de que se servia ocasionalmente, quando precisava de bloquear tudo e todos por umas horas.





CAPÍTULO CINCO

Lee franziu o sobrolho perante a ponte pedonal que cruzava um afluente estreito. *Devia* ter sido uma ponte estável a unir duas das paisagens diurnas da sua mãe e uma de Glorianna. E era. Mas agora a ponte ressoava também com Outeiros Nebulosos, uma paisagem obscura ao cuidado de Michael.

Esta não era a primeira ponte com que se deparara nas últimas duas semanas que subitamente dava acesso a um dos fragmentos de Elandar pertencentes a Michael, mas Lee estava a ficar cansado de lidar com aquela estranha viagem na sua peugada. Parecia que já não podia haver uma paisagem ligada a Glorianna sem que houvesse também acesso a algo ligado a Michael. Isso significava que alguém que atravessasse uma ponte estável que já usava há anos podia subitamente ir parar a outra parte do mundo porque o Construtor de Pontes — ou seja, ele — não conseguia desemaranhar a ressonância de Michael da de Glorianna.

Maldito Mágico. Era apenas mais uma desonra que tinha trazido às suas vidas.

Ele mentiu, sussurrou algo tenebroso dentro de Lee. *Pensaste que o Michael queria ser teu amigo, mas foi apenas uma desculpa para se aproximar da tua irmã, para a usar para o seu próprio objetivo. Caitlin Marie também é uma Paisagista. Ela podia ter sido o isco usado para encurralar o Devorador do Mundo. Mas em vez disso, o Mágico escolheu sacrificar a tua irmã.*

Lee esfregou a testa, tentando aliviar a dor entre os olhos. Sim, Michael mentira-lhes a todos, soubera desde o início que Glorianna podia deter o Devorador do Mundo. Mas não contou a nenhum deles, não deu uma oportunidade à família de decidir o que deviam fazer. Esperou até que ele e Glorianna fossem a uma das paisagens do Mágico. *Depois* contou-lhe aquela maldita história sobre a Guerreira da Luz e convenceu-a a sacrificar a sua vida para salvar o mundo.

— Eu podia tê-la alcançado, seu grande patife — sussurrou Lee enquanto fitava a ponte. — Tinha havido tempo para entrar naquela paisagem antes de ela a selar. Eu podia ter entrado e tê-la tirado de lá se tu não

nos tivesses envolvido a todos numa briga, se não me tivesses partido o braço. Maldito sejas, Michael. Ela não teria sofrido naquele lugar durante tanto tempo, não teria voltado diferente. Se não me tivesses detido, eu podia tê-la alcançado.

Espirrou duas vezes e depois sentiu o ardor no peito. *Doente? Agora? Raios!*

Bem, um resfriado não era assim tão mau.

Por outro lado, um resfriado podia deixar um homem suficientemente atordoado para lhe afetar o discernimento, e um homem a trabalhar sozinho e a tentar tomar decisões acerca da ressonância de pontes que ligavam um fragmento de Efêmera a outro não se podia dar ao luxo de ter o seu discernimento afetado.

Não havia nada que pudesse fazer em relação àquela ponte pedonal, por isso ia inspecionar a outra ponte que sentiu estar próxima e depois ia descansar por um dia ou dois.

Onde ir para esse descanso? Ah, essa era a questão. Se voltasse para Aurora, podia ficar na sua própria cabana, usando a sua doença como desculpa para não socializar. Receberia compaixão — e muita comida — da sua mãe e de Lynnea, a esposa de Sebastian. Comida, compaixão e sossego quando não quisesse companhia.

Ou podia voltar para a casa de hóspedes no Santuário. Aí também haveria comida e compaixão. Mas também havia uma hipótese de Gloriana estar de visita ao Santuário, e ele não estava pronto para voltar a vê-la — principalmente se olhasse nos seus olhos verdes e visse Belladonna a retribuir-lhe o olhar.

Agora ela assustava-o como nunca fizera antes, e ele não sabia o que fazer em relação a isso.

Aurora, então. Ou talvez o Antro. Sebastian deixá-lo-ia usar o quarto que o Justiceiro ainda mantinha no prostíbulo e não se sentiria inclinado a aborrecer-se por causa dele.

Primeiro ia verificar a outra ponte. Não estava no seu bloco de apontamentos, por isso não era uma ponte feita por ele. O que significava que outro Construtor de Pontes tinha criado um meio de alcançar as paisagens de Nádia, e qualquer um que conseguisse alcançar as paisagens de Nádia tinha a possibilidade de alcançar as de Glorianna.

Lee voltou a tossir e sentiu a congestão no seu peito a ceder. Curvou-se e cuspiu muco. Quando se endireitou, teve de esperar que as tonturas passassem.

Tinha andado a esforçar-se demasiado. Muito pouca comida, muito pouco descanso. Sentia-se demasiado teimoso para voltar para casa depois de ter ficado encharcado durante uma tempestade na semana anterior. A

urgência de inspecionar todas as pontes que levavam às paisagens da sua família tinha sido inventada por si; era uma desculpa para evitar as próprias pessoas que a sua diligência ajudava a proteger. Continuava a esforçar-se porque estava zangado com Michael e Glorianna e até com Sebastian, e os seus próprios sentimentos a ressoarem pelas correntes de poder de Efémora tinham voltado para o apunhalar nas costas — ou no peito — quando um aguaceiro de verão se transformara numa tempestade fria.

— Mais uma ponte — disse ele, com a voz a falhar. Voltou-se para o lugar onde deixara a sua ilhota imposta sobre aquela paisagem e perguntou-se se ela ainda lá estaria. Esta afastava-se de cada vez que a deixava para ir inspecionar uma ponte. Nunca ia para longe, mas a garantia de a ilha nunca estar a mais de um passo de distância quando precisasse dela tinha sido uma corda de segurança quando trabalhava sozinho nas paisagens obscuras.

Já não tinha essa garantia. Podia criar uma ponte de sentido único a partir de um seixo e chegar a casa se desse consigo numa situação perigosa, mas não era a mesma coisa.

Sentiu a ressonância da ilha e percebeu que estava quase ao lado dela. Quando os seus dedos roçaram uma das árvores, alguém lhe acenou. Baixou a mão e voltou-se, ainda apenas a um passo de distância da segurança.

— Guardiões e Guias — disse o jovem enquanto corria para Lee. — És um Construtor de Pontes? Não via nenhum de nós desde que o Colégio... — A voz falhou-lhe.

— Desde que o Devorador do Mundo destruiu os Colégios de Paisagistas e de Construtores de Pontes. — Lee avaliou o estranho. Talvez tivesse idade suficiente para ter terminado a sua formação. — Sou o Lee. — Não havia razão para o esconder ou negar.

— Sou o Mason, mas costumam tratar-me por Mace. Deduzo que também tenhas fugido?

— Não estava no Colégio quando o Devorador atacou.

— Eu também não — disse Mace. — Estava a trabalhar com um dos instrutores, e a ressonância da ponte simplesmente *mudou* para ressoar com uma paisagem obscura. O meu instrutor pensou que eu tinha feito alguma coisa, por isso depois de ter estabilizado a ponte, atravessou-a para se certificar de que ainda unia as paisagens que era suposto, o que incluía o acesso de volta ao Colégio. Assim que saiu da ponte e desapareceu noutra paisagem, eu comecei a atravessar. — Mace engoliu em seco. — Acho que o ouvi gritar. Acho que ouvi. A seguir, só me lembro de correr até chegar a outra ponte. Atravessei essa a correr.

— Onde foste parar? — perguntou Lee.

— Não tenho a certeza. Não era nenhum lugar que eu conhecesse. Te-

nho andado a vaguear desde então. Finalmente cheguei a esta paisagem há dois dias. — Mace olhou em redor. — É o primeiro lugar em que estou, em algum tempo, que parece ser próximo de casa.

Porque não acredito nele?, pensou Lee. *O que há com esta história que não parece verdade?*

— Então tens andado a vaguear. Conheço bastante bem algumas partes desta paisagem. Deves ter estado do outro lado daquela elevação. Caso contrário, ter-te-ia visto antes. Porque não te dirigiste à outra ponte? Teria sido mais perto.

Mace encolheu os ombros. Continuou a olhar em redor, mas agora havia menos inocência nos seus olhos.

— Tinha esperança de encontrar uma aldeia ou até uma quinta. — Arregalou os olhos. — Guardiões. Achas que esta é uma das paisagens de Belladonna?

Tom falso na voz. Calculismo no olhar.

— Nem sequer estás perto. — Lee mentiu, falando num tom de repreensão. — Não consegues sentir a diferença entre uma paisagem obscura e uma paisagem diurna?

Mace encolheu os ombros e pareceu embaraçado.

— Claro que consigo. Só que... Bem, não gostarias de ver Belladonna?

— Já a vi. — Recordando-se da malevolência pura que por vezes preenchia o olhar da sua irmã desde o seu regresso da paisagem que encarcerou o Devorador do Mundo, Lee estremeceu. — Acredita em mim, não queres vê-la.

— Acho que quero — disse Mace. — Nunca vi uma Guia das Trevas...

— Ela não é uma Guia das Trevas! — ripostou Lee. Virando costas à ponte pedonal que *podia* levar Mace a uma das paisagens de Glorianna, Lee dirigiu-se à outra ponte.

Tal como os Guardiões da Luz e as Guias do Coração que, há muito tempo, foram criados em resposta aos corações humanos que gritavam por ajuda e orientação, os Guias das Trevas tinham sido uma manifestação de Efêmera em resposta à obscuridade que habita o coração humano. Glorianna não era apenas uma Paisagista; era uma verdadeira Guia do Coração. Mesmo que Belladonna se deleitasse com as emoções tenebrosas, continuava a ser metade de Glorianna Belladonna e *não podia* transformar-se numa Guia das Trevas. Nada nem ninguém podia *transformar-se* num Guia das Trevas. Nem sequer os magos que eram seus descendentes mas que não eram puro-sangue.

Tens a certeza?, sussurrou uma voz matreira na sua mente. *Tens mesmo a certeza? Ela já fez tanta coisa que o resto de vós não pode fazer. Terias medo dela, se tivesses a certeza?*

— Importas-te que te acompanhe? — perguntou Mace, apressando-se para o apanhar. — Já há algum tempo que não tenho outro Construtor de Pontes com quem conversar.

— Como quiseres — respondeu Lee. — Vou verificar aquela outra ponte e ver se consigo determinar quem a construiu e que paisagens são unidas por ela.

— Consegues fazer isso? Saber quem construiu uma ponte?

Tu não? Havia demasiadas perguntas acerca deste homem e nenhuma resposta certa.

— Às vezes consigo reconhecer a ressonância de um Construtor de Pontes que conheço. — E questionou-se se aquela ponte desconhecida iria ressoar com Mace.

— Interessante — disse Mace.

Lee começou a tossir novamente. Desejou não ter respondido àquele aceno, desejou ter subido para a ilhota e voltado para o Santuário, ou pelo menos ter estado em terreno seguro enquanto observava o homem. Agora que falara com Mace, não queria deixar o outro Construtor de Pontes sozinho numa das paisagens de Nádia.

— Não pareces estar bem — disse Mace. — Tens a certeza que aguentas caminhar mais?

Lee debateu-se para inspirar o ar de que precisava sem ter outro ataque de tosse.

— Vês alguma aldeia ou quinta onde eu possa pedir abrigo?

— Não.

— Então vou à próxima ponte para ver se leva a algum lugar onde eu possa ficar por uns dias.

— E se atravessarmos para uma das paisagens de Belladonna?

— Esperamos que quem nos encontrar não queira comer-nos.

Mace não disse nem mais uma palavra durante todo o caminho até à ponte seguinte.

Lee viu os homens reunidos em redor de uma pequena fogueira junto à ponte e abrandou. O outro motivo pelo qual queria ganhar tempo antes de se aproximar mais caminhava ao seu lado.

Embora a maior parte das pessoas não tivessem sensibilidade suficiente para com Efémera para reparar em tais coisas, uma paisagem continha realmente a ressonância de assinatura da Paisagista que a mantinha equilibrada, e uma ponte continha a ressonância de assinatura do Construtor de Pontes que a tinha criado. Lee estava agora suficientemente próximo daquela outra ponte para ter a certeza que ela

fazia ligação a uma paisagem que ele não conhecia — e que tinha sido Mace a criá-la.

Terá o outro homem atravessado o meu caminho por acaso?, questionou-se Lee. *Ou teria sido a intenção de Mace desde o início trazer-me para junto desta ponte e destes homens?* Não trazia consigo uma mochila porque a tinha deixado na ilha. Mace também não trazia nada consigo e, se o homem tinha andado a vaguear como dissera, devia ter trazido um odre de água e algum tipo de saco onde coubessem uma muda de roupa e comida para um dia.

A não ser que Mace tivesse deixado as suas coisas num acampamento.

— Talvez partilhem a fogueira e um pouco de comida — disse Mace, levantando uma mão para acenar.

— Não atraias atenções para ti mesmo — disse Lee enquanto enfiava uma mão no bolso das calças. — Não te lembras de nada da tua formação? Aqueles homens têm um aspeto rude. Fiquei com a impressão de que não sabias muito acerca desta paisagem, por isso não temos nada entre nós que valha a pena roubar e nenhuma informação para trocar.

— Não conheces esta paisagem? — perguntou Mace.

— Como disse, conheço partes dela, mas não esta área — mentiu. Enrolou os dedos à volta de três pedras lisas que tinha no bolso. Transmitindo o poder de um Construtor de Pontes para as pedras, conseguia criar pontes de sentido único que levariam uma pessoa para uma paisagem específica — se a pessoa ressoasse com essa paisagem. Ou podia criar pontes ressonantes a partir das pontes de sentido único, que enviariam uma pessoa para uma das paisagens que ressoasse com o seu coração.

Algo na forma como aqueles homens se levantaram e observaram Lee e Mace fez com que o primeiro se perguntasse como teriam sido capazes de alcançar uma das paisagens diurnas de Nádía, para começar.

Deu um passo para o lado, colocando alguma distância entre si mesmo e Mace enquanto esfregava as pedras e começava a transformá-las em pontes ressonantes.

— O que se passa? Talvez eles possam ajudar-nos. — O rosto de Mace tinha uma expressão de quem estava perplexo e ofendido.

A expressão era perfeita. Infelizmente não correspondia ao olhar de Mace.

— Ajudar-nos a fazer o quê? — perguntou Lee. Segurando as pedras, tirou a mão do bolso. Estendeu a outra mão para trás, em busca da sua ilha. Por um instante, os seus dedos roçaram contra a casca de uma das árvores que crescia junto ao caminho. Depois nada sentiu.

Vá lá, pensou enquanto dava outro passo para se afastar de Mace, que o observava agora com um interesse de predador. *Vá lá, porque não estás aí?*

Os homens encaminhavam-se na sua direção, e dois deles... Oh, Lee já tinha visto suficientes homens daquele género ao longo da sua vida para reconhecer *aquela* ressonância.

— Seu patife — disse Lee em voz baixa. — Estás a trabalhar para os magos? Não sabes o que eles são, quem a maior parte deles serve?

— Eles vão salvar Efémora — disse Mace. — *Nós* vamos salvar Efémora. E tu vais ajudar-nos.

Lee olhou de relance para os homens que se aproximavam demasiado depressa. Guardiões e Guias! Porque não conseguia encontrar a ilha? Tudo o que tinha de fazer era manter-se liberto durante tempo suficiente para dar aquele passo. Então poderia ficar fora do alcance deles e podia deslocar a ilha de volta para o Santuário. Mas a ilha não parava de se desvanecer, como se não pudesse estar *ali* durante tempo suficiente para o suster.

— O que te ofereceram? — perguntou, ganhando tempo.

— Vou ser o Construtor de Pontes pessoal dos magos — disse Mace. — Eles sabem de lugares que tu nunca imaginaste, mas *eu* vi esses lugares. *Eu* vou ser a pessoa mais importante do mundo. A seguir aos magos, claro.

— Então e os Guias das Trevas? — Lee recuou mais um passo. — Não achas que eles são importantes?

— *Belladonna* é a *única* Guia das Trevas — disse Mace num tom sério. — E assim que ela for destruída... — Encolheu os ombros e lançou um sorriso infantil a Lee.

É louco, pensou Lee. Ou então está suficientemente dominado para representar um perigo para todos aqueles que Glorianna tentou proteger dos magos e dos Guias das Trevas. Se ele arranjar uma forma de ajudar aqueles patifes a chegarem ao Santuário e aos Lugares de Luz...

A Guerreira da Luz tinha de beber do Cálice da Escuridão. Aquilo em que Glorianna se transformara na paisagem que tinha criado para conter o Devorador do Mundo tinha-a mudado. Lee não conseguia aceitar a mulher que voltou porque ela tinha criado aquele lugar terrível com base nas partes mais tenebrosas do seu próprio coração — e ele ainda via essas trevas quando olhava nos olhos de Belladonna. Mas ela continuava a ser sua irmã, e ele ainda a amava, e podia fazê-lo por ela e pela sua mãe.

Guardiões da Luz e Guias do Coração, mantende a minha família em segurança.

Apertando as três pedras que só precisavam de entrar em contacto com outra pessoa para se tornarem pontes ressonantes ativas, Lee estendeu a outra mão a Mace e disse com um tom de urgência:

— Dá-me a mão. A magia que nos levará a uma das paisagens de Belladonna só dura um momento.

Se Mace tivesse estado no seu perfeito juízo, as palavras não teriam feito qualquer sentido. Mas este estendeu a mão sem hesitar ou questionar. Agarrando a mão de Mace, Lee correu em direção aos homens, com o peito e os pulmões a arder.

Rejeito tudo o que é Belladonna. Nego tudo o que é Glorianna. O meu lugar não é nas suas paisagens. Não pertença a qualquer lugar que ressoe com ela. NÃO QUERO NADA A VER COM ELA!

Um momento de cólera pura, de sinceridade desligada de uma vida inteira de amor.

Lee sentiu algo a estalar dentro de si, sentiu a alteração na ressonância do seu próprio coração. Sentiu a dor de perder algo que existisse para sempre.

Chocou com os outros homens, derrubando dois deles e levantando Mace no ar para o acrescentar à confusão. Os outros homens caíram sobre ele, e os dois magos agarravam-nos e gritavam:

— Não o mateis!

Efêmera, levai-me para a paisagem mais longe deste lugar. E levai estes corações comigo.

Não era um Paisagista e não tinha qualquer razão para acreditar que Efêmera iria ouvi-lo da mesma forma que ouvia Glorianna ou Michael. Mas quando os magos o agarraram, Lee abriu a mão e as três pedras que eram agora pontes ressonantes caíram sobre o emaranhado de corpos e membros.

Então Lee gritou quando Efêmera os puxou a todos para um remoinho como se tentasse encontrar um lugar que ressoasse com todos os seus corações em conflito.

Glorianna estava sentada no banco de jardim junto ao lago de carpas *koi* e absorvia a paz do Santuário. Tinha formado aquele lugar para proteger alguns dos Lugares de Luz de Efêmera. Também quisera ajudar as pessoas que cuidavam desses lugares a alcançarem-se umas às outras, a aprenderem umas com as outras. O Santuário era belo e tinha muitas pequenas parcelas que lhe davam mais do que exigiam dela. Mas de todos esses pequenos fragmentos, o lago de carpas *koi* era o seu favorito.

Seria porque o mundo das *koi*, com água que reluzia à luz do sol e no entanto era parcialmente ensombrado pelas plantas, ilustrava com tanta clareza a simples lição de que tinha de haver Escuridão e Luz em todas as paisagens? Mesmo ali, num Lugar de Luz, havia fios de poder da Escuridão que fluíam em uniformidade com as espessas correntes de Luz. Um fragmento do mundo que pertencia a um dos lados da balança da Escuridão e

da Luz continuava a precisar de um toque do outro lado para se manter em equilíbrio consigo mesmo.

Isso também era verdade para uma pessoa, embora fosse muito mais difícil reencontrar esse equilíbrio depois de ter sido destruído num coração humano.

Ou seria ela frequentemente atraída para o lago das *koi* quando estava cansada ou perturbada porque, tal como as *koi*, o mundo inteiro de uma Paisagista estava confinado entre muros?

As Paisagistas eram mulheres que agiam como o leito rochoso para os fragmentos de Efémera e como a peneira através da qual o mundo manifestava todos os anseios, sonhos e desejos, para o bem ou para o mal, que provinham de todos os corações que viviam naqueles lugares. Na parte do mundo de Glorianna, aquelas mulheres tinham construído jardins murados onde mantinham pontos de acesso a paisagens que podiam ser tão próximas como a aldeia seguinte ou tão longínquas como parte de uma terra distante. Cuidavam daquele terreno, regando e arrancando as ervas daninhas, revolvendo o solo, e através dessas tarefas simples mantinham-se ao corrente desses lugares quando não estavam a usar os seus pontos de acesso para atravessar para aqueles fragmentos do mundo e interagir com o lugar e as pessoas.

Havia sete níveis de Paisagistas. Algumas não podiam fazer mais do que agir como uma peneira que impedia que o mundo manifestasse os desejos e sentimentos de todas as pessoas. Outras eram mais fortes e conseguiam, através da sua presença, proporcionar oportunidades que ajudariam uma pessoa a dar outro passo na direção de um verdadeiro anseio do coração — o tipo de anseio que mudava vidas.

Havia sete níveis de Paisagistas. E depois havia Glorianna Belladonna, que era uma Guia do Coração — uma descendente das Guias que tinham originalmente derrotado e encarcerado o Devorador do Mundo.

E tal como essas primeiras Guias, aprendeu que havia jaulas de todos os tipos.

Todos vivem dentro dos muros construídos pelos seus próprios corações, pensou. Mas a maior parte das pessoas não tem consciência disso, por isso também não tem consciência dos limites — ou de que algumas coisas, independentemente do quanto são amadas, podem vaguear para fora do nosso alcance.

— Devo sentir-me ofendido por as *koi* receberem uma visita tua primeiro do que eu? — perguntou uma voz masculina, soando ao toque da seda tépida sobre a pele.

Sorrindo, ela mexeu-se no banco para arranjar espaço para ele.

— Ilustre Yoshani.

Ele sentou-se ao seu lado, retribuindo-lhe o sorriso mas nada dizendo.

— Aquele lago compõe o mundo das *koi* — disse Glorianna. — Achais que sabem que há algo para além das partes soalheiras e das partes ensombradas pelas plantas aquáticas?

— Sabem que quando a sombra da garça-real cai sobre o seu mundo, têm de se esconder ou serão comidas. Assim como sabem que as pessoas que se sentam neste banco lhes trazem comida — respondeu Yoshani. — Porque estás a questionar-te sobre as *koi*?

— Na verdade, estava a pensar sobre a forma como a vida de uma Paisagista está confinada dentro dos muros do seu próprio jardim. — *E como um coração pode ficar encarcerado pelo dever*, acrescentou em silêncio.

Yoshani pareceu pensativo e depois abanou a cabeça.

— O teu trabalho está contido dentro do jardim, mas não toda a tua vida. Passas tempo nas paisagens da tua mãe; a aldeia onde cresceste ressoa com ela, não contigo. Viajas com o Michael para algumas das suas paisagens e visitas a Caitlin Marie no Porto da Amada. Isso não é uma vida limitada.

Não, não é, concordou silenciosamente. *Mas não é a minha vida que estou realmente a questionar.*

— Em que estás a pensar, Sensata Glorianna da Escuridão?

Em nada que quisesse partilhar para já, por isso disse:

— Glorianna já não faz grande parte de nenhuma de nós. E Belladonna...

— Ainda te sentes dividida?

— Eu estou dividida. — A mulher olhou nos olhos escuros que continham tanto afeto e ouviu um coração que conhecia bem. — Foi-vos pedido que olhásseis por mim enquanto o Michael verifica as suas paisagens?

Michael tinha criado um jardim simples dentro do jardim dela para poder viajar rapidamente para as zonas de Elandar que estavam a seu cargo. Antes de a ter conhecido e descoberto mais sobre a sua própria herança e ligação a Efémera, costumava passar semanas na estrada, a viajar de um lugar para o outro.

Yoshani sorriu.

— Sim, e estou feliz por ter essa oportunidade. Da última vez que me pediram que olhasse por ti, essa experiência mudou-me a vida. Talvez volte a mudar.

— Talvez não devésseis desejar tal coisa.

Yoshani pegou-lhe na mão. Ela encolheu-se perante o toque e depois decidiu aceitá-lo. O toque de Michael, fosse casual ou no calor do sexo, parecia-lhe natural. Assim como o toque do seu primo Sebastian. Talvez porque fossem aqueles cujos corações tinham encontrado uma forma de

alcançar o dela. Mas com todos os outros, até mesmo com a sua mãe, Nádia, havia ainda um momento em que os sentimentos obscuros queriam vir à superfície em resposta a um toque — porque onde ela tinha estado, naquela paisagem que ela criara, tudo o que pudesse tocar iria muito provavelmente também matar.

— O Michael não me disse porque é que não queria que estivesse sozinha na tua ilha. Dizes-me?

Ela avaliou o homem santo que fora seu amigo desde que ela tinha quinze anos, que a tinha ajudado a transformar aquela parte do Santuário num lugar onde as pessoas podiam ir para encontrar paz e renovar os seus espíritos. Tinha atravessado para uma paisagem desconhecida com ela quando os corações que lá viviam chamaram com tanta intensidade que ela teve de responder. Era um conselheiro de confiança para muitos que visitavam o Santuário. E era a pessoa em quem ela confiava para ser um guia para a Guia do Coração.

— Há uma paisagem a chamar-me — disse ela, observando as carpas *koi*. — Uma paisagem obscura. — Ela sentiu a tensão súbita no corpo de Yoshani, mas ele nada disse, para que ela pudesse dar-lhe mais palavras. — O seu ponto de acesso apareceu no meu jardim há algumas semanas.

— Da mesma forma que o Refúgio da Luz te chamou a atenção pela primeira vez? — perguntou, referindo-se a um Lugar de Luz que ela tinha salvo do Devorador do Mundo.

— Sim. — Efémera trouxera-lhe uma pedra em forma de taça e uma pulseira grossa de prata do Refúgio da Luz, como ponto de acesso que ela podia usar para atravessar. Dando esse passo entre aqui e ali, começara as suas ligações à Ilha Alva — e a Michael e à sua irmã Caitlin Marie, uma Paisagista jovem e talentosa que tinha sido condenada como feiticeira porque ninguém na sua aldeia compreendera o seu poder. — Mas para esta paisagem, Efémera trouxe um triângulo de relva como ponto de acesso. Ela chama-me, mas ainda não há ligação suficiente para que eu possa atravessar.

— Então esperas para ver se a ligação cresce ou se se desvanece, sim? — perguntou Yoshani. — Já fizeste isto antes.

— Já fiz isto antes — concordou ela.

— Então porque é que agora é diferente?

Ela voltou a cabeça e olhou para ele. Os seus dedos apertaram os dele com mais força, para não o deixar fugir.

— Porque — disse Belladonna — o Michael tem medo que eu desapareça numa paisagem obscura e não volte.

Ela olhou Yoshani nos olhos. Agora estavam alarmados. O coração dele batia violentamente; ela conseguia sentir-lhe o pulso através dos dedos.

— Di-lo — disse ele em voz baixa.

— Quero invocar Efêmera. — A sua voz era maléfica e sonhadora. — Quero invocar Efêmera e fazê-la enrolar-vos em videiras tão grossas como ramos de árvores. Enrolar-vos em videiras cheias de espinhos que irão perfurar-vos a pele para que fiquéis pendurado sobre o lago das *koi* como um fruto suculento e sangrento. Eu podia ter feito isso *lá*. Fiz isso *lá*. Não havia nada que eu não pudesse fazer quando estava *lá*.

— É isso que me queres fazer? — perguntou Yoshani.

Queria? O desejo arrebatou-a...

???

... e Efêmera estremeceu, mas o mundo não iria desobedecer-lhe. Independentemente do que ela lhe pedisse.

Ela inspirou profundamente, obrigando o seu lado que pertencia à Luz a ser a parte de si que estava sentada junto ao lago de carpas *koi* com um amigo.

— Não — respondeu Glorianna. — Não quero fazer isso.

— Queres, sim. — Yoshani pousou a sua outra mão sobre as dela, que estavam unidas. — Mas hoje escolhes não o fazer. Não é assim que se forma uma vida? Por todas as escolhas que fazemos a cada dia?

— Como vos tornastes tão sábio?

— Observo as *koi* e as nuvens, e aprendi contigo.

Ficaram sentados, num silêncio amigável. Então Glorianna disse:

— A Brighid hoje fez pão?

Rindo-se, Yoshani puxou-a para a pôr em pé.

— Então foi por isso que a viagem do Michael começou hoje e tu concordaste visitar-nos.

— Talvez. Parecia uma pena desprezar pão fresco.

— Deveras.

À medida que se encaminhavam para a casa de hóspedes, correntes de poder rodopiavam em redor dela, através dela. Parou e olhou para a ilha que dividia um ribeiro.

Algo está a mudar, pensou. Já mudou.

— Parece que mais alguém se manteve a par do dia de fazer pão — disse Yoshani.

— Não. — Glorianna dirigiu-se para a ilha. — Há algo de errado.

Não há nada de errado. O coração não te guarda segredos. Só não quisesse reconhecer o que sentiste no coração do Lee da última vez que ele visitou a Ilha na Bruma. Não era esse um dos teus próprios desgostos durante todos estes anos? Que ele nunca tenha tido vida própria porque precisavas dele? Mas...

— Lee? — chamou. — Lee! — Atravessou o caminho de pedras a correr. No momento em que os seus pés tocaram a ilha, percebeu.

— Glorianna! — Yoshani correu atrás dela.

— Ele não está aqui. — Caminhou até ao centro da ilha, onde a fonte extraía água fresca do ribeiro. A mochila de Lee estava ali pousada, aberta, como se ele pretendesse voltar logo de seguida.

— Vou dar uma vista de olhos — disse Yoshani, parecendo calmo mas severo.

Ela sentou-se no banco junto à fonte e fechou os olhos. Tinha criado aquela ilha, com a intenção de que fosse um santuário privado dentro do Santuário. Mas a ilha ressoara com Lee desde o momento em que ele ali pusera os pés. Tinha-se tornado uma pequena paisagem que ele podia impor sobre qualquer outra paisagem. Terreno seguro.

O sofrimento cresceu dentro dela — bem como uma alegria dolorosa. Os seus olhos ficaram preenchidos por aqueles sentimentos até que os sentimentos transbordaram em forma de lágrimas.

— Viaja com leveza, irmão — sussurrou. *Efémera, ouvi-me. Dai-lhe oportunidades de encontrar a vida que procura. Mas se ele quiser voltar, ajudai-o a encontrar o caminho de casa.*

— Glorianna. — Yoshani caiu sobre um joelho à frente dela.

— Ele já não ressoa comigo — disse ela. — Ele já não pertence às minhas paisagens. Fez a travessia para outro lado qualquer.

— Para onde iria ele? — perguntou Yoshani.

— Para algum lado onde eu não posso ir. — Engoliu lágrimas. — Tenho de voltar à Ilha na Bruma e deixar uma mensagem ao Michael. Depois tenho de deixar mensagens ao Sebastian e à minha mãe. Ajudais-me?

Yoshani soltou um suspiro angustiado à medida que começava a levantar-se.

— Sim, claro. — Paralisou e depois deixou-se cair novamente. — As paisagens da tua mãe estão resguardadas no interior do teu jardim. Assim como as do Michael.

— Sim.

— Se o Lee já não ressoa com as tuas paisagens, também não conseguirá chegar às deles, não conseguirá contactar o Sebastian no Antro nem a Nádia em Aurora.

— Não. Não conseguirá.

— Então e as paisagens da Caitlin Marie?

— O jardim dela não está contido no meu jardim, por isso ele deve conseguir fazer a travessia para as paisagens dela, se quiser.

Yoshani curvou a cabeça.

— Mas não o fará.

— Não, não o fará.

— Então abandonou-vos a todos.

Por minha causa, pensou ela. Abandonou todos os que conhecia por minha causa.

— Vem comigo — disse Yoshani, pondo-se em pé. — Vamos levar a mochila e guardá-la no seu quarto na casa de hóspedes. A não ser que aches que ele vá chamar a ilha para si e quererá a mochila?

Ela levantou-se, desejando que tivessem tido mais uma daquelas desavenças tontas de irmãos para poder sorrir quando pensasse nele.

— O Lee não pode chamar a ilha. Ela já não lhe pertence.



CAPÍTULO SEIS

Amigos e familiares reuniram-se no pátio de Philo no Antro, usando a sala de jantar no interior para aquela reunião privada. Glorianna não tinha a certeza do motivo por que tinha escolhido o Antro em vez da casa de Nádia em Aurora. Talvez porque precisasse de dizer aquelas palavras numa paisagem que fosse dela, em vez de numa a cargo da sua mãe?

Ela e Yoshani tinham deixado uma mensagem a Michael onde este a encontrasse assim que regressasse de Outeiros Nebulosos, a aldeia que estava em primeiro lugar na sua lista de visitas. Depois de deixar uma mensagem na casa de Nádia, ela e Yoshani tinham-se dirigido para o Antro.

Glorianna tinha criado aquela paisagem para Sebastian quando tinham ambos quinze anos de idade. Ele precisara de um lugar onde se sentisse bem-vindo, se sentisse em casa. Ela tinha retirado um fragmento sombrio de uma cidade e tinha-o remodelado para esta feira carnal, a partir dos desejos e sonhos do jovem incubo que fora Sebastian.

O Antro e o homem tinham mudado ao longo dos anos, tinham amadurecido. Quase se tinham separado. Na verdade, ela quase tinha perdido o seu primo quando ele fora capturado e levado para a Cidade dos Magos, mas ele ainda ali estava. Ela precisou de se lembrar que uma pessoa conseguia encontrar o caminho de casa se o seu coração ainda pertencesse a um lugar ou às pessoas que ali esperavam por si.

Glorianna conseguiu manter-se sentada até o Provocador entrar na sala e lhe sorrir.

— Ei, Glorianna. Queria dizer-te...

— Agora não, Provocador — disse Yoshani em voz baixa.

Glorianna saiu da mesa e começou a andar de um lado para o outro. O facto de ser uma Guia não fazia com que sofresse menos como irmã.

O Provocador olhou de um para o outro e o seu sorriso desvaneceu-se.

— Aconteceu alguma coisa?

— Sim — respondeu Yoshani — mas esperemos que todos cheguem para falarmos disso.

— Luz do dia — resmoneou o Provocador. — Vou ver o que o Philo tem para beber. — Passou pela porta que levava à cozinha.

Antes que o Provocador voltasse, a esposa de Sebastian, Lynnea, entrou na sala de jantar.

— Glorianna! É maravilhoso ver-te aqui.

— Não, não é — disse o Provocador enquanto voltava a entrar na sala com um tabuleiro cheio de garrafas e copos, bamboleando-se. — Bem, é, mas ela não está cá para jogar cartas com os demónios-touro e ganhar um jarro de azeitonas.

— Jogais por azeitonas? — perguntou Yoshani.

— *Eu* jogo a dinheiro na maior parte das vezes, mas o Philo troca refeições por jarros de azeitonas ou azeite, por isso... — O Provocador encolheu os ombros.

— Há algum problema? — perguntou Lynnea. — Onde está o Michael?

— Em Outeiros Nebulosos — respondeu Glorianna. — Deixei-lhe uma mensagem para ele vir cá ter connosco, mas não vamos esperar por ele.

Glorianna viu a preocupação nos olhos azuis de Lynnea, mas antes que esta pudesse fazer alguma pergunta, Nádía e o seu marido, Jeb, entraram, seguidos por Sebastian.

Vestido com uma camisa verde-musgo e calças justas pretas, Sebastian tinha um corpo que lhe concedia um segundo olhar de qualquer rapariga com idade suficiente — ou suficientemente jovem — para sonhar com um homem. O cabelo escuro, os olhos verdes perscrutantes, e o rosto pecaminosamente belo garantia-lhe poder ter a sua seleção de amantes. E ele tinha tido a sua seleção, até ter entregado o seu cartão de sócio do clube “sou um íncubo do piorio”, casado com Lynnea e se ter tornado o Justiceiro do Antro. Claro que o facto de ter descoberto que tinha herdado do seu pai os poderes mortíferos de um mago e que era o coração que Glorianna usara como âncora para o Antro podia ter contribuído para a sua decisão de mudar de carreira.

Sebastian olhou em redor. Antecipando-se a ele, Glorianna disse:

— O Michael voltará assim que puder. Não pedi à Caitlin para se juntar a nós. Teremos de lhe contar, mas ela não precisa de estar aqui agora.

— Contar o quê? — perguntou Nádía ao mesmo tempo que Sebastian disse:

— Onde está o Lee?

Glorianna respirou fundo e contou tudo, suspirando.

— O Lee atravessou para outra paisagem, uma que não ressoa comigo; nem com qualquer outra pessoa da família.

— O que queres dizer com isso?
— Quando é que isto aconteceu?
— Glorianna... — Protestos e perguntas de Nádía, Jeb e Lynnea.
— Espera — disse Sebastian bruscamente. Dando um ligeiro empurrão a Lynnea para que saísse da sua frente, avançou até Glorianna e analisou-a. — Porque achas que ele fez a travessia?
— Não acho; *sei* — disse Glorianna.
— Ele é um Construtor de Pontes e é teu irmão. Não se iria embora.
— Tu és meu primo e quase foste.
— *Não*.
— Sim. — Fora por *isto* que ela viera ao Antro para contar à família o que se passara com Lee. Porque quase tinha perdido também Sebastian e tinha esperança que ele ajudasse os outros a compreenderem. — Tu tinhas-te afastado do Antro, tinhas começado a desejar outras coisas. Se o Devorador do Mundo não tivesse escapado quando escapou, se a Lynnea não tivesse vindo para o Antro quando veio, tu terias atravessado numa noite para te encontrares com uma mulher que tinhas conhecido no crepúsculo dos sonhos quase despertos... e não terias voltado. Mesmo que tivesses intenção de regressar ao Antro, não terias encontrado o caminho de volta.
— Mas eu fiquei — protestou Sebastian.
— Porque as coisas mudaram — disse Glorianna. — *Tu* mudaste. Realinhas-te com o Antro de uma nova forma e abriste o teu coração às paisagens diurnas, para criar uma vida que incluísse a mulher que amas.
— O que é que isso tem a ver com o Lee abandonar a família?
— Não tenho a certeza que ele nos tenha abandonado a todos. — Custava-lhe admitir aquilo.
— As paisagens da Nádía estão no teu jardim — disse Yoshani em voz baixa. — Enquanto preparávamos esta reunião, pareceste certa de que o Lee não conseguia alcançar as paisagens a cargo da tua mãe.
— De início, achei realmente isso. Mas as paisagens da mãe não ressoam comigo, ressoam com ela. — Glorianna olhou para a sua mãe, que era uma Paisagista de Quinto Nível. — O Lee é um Construtor de Pontes. Pode pegar numa pedra e transformá-la numa ponte de sentido único para Aurora sempre que quiser, sem passar por nenhuma das minhas paisagens. Por isso acho que ele ainda conseguirá alcançar-te.
— Ou então podia usar aquela ilha que ele tem, certo? — perguntou Jeb.
Glorianna abanou a cabeça, ainda de olhos postos na mãe.
— Aquela ilha já não ressoa com ele.
Nádía susteve a respiração e levou os dedos aos lábios.

— Maldita seja a luz do dia, Glorianna — ripostou Sebastian enquanto a porta se abria atrás de si. — Porque é que isto aconteceu?

— Porque é que aconteceu o quê? — Michael pousou a mochila junto à porta. Apressou-se a alcançar Glorianna e passou-lhe um braço à volta da cintura.

Sebastian fitou Michael, cujo cabelo castanho era sempre um pouco desgrenhado e cujos olhos azuis e esfumados detinham normalmente um olhar amigável a quem pouco escapava acerca das pessoas que o rodeavam. Michael era um Mágico, um causador de infortúnios e portador de boa sorte — e estava a aprender a ser um Guia do mundo. Efémera chamava-lhe a Música porque este usava a música para alcançar os corações das pessoas e manter os seus fragmentos do mundo em equilíbrio.

Depois de um longo momento a fitar Michael, os olhos verdes e perscrutantes de Sebastian fixaram-se em Glorianna.

— Ele está a comportar-se como um fedelho porque tu e o Mágico andam a brincar às casinhas?

— Não desprezes a jornada de um coração — avisou Glorianna. — E o Michael e eu *não* andamos a brincar às casinhas.

— Alguém me diz o que se passa? — exigiu Michael.

— O Lee desapareceu — disse o Provocador. — Fez uma travessia para algures e evaporou-se. Até abandonou a ilhota dele.

Michael pareceu pensativo. Depois abanou a cabeça.

— Não. Ele não quer estar perto de mim e, lamento dizê-lo, querida, mas ele está bastante fora de sintonia com o teu lado mais obscuro ultimamente. Mas não está fora de sintonia com a Luz. A música que existe nele ainda está em sintonia com o Santuário.

— A ilha que era a sua paisagem privada já não ressoa com ele — disse Glorianna.

Michael estava com um ar severo.

— Devia.

Glorianna afastou-se dele. Não conseguiam perceber que ela estava a esforçar-se por aceitar aquilo? Porque não a deixavam acertar aquilo?

— Mas não o faz. Porque ele se fartou. Não percebes? O Lee tem vinte e nove anos e nunca teve a sua própria vida, por minha causa.

— Glorianna! — disse Nádia bruscamente, pondo-se de pé.

— É verdade, mãe. Tu sabes que é. — Sentindo-se desesperada, deu um passo para se afastar de todos. — Ele estudou no Colégio para ser um Construtor de Pontes *para mim*. Evitou fazer amigos porque não podia confiar em ninguém *por minha causa*. Nunca teve uma namorada, nunca foi um amante no sentido completo, porque não podia correr o risco de a

mulher *me* atraiçoar. Depois eu abandonei-o, abandonei-vos a todos. Bem, agora *ele* abandonou-me *a mim*.

Silêncio.

— Foi uma atuação e tanto — disse Nádía. — Devemos fazer passar um chapéu e atirar umas moedas?

Atónita, Glorianna fitou a sua mãe.

— Não somos a única família em Eféméra que alguma vez teve segredos — disse Nádía. — Não somos a única família que teve de ter algum cuidado com o que diz e com a forma como vive. O teu irmão não foi um Construtor de Pontes para ti devido a algum sentido de obrigação familiar, Glorianna. Ele *escolheu* trabalhar contigo. Ele *escolheu* ficar ao teu lado. Se ele tivesse encontrado uma mulher que amasse tão profundamente como o Sebastian ama a Lynnea ou o Michael te ama a ti, ele tê-la-ia trazido para conhecer a família, para *te* conhecer. O Lee não está sozinho por tua causa.

Os olhos de Glorianna ardiavam-lhe devido às lágrimas não derramadas.

— Então porque é que ele desapareceu?

— Quando foi a última vez que o Lee usou a ilha? — perguntou Sebastian.

— Ele estava a fazer um circuito, a inspecionar pontes — respondeu Yoshani. — Voltava para o Santuário a cada dois ou três dias para se reabastecer de comida e apresentar-se. Quando a Glorianna reparou na ilha, pensei que o Lee tinha regressado. — Tentou sorrir. — Era dia de fazer pão, e a Brighid reservava-lhe sempre alguns petiscos.

— A música do coração de um homem não muda assim tanto, tão depressa — disse Michael em voz baixa. — Não estou a dizer que o Lee não encontrou um lugar que lhe interessasse e que não esteja ao alcance do resto de nós, mas um homem não muda assim tão depressa.

— A não ser que lhe tenha acontecido alguma coisa — disse Sebastian.

— Ou que lhe tenha acontecido alguém? — perguntou o Provocador.

Glorianna ficou tensa. Porque não pensara nisso quando *soubera* que isso poderia acontecer?

— Certo — disse Michael. — Quem poderia mudar um homem assim tão depressa?

— Magos — disparou Sebastian. — Quando eu estava prisioneiro na Cidade dos Magos...

— A tua ressonância mudou — concluiu Glorianna suavemente. — Devido ao que te fizeram. Quase te perdemos, Sebastian.

Michael voltou-se para Yoshani.

— Vós dissestes que o Lee vinha apresentar-se. Sabeis onde ele estava? Yoshani pegou num pequeno livro da mesa ao seu lado.

— O Lee mantinha apontamentos meticolosos acerca das pontes

que construía, onde estavam, de que tipo eram e quais as paisagens que uniam.

Glorianna afastou o longo cabelo negro do rosto e estendeu uma mão para o livro.

— Deixai-me ver isso. Se o Lee estava a evitar as minhas paisagens, teria ido verificar as pontes que existem nos fragmentos de Efémera que pertencem à mãe. — Folheou páginas até chegar à última nota, depois inclinou o livro quando Nádía se pôs atrás dela, para que a sua mãe pudesse ler também.

— Eu conheço aquela ponte — disse Nádía. — É na paisagem que faz fronteira com Aurora. Cruza um afluente junto a uma aldeia chamada Tully e é uma forma de atravessar para duas das minhas outras paisagens e uma das tuas.

— Então esta ponte fica numa das tuas paisagens, tia Nádía? — perguntou Sebastian.

— Sim. — Nádía empalideceu. — Se o Lee se meteu em apuros...

— Então um inimigo pode ter encontrado uma forma de entrar — concluiu Sebastian. — Achas que o Michael e eu ressoamos com essa outra paisagem o suficiente para atravessar a fronteira e visitá-la? Então e o Dalton e o Addison? Gostava de dar uma vista de olhos à ponte que o Lee estava a inspecionar e gostava que viessem guardas treinados connosco.

— Eu... — Nádía inspirou profundamente e endireitou os ombros. — Acho que nenhum de vós teria problemas, mas se algo tiver mudado...

— O Lee deu-me um par de pontes de sentido único que me trariam de volta ao Antro — disse o Provocador. — Pedi-lhas para me sentir mais à vontade a atravessar para... hã... visitar uma nova amiga.

— Eu tenho duas de sentido único para o Antro — disse Sebastian.

— Se me separar do resto de vós, posso simplesmente dar o passo entre aqui e ali e voltar à minha parcela de jardim na Ilha na Bruma — disse Michael.

Sebastian anuiu com a cabeça.

— Então vamos mandar avisar o Dalton e o Addison. Quanto mais depressa descobirmos para onde foi o Lee, melhor.

Dalton, um agente da lei em Aurora, tinha o seu próprio cavalo. Assim como Addison, que trabalhava como guarda no Antro. Visto que Sebastian não tinha a certeza se os ciclodemónios que viviam no Antro conseguiriam atravessar para a paisagem que precisavam de alcançar, ele e Michael levaram cavalos emprestados dos estábulos dos agentes da lei, em Aurora.

Seguindo as direções de Nádia até à anta que marcava a fronteira entre Aurora e Tully, os quatro homens chegaram à ponte sem incidentes, mas não viram qualquer sinal de Lee e não conseguiram encontrar qualquer indicação de que estavam do lado *certo* da ponte.

— Se o Lee atravessou para inspecionar esta ponte vindo do outro lado, podia ter encontrado problemas lá — disse Dalton, mexendo-se na sua sela. — Até mesmo uma paisagem diurna possui corações sombrios. Ele pode ter sido assaltado e deixado algures, ferido.

Sebastian abanou a cabeça.

— Porque é que os ladrões se interessariam por ele? Não trazia nada com ele; a mochila estava na ilha. Se se sentisse ameaçado, teria recuado até à ilha. Era tudo o que precisava de fazer para estar num lugar onde os ladrões não lhe poderiam chegar.

— Só que a ilha já não lhe responde, pois não? — disse Michael em voz baixa. — Então talvez ele pensasse que o perigo não podia alcançá-lo, mas alcançou.

— Talvez. — Sebastian desmontou do cavalo, feliz por voltar a sentir os pés no chão. Os cavalos comuns não tentariam matá-los por diversão — ou comê-los — mas se tivesse de depender de algo para além dos seus próprios pés, ainda assim preferia lidar com os ciclodemónios.

Michael, Dalton e Addison desmontaram dos cavalos. Baixando as rédeas para prender o cavalo ao chão, Addison afastou-se dos outros e analisou o solo.

Dalton prendeu o seu cavalo, sacou do seu punhal e depois inclinou a cabeça na direção da ponte.

— Eu atravesso.

— Não — disse Sebastian. — Tens mulher e filhos.

Dalton lançou um sorriso estranho a Sebastian.

— Justiceiro, esta é uma ponte estável entre paisagens conhecidas. É o mais seguro que um homem pode estar em Efémora. E tenho a ponte de sentido único que me deste, que me leva de volta ao Antro.

— Certo, então...

— Capitão! — chamou Addison. — Encontrei qualquer coisa. — Apontou para o chão mesmo à sua frente.

Os outros apressaram-se a juntar-se a ele. Addison abanou a cabeça e tirou as rédeas das mãos de Michael e Sebastian.

Sebastian hesitou e depois apanhou o relógio de bolso, arrancando a corrente do solo.

— Isso é do Lee? — perguntou Dalton.

Michael resmungou qualquer coisa em voz baixa, acerca da criança selvagem.

Sebastian sorriu enquanto passava o relógio partido a Michael.

— Pertence ao Mágico, por assim dizer.

Dalton caminhou à frente dos outros por alguns passos, depois parou e apontou.

— Está aqui outro.

— É melhor ir buscar os outros cavalos. — Addison passou as rédeas a Michael.

Encontraram mais dois relógios de bolso partidos enquanto ainda avistavam a ponte.

Sebastian olhou para Michael.

— Parece que Efêmera nos está a dar um rasto. Caminhamos um pouco?

Michael anuiu com a cabeça.

— Se mantivermos o afluente à nossa direita, conseguiremos refazer os nossos passos.

Caminharam por vários minutos a um passo rápido, com Dalton à frente e Addison na retaguarda, a conduzir os quatro cavalos.

— Não vi mais nenhum desses relógios — disse Dalton. — Talvez o Lee...

O vento mudou.

— Guardiões e Guias — disse Dalton, engasgando-se. — Que cheiro é este?

— Ervas de mau cheiro — disseram Sebastian e Michael enquanto desatavam a correr.

Abrandaram quando viram pedaços de tábuas partidas a flutuar no afluente. Tapando o nariz e a boca com a mão, aproximaram-se cuidadosamente do que restava de uma ponte pedonal rudimentar. Ao sinal de Dalton, Addison esperou atrás com os cavalos.

As ervas de mau cheiro estendiam-se por cerca de três metros à frente da ponte. O que restava das tábuas tinha sido esmagado por algum tipo de videiras espinhosas. Cinco plantas com folhas de um verde tão escuro que parecia negro cresciam em redor da área onde alguém tinha feito uma fogueira. Enquanto os homens fitavam as plantas, uma flor começou a brotar de uma vagem carnuda.

— Merda! — gritou Dalton, dando um passo atrás.

— Uma planta de trampa? — perguntou Sebastian enquanto também ele recuava. O fedor provocou-lhe lágrimas.

— A criança selvagem tem estado mais expressiva desde que a Glorianna voltou — disse Michael.

— E isso significa o quê? — Sebastian recuou, afastando-se das plantas. — Que havia aqui cinco pessoas de quem o mundo não gostou?

— Ou não gostou que estivessem aqui — disse Michael num tom sinistro.

— Há uma certa elevação ali — disse Dalton. — O suficiente para esconder um pequeno acampamento. Ficai aqui. Vou dar uma vista de olhos. — Encaminhou-se para a elevação.

Sebastian analisou o solo em redor do afluente. Não que conseguisse dizer muito, para além do óbvio.

— O Lee não construiu aquela ponte.

— Não — concordou Michael — mas alguém o fez, e *essa* pessoa conseguiu trazer outros que não deviam ter conseguido alcançar um lugar que pertence à Nádia.

Conseguia lembrar-se do tipo de pessoas que tinham conseguido viajar nas paisagens diurnas, apesar da impureza dos seus corações. Magos. Não apenas os magos que eram Justiceiros, mas aqueles que agiam em nome dos Guias das Trevas.

Dalton assobiou, apontou para eles e fez-lhes sinal para que se aproximassem. Com outro aceno da mão, ordenou a Addison que amarrasse os cavalos a duas árvores novas, antes de sacar do seu punhal e se juntar aos outros.

Sebastian e Michael apressaram-se a subir a elevação.

— O que foi? — perguntou Sebastian.

— Já estive vezes suficientes em ambos os tipos de acampamentos para saber a diferença entre fazermos uma paragem de um dia para o outro e instalarmo-nos — disse Dalton, olhando para Sebastian.

Dalton fora o capitão da guarda que tinha ajudado Koltak, o mago pai de Sebastian, a capturá-lo e a trazê-lo para a Cidade dos Magos — e que o tinha protegido quando Koltak tentou matá-lo depois de Sebastian lhe ter estropiado o pé. Tendo sido despedido e perdido a patente por ter protegido o íncubo, Dalton e a sua família tinham acabado em Aurora.

Agora Sebastian e Dalton eram ambos agentes da lei, cada um à sua maneira — embora a interpretação desses deveres por parte do mago-íncubo normalmente não correspondesse à do antigo capitão.

— Eles esperaram por alguém aqui? — perguntou Sebastian, querendo uma confirmação.

Dalton anuiu com a cabeça.

— E o que quer que tenha acontecido aqui, aconteceu suficientemente depressa para partirem sem dismantelar o acampamento.

— Então vamos dar uma vista de olhos. — Michael desceu a elevação. Parou quando chegou às tendas e inclinou a cabeça na direção de uma delas, depois para a outra. — Sebastian, dá-me aqui uma mãozinha.

Avançando para a parte de trás da tenda, Michael agarrou na estaca e esperou que Sebastian segurasse a estaca da frente. Arrancaram-nas e vi-

raram esse lado da tenda para cima, revelando o conteúdo armazenado lá dentro.

Mantas enroladas. Mochilas. Odres de água. Nada que Sebastian não estivesse à espera de ver. Nada que Lee não guardasse na ilha quando planeava dormir fora por uns dias enquanto verificava as pontes.

Quando viravam a outra tenda para cima...

— Guardiões e Guias — disse Dalton.

Estava um homem deitado no chão, com o corpo enegrecido. Poderia ter sido um jovem, mas o seu rosto e corpo estavam tão danificados que era difícil ter a certeza.

— O que lhe aconteceu? — perguntou Addison.

— O raio dos magos — respondeu Sebastian, esfregando o polegar contra dois dedos. — Foi atingido pelo raio dos magos. Parece ter sido espancado primeiro, mas foi morto pelo raio.

— Talvez estivesse a tentar ajudar o Lee a afugentar um mago — disse Dalton.

— O que quer que ele estivesse a fazer aqui, não creio que fosse amigo do Lee — disse Michael, apontando para as pequenas plantas que começaram a brotar do chão à volta da cabeça do homem.

Mesmo quando eram plantas minúsculas, as ervas de mau cheiro eram *repugnantes*.

Os homens recuaram.

— Certo — disse Sebastian. — Presumindo que o mundo sabe contar — olhou para Michael, que encolheu os ombros — cinco pessoas atravessaram para esta paisagem, uma das paisagens da Nádia, e montaram o seu acampamento. Pelo menos um deles era um mago. Agora desapareceram. Assim como o Lee. E o único que resta no acampamento é um homem morto. Como chegaram aqui, e como partiram? — Tinha as suas próprias ideias acerca de *como* o fizeram, mas queria ouvir o que os outros homens tinham a dizer.

— Aquelas tábuas sobre o afluente — disse Dalton com ar pensativo, olhando naquela direção. — A ponte que ligava a Cidade dos Magos à paisagem que o Mago Koltak percorreu para te encontrar não era diferente. Se aquele fulano era um Construtor de Pontes, isso poderia explicar como é que o mago e os seus homens aqui chegaram, mas não porque pararam aqui. Os magos que andam à solta nas paisagens continuam a querer destruir Belladonna. Porquê parar aqui?

— Talvez isto fosse o mais próximo que *conseguiram* chegar — disse Sebastian. — O Koltak levou dias a alcançar-me no Antro, e acho que desde então nenhum mago ou Guia das Trevas conseguiu chegar a qualquer lugar que pertença a Glorianna Belladonna.

Dalton ficou tenso.

— Mas se eles tivessem alguém como o Lee, um Construtor de Pontes que *conseguiria* levá-los para as paisagens dela...

Sebastian anuiu com a cabeça.

— Uma Paisagista, um Construtor de Pontes, até os magos três vezes amaldiçoados saberiam que as pontes são inspecionadas regularmente. Não seria difícil adivinharem que o Lee tinha construído a maioria das pontes nas paisagens da Nádia. Tudo o que tinham de fazer era encontrar uma e esperar que ele aparecesse.

— Não explica o que lhes aconteceu — disse Addison.

— Uma ponte ressonante de sentido único — respondeu Michael em voz baixa. — Quando eu e o Lee estávamos na Colina do Corvo, ele atirou uma pedra a um homem que estava prestes a começar uma rixa na taberna. O homem desapareceu diante dos nossos olhos. O Lee não sabia para onde o homem fora, sabia apenas que tinha ido para uma paisagem que ressoava com o seu coração naquele momento.

— Provavelmente não seria um bom lugar, se ele estava prestes a começar uma rixa — disse Sebastian.

— Provavelmente não — concordou Michael. Mudou o seu peso de um pé para o outro. — Sejam quais forem os problemas que o Lee tem comigo e com a Glorianna, há uma coisa naquele homem de que tenho a certeza: quando ele se apercebeu de que havia um mago entre aqueles homens, fez tudo o que pôde para proteger a mãe e a irmã.

— Ele não conseguiu chegar à ilha — disse Sebastian suavemente. — Não conseguiu fugir.

— Por isso agarrou em algumas pedras e deu-lhes suficiente poder de Construtor de Pontes para as transformar em pontes ressonantes de sentido único, tentando levar aqueles homens para longe daqui — disse Michael.

Sebastian anuiu com a cabeça.

— Atiram-se umas quantas pontes ressonantes para um emaranhado de membros e corações irados... Guardiões e Guias, Michael. O Lee pode estar em qualquer lado, agora.

— Ele pode estar em qualquer lado — concordou Michael. — E provavelmente não foi com aqueles homens de livre vontade.

Sebastian suspirou.

— Temos de regressar e contar aos outros.

— Ide andando — disse Michael. — Vou ter convosco junto aos cavalos.

Sebastian, Dalton e Addison afastaram-se das tendas. À medida que se aproximavam das tábuas partidas, as ervas de mau cheiro e as plantas de dejetos afundavam-se no chão, deixando a terra nua.

Alguns minutos depois, Michael juntou-se a eles.

— Vimos o que devíamos ver — disse Michael. — Não parecia certo deixar aquelas plantas nojentas na paisagem da Nádia, ou deixar um cadáver por enterrar, fosse qual fosse o seu papel no desaparecimento do Lee.

Não, não parecia certo, pensou Sebastian enquanto montavam os cavalos e cavalgavam de volta à anta e à fronteira que os deixaria mais perto de casa. Nada daquilo parecia certo. Mas mesmo que Lee *tivesse* sido levado por um mago ou estivesse simplesmente perdido algures nas planícies, Sebastian tinha uma ideia de como poderiam encontrá-lo. E a avaliar pela expressão pensativa de Michael enquanto cavalgavam de volta para Aurora, o Mágico tinha a mesma ideia.



CAPÍTULO SETE

Danyal retirou a vassoura do armário das arrumações e começou a varrer o chão do edifício de dois andares que apelidara de Templo da Tristeza e da Alegria.

Passara um mês desde a sua chegada ao Asilo, e fora preciso algum tempo para que os Cuidadores e os Ajudantes, bem como os internados, se adaptassem a ter um Xamã como Encarregado do Asilo. Danyal não queria que aquele Asilo fosse apenas um lugar de confinamento. Queria que fosse um lugar de cura, dando ali aos internados parte da mesma assistência que os Xamãs davam às pessoas que vinham a Os Templos, a comunidade fechada no centro de Visão que era o lar e o lugar de formação dos Xamãs.

A seu pedido, o seu mentor, Farzeen, enviara-lhe um conjunto de gongos e espanta-espíritos — as ferramentas que usara quando servira no Templo da Tristeza. E alguns dos internados estavam *realmente* a conseguir libertar-se da sua confusão mental ou emocional ao usar os gongos. A libertação da fúria, dor, desilusão e das tristezas da vida estava a começar a conceder-lhes alguma paz, estava a permitir que aquelas pessoas dessem voz a ferimentos do coração que tinham ficado por tratar.

Iria isso alterar o equilíbrio da Luz e da Escuridão naquela parte da cidade?

Danyal fez uma pausa quando sentiu os sussurros do mundo a percorrerem-no num arrepio.

O Asilo ficava numa parte de Visão que era considerada um lugar-sombra — um lugar que não era luz nem escuridão porque era ambos, e podia ser encontrado por quase qualquer pessoa. Mas não havia dois lugares-sombra iguais. Alguns eram a sombra fresca e profunda encontrada sob as árvores velhas. Alguns eram grutas que podiam revelar maravilhas. E alguns eram lugares frios, estagnados e repletos de criaturas com ferrões venenosos.

O Conselho de Xamãs estava certo. Algo viera para Visão e andava a esgaravatar pelos lugares-sombra, tornando alguns deles obscuros, de tal

forma que os escondia dos olhos dos Xamãs. Danyal não conhecia aquela parte da cidade, por isso não sabia o que não podia ver, mas à medida que percorria as ruas em redor do Asilo para tomar conhecimento das lojas e das pessoas, sentiu poços de *ausência* perturbantes que o levaram a pensar que um edifício ou até uma rua inteira estariam para lá da sua capacidade de os ver e, conseqüentemente, proteger.

Paz, pensou Danyal enquanto começava a varrer. Se não consegues levar o teu próprio coração na direção da paz, como poderás mostrar o caminho aos outros?

Ouviu alguém a correr no caminho que levava ao edifício, ouviu o estrondo nas escadas. Então Kobrah entrou de rompante. O seu rosto já corado ficou ainda mais vermelho quando o viu.

— Xamã Danyal — disse ela, enervada. — É suposto ser eu a varrer o chão.

— É, sim — respondeu ele calmamente. — Mas, hoje, varro eu o chão. Podes limpar o pó e depois ajudar-me a dispor os tapetes e os gongos.

Kobrah cerrou os punhos na saia até aos tornozelos.

— Desculpai o atraso.

Ele olhou-a de relance. Ela devia ter sido um poço cheio de água pura e doce. Em vez disso, era um poço partido e cheio de pedras afiadas, escondidas sob alguns centímetros de água turva e frígida. Através da troca de correspondência com Nalah, a esposa do seu sobrinho Kanzi, Danyal descobrira algumas coisas sobre Kobrah e sobre a dor que a fizera quem era. O que não conseguia perceber era quanta daquela escuridão que existia nela já ali estivera antes de Kobrah, Nalah e duas outras terem escapado da sua aldeia. E no entanto...

Não parou de varrer, não quebrou o som rítmico da vassoura no chão, mas voltou a olhar para ela de relance.

Algo diferente. Havia agora um pouco mais de água no fundo daquele poço partido, e não era tão gélida.

— Fizeste um amigo? — perguntou ele casualmente.

Kobrah tinha estado a limpar o pó aos gongos e às prateleiras instaladas sob as janelas. Agora parava e voltava-se — e Danyal sentiu as pedras do seu poço a remexerem-se e a tornarem-se mais afiadas.

— Ela contou-vos? — A voz de Kobrah era ríspida, cheia de ódio. Angustiada.

Danyal parou de varrer e deu-lhe toda a sua atenção.

— Se fizeste uma confidência a alguém, a tua confiança não foi traída. Perguntei porque pareces mais feliz. — Apontou para os gongos. — Gostaria de colher os louros por te tirar algum peso do coração, mas acho que não é por minha causa que tens andado a sorrir ultimamente.

Kobrah fitou-o, com uma expressão de carência e prudência.

— Sou um Xamã — disse ele delicadamente. — Sei ouvir.

Quando ela continuou a olhá-lo fixamente, ele recomeçou a varrer.

Kobrah observou-o durante um minuto. Então disse:

— Ele chama-se Provocador. Vem de um lugar chamado Antro de Devassidão. Diz que é uma paisagem obscura, mas não é um lugar mau.

Claramente, ela queria — ou esperava — que ele reagisse mal, por isso Danyal limitou-se a ir buscar o apanhador ao armário.

— O que mais diz o Provocador? — perguntou.

Ela analisou-o por mais algum tempo antes de lhe dizer que o Provocador era de uma raça chamada íncubo e o seu melhor amigo era um mago-íncubo que era também o Justiceiro do Antro.

Palavras estranhas. Muito provavelmente, aquele amigo seria alguém que ela tinha imaginado, visto que os Guardas percorriam os terrenos do Asilo durante a noite e teriam reparado em Kobrah e um estranho — ou um internado — a darem um passeio ao luar.

— Como é que ele chega ao Asilo? — perguntou Danyal.

— Através do crepúsculo dos sonhos quase despertos.

Uma brisa ligeira roçou a parte de trás das pernas de Danyal como um gato amigável, como se o encorajasse a acreditar naquelas palavras.

Um arrepio percorreu-o. Aquela brisa parecia demasiado *consciente* para ser algo natural.

Com esforço, afastou aquele pensamento e concentrou-se em Kobrah e no que ela lhe contara.

Enviaria um bilhete ao Conselho de Xamãs naquele serão, mas achava que aquele Antro de Devassidão não fazia parte de Visão. Isso deixava a pergunta de *onde* seria e como é que alguém conseguia viajar através dos sonhos.

Muitas estradas levavam àquela cidade, mas poucas coisas para além dela pareciam capazes de criar ligações com profundidade suficiente para trazer algo do exterior. Pelo menos até agora.

O que fez com que Danyal voltasse a pensar em Zhahar e porque é que frequentemente sentia nela três corações-núcleo em vez de um — e porque é que geralmente sentia os três quando ela estava cansada ou distraída e, como tal, com menos capacidade de manter alguma verdade oculta da única pessoa que sentia que ela era diferente: ele.

— Parece ser um homem interessante — disse Danyal enquanto pousava um gongo em frente a cada tapete que Kobrah dispusera num círculo.

— Sim.

Não havia qualquer confiança na voz de Kobrah. Ela tinha-lhe feito

uma confidência. Agora ia esperar para ver o que ele faria com as suas palavras.

Tendo preparado a sala que usava para ajudar as pessoas a libertarem a tristeza, ele e Kobrah dirigiram-se à sala reservada à alegria. Em silêncio, varreram e limparam o pó, e os espanta-espíritos cantaram ao seu toque.

Como parte dos seus rituais matinal e vespertino, Danyal escolhia um espanta-espíritos que tinha um som peculiar. Depois percorria os terrenos, deixando-o retinir com o seu movimento. Notas alegres para encorajar pensamentos alegres e erguer os corações para a Luz.

Naquele dia escolheu um dos maiores espanta-espíritos.

— Será que eu podia... alguma vez...?

Danyal olhou para Kobrah. Os seus olhos estavam fixos no espanta-espíritos. Isso fê-lo sentir esperança nela, por isso entregou-lho.

Quando ela lhe sorriu, ele viu a rapariga que ela tinha sido antes de os atos obscuros lhe terem adulterado a vida.

O Xamã esperou até ouvir os espanta-espíritos a afastarem-se do templo. Depois caminhou até ao edifício principal e entrou na sala que continha os cacifos dos Cuidadores — e viu uma mulher estranha, de pé, à frente do cacifo aberto de Zhahar, a retirar o seu blusão de trabalho azul.

A mulher tinha cabelo castanho-escuro e olhos escuros. Havia uma cicatriz recortada e saliente que lhe percorria o antebraço esquerdo, desde o cotovelo até ao pulso. No seu bíceps esquerdo havia uma tatuagem de um coração dentro de um triângulo.

— Quem és tu? — perguntou ele, com a voz a ecoar com a autoridade e o poder de um Xamã.

Tempestades. Dilúvios. Deslizamentos de terras. Foi isso que ele sentiu quando os olhos dela se fixaram nos dele.

Perigosa. E algo familiar.

— Sou a Zeela — disse ela finalmente. — Irmã da Zhahar.

A resposta dela deixou-o preso num lago congelado, com o gelo a rachar subitamente sob os seus pés. Um movimento descuidado destruiria mais do que a sua própria vida. Estava certo disso.

Deu um passo na direção da mulher — e sentiu o calmo lago de verão que associava a Zhahar, bem como regatos cheios de água límpida.

Nunca tinha sentido tamanha confusão numa pessoa que era suposto ser sã. E, no entanto, não *parecia* confusão. O que não fazia mais sentido do que uma pessoa com três corações-núcleo.

— Aconteceu alguma coisa à Zhahar? — perguntou ele.

— Não — respondeu Zeela. — E nada acontecerá enquanto eu estiver por perto.

Danyal olhou de relance para a bota dela.

— É por isso que trazes uma faca?

— Trago mais do que uma. — Inclinou a cabeça na direção da porta deslizante que fechava um lavatório e sanita. — Ela está lá dentro.

— O que aconteceu? — perguntou ele. Tinha emprestado um livro a Zhahar para a sua irmã, mas parecia-lhe que esta mulher não tinha grande interesse por livros.

Aqueles olhos escuros analisaram-no, e ele sentiu as tempestades a aproximarem-se.

— Uma mulher que vive mais abaixo na nossa rua foi atacada na noite passada. Não há esperança de que sobreviva até ao fim do dia. Pode ter sobrevivido à violência causada ao seu corpo, mas a sua mente também ficou danificada, e no fim será isso que a matará. A Zhahar consegue ser suficientemente forte quando é preciso, mas a Sholeh...

— Há três de vós?

Zeela lançou-lhe um sorriso nervoso.

— Não é invulgar na nossa família. A Zhahar é a mais velha por alguns minutos. A Sholeh é a bebé, visto que saiu do ventre depois de mim.

Danyal rodopiou para trás sobre as solas dos sapatos. Trigêmeas? Seria por isso que sentia uma sobreposição de corações-núcleo? Nunca tinha ouvido falar de tal acontecer, mas supunha que fosse possível, se os laços afetivos entre as irmãs fossem suficientemente fortes.

Significaria isso que Sholeh era a água límpida?

— A Sholeh é a intelectual? — perguntou, esperando descobrir mais acerca da família de Zhahar.

— Sim. — Uma resposta clara, que não convidava a mais curiosidade.

E tu és a guerreira. Danyal olhou para a porta deslizante e depois novamente para Zeela.

— Diz à Zhahar que gostaria de falar com ela. Foi um prazer conhecer-te, Zeela. Espero ter a oportunidade de um dia conhecer a Sholeh.

— Xamã.

Zeela pareceu estar a dispensá-lo.

Danyal dirigiu-se ao seu escritório e sentou-se à secretária, decidido a rever os relatórios noturnos dos Cuidadores. Mas um minuto depois, levantou-se e olhou pela janela.

Tempestades. Dilúvios. Deslizamentos de terras. Zeela deixava-o apreensivo. Era capaz de enorme violência. A cicatriz que tinha no braço não o provava tanto como a expressão dos seus olhos escuros. Ela faria qualquer coisa para manter as suas irmãs em segurança, e isso era algo que ele não se podia dar ao luxo de esquecer, se ia bisbilhotar o

mistério de poder sentir três corações-núcleo quando apenas uma das irmãs estava presente.

Devia reportar a presença dela ao Conselho de Xamãs. Ela era um mistério, algo desconhecido que podia estar na origem dos problemas de Visão. Mas se não era a origem, se era apenas um mistério porque ele não compreendia uma verdade simples, poderia pôr em marcha mudanças que não seriam anuladas facilmente, ou de todo.

Por isso ia observar, esperar e ver se conseguia conquistar a confiança dela o suficiente para ela lhe dizer o que tornava invulgar a ligação entre ela e as irmãs. E ele iria perguntar a Farzeen — com precaução — se o ancião já tinha ouvido falar de algo semelhante ao que ele estava a sentir.

Ouviu bater à porta que tinha deixado aberta. Voltou-se e viu Zhahar, a endireitar o blusão de Cuidadora.

— Queríeis ver-me, Xamã Danyal?

— Conheci a tua irmã — disse ele, lançando-lhe um sorriso gentil.

— Sim, ela mencionou-o quando eu saí dos lavabos.

Estaria ele a ver prudência nos olhos azuis de Zhahar?

— Ela contou-me acerca da mulher que foi atacada. Talvez eu deva mandar um Guarda escoltar as Cuidadoras à paragem do carro comunitário a partir de agora, se o turno terminar depois de escurecer.

Zhahar anuiu com a cabeça.

— Isso seria sensato e, penso eu, bem acolhido por todas as mulheres que trabalham no Asilo, não apenas as Cuidadoras.

A resposta dela surpreendeu-o, porque pensara que ela lhe diria que Zeela era escolta suficiente. Mas a surpresa durou apenas um instante. Para Danyal, tornara-se evidente ao longo do último mês que no que dizia respeito a lidar com outras pessoas (fossem os seus colegas ou os internados que lhe eram atribuídos), Zhahar era altamente intuitiva e tinha tendência a liderar com o coração. Podia ter uma irmã que conseguia protegê-la de pretensos atacantes, mas as outras mulheres não tinham. Consequentemente, ela devia aprovar uma escolta mesmo que para ela fosse inconveniente ter alguém a observá-la assim que estivesse fora dos terrenos do Asilo.

E o que teria dado a Danyal a impressão de que *seria* inconveniente?

— O que sabes do crepúsculo dos sonhos quase despertos? — perguntou ele, decidindo abordar o outro assunto que estava a incomodá-lo. Ela pareceu quase assustada, até ele acrescentar: — A Kobrah mencionou essa expressão, e perguntei-me se farias alguma ideia.

Zhahar lambeu os lábios.

— Estou certa de que seja o que for que a Kobrah esteja a sentir, não está a prejudicá-la, e a internada que tinha mencionado estar a ser visitada

por um amante dos sonhos também não estava a ser prejudicada. Na verdade, a sua clareza de espírito parecia estar a melhorar até...

— Até? — insistiu Danyal quando se tornou evidente que ela não queria acrescentar mais nada.

— Até que o Encarregado anterior deu ordens ao Médico Benham para lhe dar uma poção soporífera que a fizesse cair num sono profundo o suficiente para anular qualquer sonho.

Danyal analisou-a.

— Não concordas com essa decisão?

— Ela estava a melhorar — disse Zhahar, com um toque de teimosia, e fúria, na voz. — Mesmo que mais ninguém o reconheça, ela tem vindo a piorar a cada dia, desde que os sonhos pararam.

— Porque é que eu não fui informado acerca destes sonhos, se dantes eram desconhecidos? — perguntou Danyal. — Esta internada, assim como a Kobrah, agora são responsabilidade minha, Zhahar. Posso não ser um curandeiro ou um psiquiatra ou até um médico de clínica geral, mas *sou* um Xamã e sou o Encarregado do Asilo. Como tal, devia ter a última palavra em relação aos tratamentos que os internados recebem.

Zhahar levantou o queixo e endireitou os ombros, e Danyal viu — e sentiu — algo de Zeela na sua linguagem corporal.

— A Kobrah não é uma internada, e o que é dito a um amigo devia ficar com esse amigo quando ninguém será prejudicado por palavras ou ações. Quanto à outra mulher, estou certa de que os Cuidadores de serviço tomaram notas acerca do seu “amigo”, principalmente depois que um internado teve de ser acorrentado quando tentou fugir para “fazer a travessia” para conhecer a *sua* amante dos sonhos. Os sedativos fortes podem ter sido a decisão correta para lidar com ele, mas prejudicaram a mulher. Quanto ao motivo por que vós não fostes informado, isto aconteceu mesmo antes da vossa chegada. Ainda estamos a aprender o que esperais de nós. Não sou uma Cuidadora sénior, Xamã Danyal. Não me cabe a mim dar opiniões sobre as decisões do Encarregado ou do Médico.

E no entanto, ouvi várias opiniões acerca do Asilo e das pessoas que tomam decisões por aqueles que não podem fazer escolhas por si mesmos.

— Há mais alguma coisa que eu deva saber? — perguntou ele calmamente.

Ela não teve oportunidade de responder porque outro Cuidador entrou de rompante, com o blusão manchado de sangue.

— Xamã! Um dos internados acabou de atacar a Kobrah e arrancou-lhe um dedo à dentada!

Zhahar foi a primeira a sair porta fora, mas Danyal estava-lhe no encal-

ço. Juntos, saíram a correr do edifício e apressaram-se na direção do aglomerado de pessoas no relvado.

Três Cuidadores estavam a debater-se para amarrar uma camisa de forças a um internado. Kobrah estava ao lado, pálida e a tremer. A sua mão esquerda sangrava descontroladamente; a direita ainda segurava os espanta-espíritos.

— Maldita sejas por trazeres a Luz! — gritou o homem. — Não merecemos a Luz! Não merecemos nada!

Zhahar correu para Kobrah, enrolou o fundo do casaco cinzento da Ajudante à volta da mão esquerda da mulher, e segurou-a enquanto Danyal agarrava o cabelo do homem para evitar que este mordesse os Cuidadores que o tentavam subjugar.

— Devíamos estar a beber pus e a comer vermes! — gritou o homem. — Extingui a Luz antes que se torne mais forte!

Danyal não gostava desses métodos, mas depois de os Cuidadores terem atado o homem a uma cama numa cela de isolamento, deu-lhes autorização para usarem uma mordaca, tanto para proteger os Cuidadores como para evitar que o homem arrancasse a própria língua com os dentes.

Dirigindo-se à ala da enfermaria, encontrou Kobrah sentada numa das camas estreitas, vestida com uma túnica branca e limpa. A sua mão esquerda estava envolvida em ligaduras espessas. Tinha o olhar sonolento de alguém profundamente sedado, mas a sua mão direita ainda segurava a pequena corrente ligada ao espanta-espíritos.

— Kobrah? — Danyal sentou-se no banco de madeira junto à cama. Ela demorou tanto tempo a fitá-lo, que o Xamã se perguntou se o Médico Benham teria sido demasiado generoso com o sedativo.

Ela estendeu o espanta-espíritos.

— Mantive a Luz em segurança. É importante manter a Luz em segurança.

Ele pegou no espanta-espíritos.

— É, sim.

Zhahar entrou no quarto num passo ligeiro, com o seu esforço por ser alegre a produzir ondas com espuma no seu lago habitualmente calmo.

— Trouxe-te um copo de água e encontrei cordel para podermos... Oh. Xamã. — Olhou de relance para o espanta-espíritos nas suas mãos e depois sentou-se na cama, ao lado de Kobrah. — Bebe um pouco de água. Depois devias dormir um pouco.

Danyal estendeu a mão.

— Dá-me o cordel.

Ela retirou uma porção de cordel do bolso do blusão.

O Xamã amarrou uma das pontas do cordel à corrente do espanta-espíritos. Afastando as cortinas transparentes para o lado, atou a outra ponta do cordel ao varão da cortina. A brisa ligeira que entrava pela janela totalmente aberta fez o espanta-espíritos cantar.

Kobrah olhou para o espanta-espíritos mas estava demasiado sedada para reagir. Zhahar, por outro lado... Aqueles olhos azuis mostraram ao Xamã que o facto de ter pendurado o espanta-espíritos para confortar Kobrah lhe tinha valido outro nível de confiança.

Depois olhou para baixo, para as botas dela — e outro arrepio percorreu-o.

Porque estava ela a usar as botas que tinham a faca da sua irmã?

— Vê se descansas — disse ele, tocando gentilmente o ombro de Kobrah. Olhando para Zhahar, inclinou a cabeça e saiu da enfermaria. Ela juntou-se a ele poucos minutos depois.

— O Cuidador que vos informou viu o sangue, mas não o ferimento em si — disse Zhahar. Levantando a mão esquerda, beliscou a parte do dedo entre o nó e a articulação. — O internado arrancou um pedaço de pele e carne, mas não osso. Foi mais sangue do que danos.

— Sabes porque é que isto aconteceu?

— Ele queria destruir o espanta-espíritos porque atraía a Luz. A Kobrah não lho deu, por isso ele atacou-a. Ele disse... — Abraçou-se a si mesma. — Ele disse que o Guia das Trevas deixaria de o atormentar se ele ajudasse a destruir a Luz.

Guia das Trevas. Seca. Fome. Morte.

— Xamã?

Danyal não se apercebeu de que tinha os olhos fechados, até os abrir.

— Estou bem. Estou só preocupado e tenho muito em que pensar. — Tocou-lhe no braço, com as pontas dos dedos no blusão, na zona onde tinha visto a tatuagem da irmã dela.

Tempestades. Lago de verão. Água límpida.

— Quero que me mantenham informado acerca do estado da Kobrah... e se há alguma coisa que eu possa fazer para ajudar.

— Deixastes que ela ficasse com o espanta-espíritos — respondeu Zhahar num tom suave. — Isso ajudou.

Em vez de regressar ao seu escritório — e a todos os corações desorientados em busca de aconselhamento —, Danyal foi ao apartamento no último andar do edifício da administração. Alguns dos Cuidadores tinham quartos noutra edifício que havia nos terrenos, mas ele e o Médiko Benham eram os únicos ocupantes daquele piso.

Destrancou a porta do apartamento, voltou a trancá-la e inspecionou cuidadosamente a sua casa antes de se acomodar numa cadeira. Sentia-se

vulnerável, e um Xamã, sendo a voz do mundo, nunca deveria sentir-se vulnerável. Nunca.

Algo tinha invadido aquele pobre e confuso homem, tornando-o um instrumento do mal. Outro indício de que havia algo de muito errado naquela parte da cidade.

Aliados e inimigos. Um louco e um professor. Um guia e um monstro. Tinha sido enviado para ali porque o Conselho acreditava que poderia encontrar aquelas coisas.

Mas iria encontrá-las a tempo?



CAPÍTULO OITO

Por vezes, as vozes odiadas sussurravam ao ouvido de Lee.

Tens de voltar para a tua irmã. Avizinham-se perigos.

Tudo o que tens de fazer é atravessar para uma das paisagens de Belladonna. Nós ajudamos-te.

Tens de ir para casa, antes que seja tarde de mais.

Por vezes, as vozes odiadas arranhavam-lhe a mente.

Belladonna precisa de ti. Tens de a contactar.

A tua mãe está em perigo.

Não queres ir para casa?

As suas respostas — sussurradas, gritadas ou encurraladas na sua mente — eram as mesmas.

Não tenho uma irmã.

A minha mãe morreu.

Não tenho casa.

Não conheço a Belladonna.

De cada vez que negava conhecê-la, sentia o último fio de coração que o ligava a Glorianna a ficar um pouco mais fino. Chegaria o dia em que negaria conhecê-la demasiadas vezes e esse fio quebraria totalmente — e ele nunca conseguiria encontrar o caminho de volta para casa.

Quando a persuasão dócil não funcionou, começaram a usar a agulha que derramava fogo no seu cérebro e lhe deixava o corpo a sacudir-se e a gritar, em pânico. Riam-se enquanto lhe amarravam a cabeça, o obrigavam a abrir os olhos e inseriam as gotas de veneno que lhe toldavam a vista um pouco mais a cada dia, até já não conseguir ver os seus carrascos, até não conseguir ver nada.

Aqui na cidade de Visão, só se encontra aquilo que se consegue ver. O que achas que um cego poderá encontrar aqui, Construtor de Pontes?

Nada. Ninguém. Quantas vezes dissera a Nádia “Não quero vê-la!” quando ela sugeria que ele fosse à Ilha na Bruma visitar Glorianna? Agora não podia vê-la.

Agora afastava-a com todas as suas forças e todo o seu amor. Para a salvar dos seus inimigos.

As palavras que eles sussurravam mudaram, tornaram-se tão dolorosas como a agulha e as gotas que lhe introduziam nos olhos.

Queres ser magoado, queres ser castigado por não gostares o suficiente da tua irmã. Foi por isso que acabaste connosco. É por isso que te castigamos. É o que tu queres.

Não podes fugir-nos. Estamos sempre contigo, sempre a observar-te. Se tentares ir para casa, estaremos suficientemente perto para te agarrar, iremos contigo.

Não há ninguém em quem possas confiar, porque estás rodeado de pessoas que nos são leais. Não há fuga, Construtor de Pontes. Estamos sempre contigo porque nos queres contigo, queres que te castigemos por não gostares da tua irmã o suficiente.

As palavras que sussurravam tornaram-se tão dolorosas como a agulha porque, ao fim de algum tempo, tornaram-se verdadeiras.



CAPÍTULO NOVE

Zhahar agarrou o braço de Kobrah e tirou-a da frente dos Cuidadores masculinos que entravam a correr no edifício, na direção dos sons de uma luta e dos gritos enraivecidos de um homem.

— Fica aqui fora.

— O que se passa? — perguntou Kobrah.

— Um novo internado. Violento. — Apertando o braço de Kobrah, Zhahar juntou-se aos outros Cuidadores.

— Avisai as Paisagistas! — gritou o homem. — Magos e um Guia das Trevas vieram para este lugar. *Avisai as Paisagistas!*

— O que são magos? — perguntou um dos Cuidadores enquanto tentava abrir caminho à força para a cela de isolamento.

— Não sei — disse outro. — E a não ser que um deles baixe as calças e arreie o calhau num caminho, porque é que os jardineiros queriam saber?

Zhahar tentou passar pelo buraco deixado pelos dois homens, mas uma mão fechou-se em redor do seu braço e puxou-a para trás, tal como ela tinha feito a Kobrah momentos antes.

— Fica aqui — disse Danyal. — Já há demasiada ajuda naquele quarto.

Surpreendida pela fúria na voz do Xamã, Zhahar olhou para ele — e encolheu-se, afastando-se da tempestade que viu nos seus olhos.

Ele soltou-lhe o braço e avançou para o grupo de Cuidadores que tentavam entrar no quarto.

Um trovão agitou o edifício como se o mundo tivesse dado voz à fúria de alguém. Os Cuidadores olharam em redor e mexeram-se rapidamente para abrir caminho para o Xamã.

Numa questão de minutos, o novo internado estava amarrado a uma cama na cela de isolamento, ainda a gritar sobre magos e raios e guias das trevas.

Poucos minutos depois disso, o Xamã Danyal deixou a cela com dois homens de cabelo escuro que pareciam desgrenhados e consternados.

Quando passou por ela, Danyal lançou-lhe um olhar cortante que a avisou para se manter longe daquele quarto.

Apesar do aviso, ela esperou até ter a certeza que ele tinha levado os dois homens para o seu escritório, lá em cima no edifício da administração. Depois avançou sorrateiramente até à entrada da cela de isolamento.

Dois homens musculosos que ela não tinha visto antes estavam dobrados sobre a cama, a sussurrar ao internado que ainda se debatia, apesar da camisa de forças e das correias dos tornozelos presas às grades de metal da cama. Um deles baixou-se e beliscou o interior da coxa do internado com força suficiente para fazer o homem gritar de dor.

O outro, ao olhar para cima de relance e reparando nela, resmoneou qualquer coisa para o seu companheiro. Ambos olharam para ela e sorriram-lhe de uma forma que a deixou gelada.

::Não gosto daqueles homens:: disse Sholeh.

=Vamos sair daqui= resmungou Zeela. =Seria demasiado difícil explicar a minha aparição súbita ou porque me envolvi numa luta com estes homens.=

Eles magoaram-no respondeu Zhahar, endireitando os ombros. *De propósito.*

— Só estamos a acomodá-lo — disse um dos homens. O calor nos seus olhos enquanto olhava para o corpo dela...

=Sai daqui *já!*= gritou Zeela.

— Vou pôr isso nos apontamentos diários para o Xamã Danyal — disse Zhahar. — Ele conta ser informado dos cuidados dados a todos os internados. — E por muito que a assustasse a ideia de admitir que não tinha cumprido totalmente as suas ordens, *ia* contar a Danyal acerca daquele beliscão — e daquele olhar. Se alguma mulher do Asilo fosse violada por aqueles homens, ela não se perdoaria pela covardia do silêncio, nem a perdoaria Danyal.

Zhahar virou costas e afastou-se, sentindo um dos homens a caminhar atrás dela. Então Kobrah entrou pela porta exterior, com uma expressão arrepiante enquanto olhava para trás de Zhahar.

Os passos pararam, recuaram até à cela de isolamento.

Apressando-se para a porta exterior, Zhahar deixou o edifício, aliviada por respirar o ar empoeirado e aquecido.

— Temos um novo Chayne? — perguntou Kobrah.

— Dois deles — respondeu Zhahar. Decididamente, a palavra de Kobrah para os homens que tinham poder sobre outras pessoas adequava-se aos novos Cuidadores.

::Não gosto daqueles homens:: repetiu Sholeh.

=Eu torno-me visível quando for hora de ir para casa= disse Zeela.

Sim concordou Zhahar. A sua irmã do meio era a mais forte das três. Trazia consigo facas e soqueiras quando estava visível, e tinha vencido a rixa de bar que lhe dera a cicatriz recortada do braço esquerdo. A maior parte dos homens não era suficientemente insensato para olhar para Zeela como os novos Cuidadores tinham olhado para Zhahar.

— O teu turno já não acabou? — perguntou Kobrah.

— Sim, mas tenho de falar com o Xamã Danyal antes de ir embora — respondeu Zhahar. Olhou em redor, sentindo-se demasiado exposta, demasiado próxima dos homens que a deixavam pouco à vontade. — Vou para o templo por alguns minutos. Queres vir comigo?

Kobrah fitou a porta como se a sua vigilância fosse a única coisa que mantinha aqueles homens na cela de isolamento.

— Sim, vou contigo.

Precipitaram-se por um relvado que estava a ficar castanho e quebradiço no calor do final do verão, contornaram o poço espelhado que ficava fêtido de cada vez que Teeko, um dos jardineiros o enchia de água, e entraram no pequeno templo. Os gongos que davam voz à tristeza estavam sempre dispostos na mesma ordem e cada um tinha um tom subtilmente diferente.

Zhahar ajoelhou-se na almofada atrás do gongo que normalmente preferia, mas hesitou quando alcançou o malho. Pensou por um momento e depois passou para uma almofada à sua esquerda. Um som mais profundo. Mesmo atingido suavemente, a sua ressonância lembrava-lhe do trovão que tinha ribombado sobre o edifício — e adequava-se à compaixão e fúria nervosa que os gritos do novo internado tinham despertado nela.

Da segunda vez, não atingiu o gongo com suavidade. Ele tinha-se debatido, por isso eles tiveram de o subjugar, mas um homem que estava com problemas psicológicos não devia ser tratado com tamanha crueldade.

Voltou a atingir o gongo. Desta vez Kobrah atingiu um também, e o som pareceu enrolar-se à volta da fúria e da inquietação, arrancando-as de Zhahar.

Da vez seguinte, a voz de Kobrah ergueu-se num som sem palavras que transmitia os sentimentos causados pelos estranhos.

Quando os gongos foram novamente atingidos, Zhahar adicionou a sua voz à de Kobrah — e esperou que o som que agora ressoava pela sala encobrisse o facto de que havia quatro vozes a exprimirem os seus sentimentos, em vez de apenas duas.

De pé, à frente da secretária do seu escritório, Danyal analisou os dois homens e esforçou-se por esconder a sua repulsa pelas imagens que lhe chegavam dos seus corações-núcleo. Larvas tão inchadas que rebentavam. Ver-

mes espinhosos que rastejavam sob a pele antes de se transformarem num raio que silenciaria um coração ou mente.

Apesar dos seus delírios, o internado transmitia a sensação de uma chuva límpida de verão. Estes homens pareciam uma fossa putrefacta.

— Porque o trouxestes para cá? — perguntou Danyal.

— Ele é nosso sobrinho — respondeu Styks, o mais alto dos dois homens. — O único filho da nossa pobre irmã. Perdeu-se na nossa grande cidade e foi em busca de lugares que lhe danificaram a mente e lhe endureceram o coração. Já não era prudente tentarmos cuidar dele sozinhos. Tornou-se necessário trazê-lo para aqui.

— Mas porquê este Asilo? — insistiu Danyal. — Dissestes-me que a vossa irmã vivia na parte norte de Visão.

— A parte noroeste — corrigiu Pugnós, o homem mais baixo.

— É precisamente o que quero dizer. Porque não levastes o vosso sobrinho para o Asilo mais perto de sua casa? Será uma viagem de dois dias para a mãe dele vir visitá-lo aqui.

— Ah — disse Styks, parecendo infeliz. — Esse é um dos motivos para termos escolhido este lugar em particular. Ela tentou ajudá-lo, mas ele foi atraído pelas ruas desagradáveis da cidade, e o seu comportamento tornou-se tão degenerado, que ele tentou ter relações carnavais com ela.

Danyal ficou tenso, certo de que não tinha compreendido bem.

— Com a mãe dele?

— Sim — disse Pugnós. — Foram encontrados, e ele foi detido antes que... Bem. Se ele estivesse perto, ela iria sentir-se obrigada a visitá-lo e, sinceramente, tememos pela sua sanidade mental neste momento. E a sua saúde física tornou-se frágil desde aquele episódio infeliz. Saber que não poderia fazer uma viagem árdua vai permitir-lhe distanciar-se do filho sem se sentir culpada. Claro que vamos encorajá-la a escrever-lhe.

— Há dois outros motivos para termos escolhido este Asilo — disse Styks. — Um é que eu vivo na parte sul da cidade, a menos de um quilómetro e meio daqui. O meu irmão está a viver comigo por agora, por isso ambos estaremos disponíveis para o visitar com frequência e fazer o que pudermos para ajudar o nosso sobrinho a recuperar o juízo.

— Foi também por isso que contratámos dois homens para cuidarem dele — disse Pugnós. — Não queríamos que os nossos problemas familiares afastassem os vossos Cuidadores e Ajudantes dos outros internados.

Que conveniente, pensou Danyal. Uma mãe que está demasiado fragilizada para viajar e, portanto, nunca será vista. E os homens que contrataram como Cuidadores pessoais seriam mais indicados para os trabalhos pesados em alguns lugares-sombra do que para lidar com um homem que tem a mente danificada.

Antes que pudesse arrancar mais informações acerca dos Cuidadores, sentiu uma pressão nas têmporas — e o pensamento dissipou-se.

— E o vosso outro motivo para o trazer para cá? — perguntou Danyal, sentindo-se desequilibrado e a pensar se deveria passar pela enfermaria para ver Benham.

— Ora... o senhor — disse Styks com um sorriso. — Nenhum outro Asilo tem um Xamã como seu Encarregado. Temos esperança de que consiga fazer o que outro Encarregado não poderia: restabelecer a mente do nosso sobrinho. Ou pelo menos mantê-la estável enquanto esperamos para ver se os medicamentos que o nosso curandeiro forneceu podem curar a doença que está a infetar-lhe o cérebro.

— Temos de ser completamente verdadeiros acerca do que aquela doença fez ao rapaz — disse Pugnós, lançando um olhar triste ao seu irmão. — O Xamã tem de estar preparado.

— Sim — concordou Styks, sem cruzar o olhar com Danyal. — Já ouvistes parte dos seus delírios. Ele acha que as pessoas podem desaparecer só por atravessarem uma ponte. Ou que ele pode fazer as pessoas desaparecerem atirando-lhes uma pedra.

— Ele insiste que o mundo está cheio de demónios e que nunca ouviu falar da grande cidade de Visão — disse Pugnós. — Começou a afirmar que vinha de outro lugar, quando a sua visão começou a falhar. Achamos que é porque um homem cego não tem futuro num lugar como Visão.

Há mais do que uma forma de ver, pensou Danyal. Saberíeis disso, se fôsseis daqui.

— Mais alguma coisa?

Ambos levantaram as mãos enquanto encolhiam os ombros.

— Mais do que nos lembramos de vos contar — disse Styks. — Mas se puderdes ajudar o filho da nossa irmã a encontrar o seu caminho de volta para casa, estaremos em dívida para convosco.

Danyal não queria a sua gratidão, nem a sua ajuda, nem os seus capangas. Queria-os fora dos terrenos a seu cargo e longe das pessoas a seu cuidado.

Danyal deu a volta à sua secretária, sentou-se e pegou numa folha de papel em branco — a primeira de muitas que iriam encher uma pasta e definir a vida de um homem.

— Vou precisar de algumas informações acerca do vosso sobrinho.

— Certamente — disse Styks enquanto ele e Pugnós se acomodavam nas cadeiras dos visitantes. — Chama-se Lee.





CAPÍTULO DEZ

Michael atirou alguns relógios de bolso partidos para a areia dentro do recreio de Efémera, na Ilha na Bruma. Depois acomodou-se no banco de jardim que ficava na área de gravilha e sacou da sua flauta.

— Vamos fazer o jogo do coração-do-Lee — disse alegremente. — Pega naqueles fragmentos de tempo e deixa-os onde o coração-do-Lee possa encontrá-los.

A única resposta que obteve foi pedaços afiados de pedra a saírem da areia, assim como parcelas de pântano e um pouco de água malcheirosa. Não tinha a certeza se aquilo seria um lugar ou uma mensagem — ou apenas um esforço por parte de Efémera de lhe trazer *alguma coisa*.

Fechando os olhos, Michael tocou a última melodia que ouvira no coração de Lee. Não era a mesma de quando tinha conhecido aquele homem. Agora havia mais mágoa em Lee do que houvera um ano antes, mais sombras e pontas afiadas. Embora fosse tentador tocar a melodia de que se lembrava, precisava de dar a Efémera a música do coração de quem Lee era *agora*.

Por isso tocou a música e enviou-a pelas correntes do mundo para guiar Efémera até ao coração que correspondia àquela melodia.

Ele e a criança selvagem já tinham feito aquilo uma vez. Ele tinha enviado a música do seu coração e a do de Sebastian para um lugar que não poderia ser alcançado de nenhuma outra forma. Ao fazê-lo, tinha alcançado Belladonna, a Guerreira da Luz que se tinha tornado o monstro que o próprio Mal temia. Tinha alcançado a mulher que amava e encontrado o caminho para a ajudar a voltar para casa.

Agora estava novamente a tentar alcançar alguém. Efémera ainda não tinha encontrado Lee, e isso era preocupante porque significava que este tinha mudado tanto que a criança selvagem não conseguia fazer corresponder coração e música — ou significava que Lee tinha morrido.

Ninguém da família proferiu essas palavras, mas depois de tantas semanas sem qualquer tipo de notícia, era uma possibilidade.

É possível, pensou Michael enquanto recomeçava a canção. Mas não vou desistir já de ti, seu grande patife. Não vou desistir de ti.

Tocou a canção uma terceira vez e depois baixou a flauta. Os relógios de bolso tinham desaparecido. Efêmera estava a seguir a música através das correntes de poder da Luz e da Escuridão e levava consigo as mensagens físicas.

Esperando que desta vez pudessem receber uma mensagem de resposta, Michael subiu até à casa, onde Glorianna esperava por ele.



CAPÍTULO ONZE

Zhahar observava enquanto o homem musculoso, aquele suposto Cuidador, se esgueirava da cela de isolamento e se dirigia para os lavabos do pessoal naquele piso do edifício dos internados. Pegando num jarro de água e numa concha, ela atravessou rapidamente a área comum que separava as celas de isolamento do resto dos quartos.

A porta da cela não estava trancada. Nem sequer estava fechada pela corrente do lado de fora, o que ia contra as regras.

O seu coração batia violentamente, mas ela não olhou em redor para ver se alguém estava a observá-la. Dar a qualquer pessoa motivos para duvidar que ela tinha permissão para entrar naquele quarto só iria trazer-lhe problemas.

::Não devíamos estar aqui:: sussurrou Sholeh.

Zhahar abriu a porta, esgueirou-se para dentro do quarto e avançou até à cama estreita que tinha barras de metal robustas, onde os Cuidadores podiam fixar correias.

Só queria certificar-me de que ele está bem. Para além dos Cuidadores que os tios dele contrataram, só o Médiko Benham o viu, e apenas com um dos tios presente.

=O Médiko viu-o recentemente?= perguntou Zeela num tom sério. =Ele não só se borrou, como já não é lavado há tanto tempo, que tresanda.=

Não sei disse Zhahar, duvidosa, enquanto olhava para o internado. *Sei que o Xamã Danyal não tem noção do quanto aqueles Cuidadores estão a maltratar este homem. Ele não permitiria isto.*

As suas irmãs ficaram em silêncio, o que a deixou nervosa. Mas ao ver o internado, perguntou-se o que estaria realmente a passar-se. Porque estaria o Médiko Benham a ignorar o estado deste homem? Porque estaria Danyal a fazê-lo?

::O Xamã não vai ficar satisfeito por estares aqui dentro:: disse finalmente Sholeh.

::Não depois de ter dito para te manteres afastada e para não atraíres a atenção dos Chaynes.::

Eu sei, mas...

Olhou para o homem deitado na cama e sentiu o seu coração ficar apertado devido aos maus-tratos por que o internado passara. E depois sentiu o seu coração alegrar-se e regozijar como se alguém tivesse acabado de concretizar um desejo acalentado.

Tenho andado à tua procura, pensou ela. Zhahar não conseguia explicar aquelas palavras, mas sentia que eram verdadeiras. Também a assustavam porque compreendeu o que ela era — e o que ele era.

Tendo agora um interesse mais pessoal, Zhahar analisou-lhe o rosto. O seu cabelo negro estava emaranhado e oleoso. A sua pele tinha um aspeto doente e macilento, e os seus lábios estavam tão secos que já se tinham rasgado em várias zonas. Ela achou que os olhos desfocados eram verdes, mas estavam tão baços, que não tinha a certeza.

— Quem está aí? — perguntou ele numa voz rouca. — Quem está aí?

— Chiu — disse Zhahar, pressionando-lhe o ombro com uma mão. — Sou a Zhahar. Sou uma das Cuidadoras que trabalha aqui. Trouxe-te um pouco de água. — Tirou a pequena concha do bolso, encheu-a e depois pousou o jarro no chão para poder levantar-lhe a cabeça. — Deixa-me dar-te a água à boca devagar. Calma, agora. Calma.

Fê-lo beber outra concha de água antes de ele começar a sacudir-se e a soltar sons sinistros.

— Ajuda-me — disse ele. — Por favor, ajuda-me. — Depois gritou-lhe palavrões com tamanha selvajaria que ela recuou um passo, afastando-se da cama. — Ajuda-me.

A súplica, juntamente com as sacudidelas e os palavrões, irritaram-na, por isso avançou até à cama.

=Deixa-me fazer isso= disse Zeela.

Aquele Cuidador brutamontes pode voltar a qualquer momento protestou Zhahar. Mas ter o aspeto de Zeela tão próximo da superfície deu a Zhahar uma força nos braços que habitualmente não possuía. Agarrou o cabelo do homem e puxou-lho antes de dizer numa voz ríspida:

— Se não queres ser tratado como um louco, para de te comportar como um.

— Não posso — arquejou. — O que eles põem na agulha... faz-me... isto. Por favor.

=Acredito nele= disse Zeela. =Os Boticários que têm lojas nas ruas-sombra podiam fazer algo do género.=

::Também acredito nele:: disse Sholeh.

Também eu, pensou Zhahar.

— Vou falar com o Xamã Danyal e ver o que ele pode fazer. — Soltando o homem, pegou no jarro de água e esgueirou-se para fora da cela. Atravessou a área comum e avistou o Cuidador contratado a regressar ao seu posto. Infelizmente ele também a avistou e lançou-lhe — e à porta da cela — um olhar demasiado maldoso.

Enquanto Zhahar pousava o jarro de água e a concha num carrinho, ouviu o homem na cela de isolamento gritar.

Danyal sentiu uma tempestade de fúria a percorrê-lo enquanto fitava Zhahar. Ela também o olhava fixamente, com o rosto rígido e os punhos cerrados. Até há cinco dias, Zhahar tinha sido uma das melhores Cuidadoras do Asilo. Sim, tinha havido aquela situação estranha, quando a sua irmã Zeela apareceu para ajudar, e aquela sobreposição de corações-núcleo deixava-o apreensivo, principalmente depois de a resposta de Farzeen à sua carta cuidadosamente redigida ter indicado que os outros Xamãs nunca tinham ouvido falar de tal coisa numa pessoa. Mas ele tinha podido contar com ela — até ter chegado o novo internado.

Havia algo naquele homem que também o incomodava — pelo menos nos dias em que os seus tios não o vinham visitar. Essa era a principal razão pela qual não ia agora despedir Zhahar por voltar a desobedecer às suas ordens.

— Já o vistes? — perguntou Zhahar.

— O Médiko Benham...

— Ou está a mentir ou, de alguma forma, foi enganado — ripostou ela.

— Tem cuidado — avisou Danyal.

— Xamã, o internado está desidratado por não lhe darem água. Está deitado nos seus próprios excrementos. Não foi lavado desde que aqui chegou. Quem sabe que tipo de feridas ou escoriações podem estar debaixo daquela camisa de forças ou das outras correias?

— É um homem muito doente. — Aquelas palavras não soavam realmente verdadeiras, não pareciam realmente verdadeiras. E quando as disse naquele preciso instante, podia jurar que as ouviu a serem ditas pela voz que tinha andado a sussurrar-lhe nos sonhos ultimamente.

— É, Xamã? — respondeu Zhahar. — Ele diz que estão a fazer-lhe isto, que seja o que for que está naquelas injeções que lhe dão está a causar os ataques de fúria. E se for verdade?

— Porque é que os seus tios fariam isso?

— Não sei. E se ele tiver herdado dinheiro e os seus tios quiserem controlá-lo? Ou se tiverem outra razão para o querer fora do seu caminho?

Danyal abanou a cabeça.

— Tens andado a ler demasiadas histórias. Duvido que os seus motivos sejam tão dramáticos. — *Ou tão simples*, acrescentou em silêncio.

Então Danyal ficou tenso quando finalmente lhe ocorreu outra ideia. Teria encontrado o louco que os leitores de ossos tinham profetizado?

— Não é suposto ajudarmos as pessoas que se perderam do seu caminho? — replicou Zhahar. — Não é suposto ajudá-los a voltar para o mundo? Aqueles gongos no vosso templozinho têm algum poder mágico para drenar a tristeza sozinhos, ou será a crença nos gongos a verdadeira magia? Se ele acreditar que a razão por que está louco se deve ao que eles lhe injetam, será que alguma vez vai melhorar enquanto sentir aquelas agulhas a serem-lhe espetadas?

— Ele chama-se Lee — disse Danyal em voz baixa. — Ainda não o vi desde aquele primeiro dia porque o perturbo, e não quis aumentar o seu fardo. — Aquela teria sido realmente uma decisão sua ou seria a ideia de que perturbava o homem mais uma coisa que lhe tinha sido sussurrada em sonhos?

Paisagista! Cuidado com os magos! Um Guia das Trevas está próximo!

Chuva de verão. Por vezes feroz, por vezes delicada, mas sempre em harmonia com o mundo.

Ao contrário dos homens que afirmavam ser os tios de Lee.

Danyal analisou Zhahar.

— Porque é que este homem é tão importante para ti? De todos os homens de quem cuidaste desde que começaste a trabalhar aqui, porque é que este te incita a desobedecer?

Em resposta, Zhahar analisou-o também.

— Sinto que se não tentar pelo menos ajudá-lo, algo vai passar-me ao lado. Vou agarrá-lo por um fio, mas será demasiado etéreo para o conseguir segurar. E então, quando tiver passado, vou aperceber-me do quanto era importante, e do quanto perdi.

— Isto não é um qualquer sonho romântico, pois não? — O que Danyal estava prestes a fazer levaria a que os Diretores dos Asilos e o Conselho de Xamãs exigissem uma explicação. Não queria causar esse tipo de alvoroço para descobrir que os sentimentos de Zhahar eram fruto de fantasias ameadas.

Ela abanou a cabeça.

Não estava seguro de acreditar nela, mas contornou a secretária e parou ao seu lado.

— Vamos tirá-lo do cuidado dos homens que os tios dele contrataram. Vais ser a sua Cuidadora e dar-lhe o mesmo tratamento que os outros recebem. Se houver melhoras consideráveis, continuarei a substituir o tratamento que os seus tios começaram.

— Obrigada, Xamã.

Pela primeira vez desde que ela entrara de rompante no seu escritório, ele viu-a relaxar.

— Não me agradeças já — respondeu Danyal enquanto se encaminhava para a porta.

Pestanejando para afastar as lágrimas, Zhahar endireitou os ombros e manteve-se calada.

— Eu, eu não compreendo isto — gaguejou o Médiko Benham enquanto Nik e Denys, dois dos Cuidadores masculinos, baixavam as calças manchadas de excrementos de Lee e revelavam as marcas de agulhas, pisaduras, vergões e escoriações. — Isto não podia ter acontecido num dia, e eu não vi qualquer indício de abusos da última vez que o examinei.

O Xamã Danyal analisou o Médiko, aqueles belos olhos, tão frios como o pico do inverno.

— Acredito em ti. Como foste enganado, ainda é um mistério. O facto de teres sido enganado põe em causa tudo o que nos disseram acerca deste homem e dos medicamentos que lhe foram dados.

Lee começou a sacudir-se e a gritar.

Zhahar avançou e lançou um olhar de desculpas a Nik e Denys.

— Xamã, acho que ele não vai reagir bem a ser tratado por homens. Pelo menos, por algum tempo.

Danyal hesitou.

— Deixai-me ver o que eu e a Kobrah conseguimos fazer. Pediremos ajuda, se precisarmos.

Outra hesitação, mas essa seria provavelmente devido ao ódio no rosto de Kobrah enquanto esta fitava os genitais de Lee.

Finalmente, Danyal anuiu com a cabeça.

— Limpai-o o melhor que puderdes sem tirar as correias. Quero uma lista dos seus ferimentos. Quando estiver mais lúcido, poderemos dar-lhe um banho como deve ser.

Zhahar esperou até que os homens abandonassem o quarto antes de se voltar para Kobrah.

— Podes ser a minha Ajudante com ele?

Algo terrível invadiu os olhos de Kobrah.

::Ela assusta-me:: disse Sholeh.

=Não o deixes sozinho com ela= disse Zeela. =Não quando ele estiver nu.=

— Kobrah? — perguntou Zhahar.

— Não lhe toco, se ele ficar com uma ereção — disse Kobrah.

— Certo. Sempre que te sentires pouco à vontade, avisa-me.

Kobrah anuiu com a cabeça.

— Vou buscar um carrinho e trazer uma das bacias grandes e jarros de água morna.

— Traz também esponjas e toalhas macias.

Assim que Kobrah saiu para ir buscar os artigos, Zhahar fechou a porta quase na totalidade. Apressou-se a voltar para junto da cama e envolveu o rosto de Lee com as mãos — depois fugiu para trás quando ele tentou mordê-la.

— Lee — disse ela com urgência. — Lee, compreendes-me?

Ele sacudiu-se um pouco mais e depois pareceu fazer um esforço para se manter quieto.

— Quem...?

— Zhahar. Lembras-te de mim?

Ele virou a cabeça, como se se concentrasse no som da voz dela.

— Deste-me água.

Zhahar foi inundada por uma sensação de alívio. Não tinha a certeza de ele ter estado suficientemente consciente para se lembrar daquilo.

— Sim. Agora vou ser eu a cuidar de ti. O Encarregado concordou dar-te algum tempo sem o medicamento, sem as agulhas. Mas tens de me ajudar. Tens de lhe mostrar que podes melhorar sem o medicamento.

— Vou... tentar. — Tinha o rosto virado para o lado da cama onde ela estava de pé. — Quem está contigo?

— O nome da minha Ajudante é Kobrah. Ela foi buscar água para podermos limpar-te um pouco.

— Não. Quem está contigo agora?

Um arrepio percorreu-a.

— Não está aqui mais ninguém para além de mim.

O corpo dele relaxou tão subitamente, que ela se perguntou se ele teria tido algum tipo de ataque. Depois apercebeu-se de que ele estava a adormecer.

— Lee?

— Engraçado — murmurou. — Tinha a certeza de que não estavas só tu no quarto. Estou sempre a ouvir três vozes a falarem em uníssono.

::Ele é um uma-cara:: disse Sholeh. ::É impossível sentir-nos a todas, mesmo quando estamos todas próximas da superfície::

E no entanto sentiu, pensou Zhahar. Lee ouvira as vozes de Sholeh e Zeela misturadas na dela, quando elas não estavam visíveis.

=O Xamã sente-nos= disse Zeela.

::Mas isso é porque é um Xamã. E mesmo ele não nos *ouve*::

Zhahar ficou de pé junto à cama e observou Lee a dormir até Kobrah

voltar com o carrinho cheio de produtos, incluindo algumas pomadas básicas para as feridas e escoriações.

Lee não era um Xamã, mas era diferente dos outros humanos. À medida que Zhahar lavava as partes do corpo do homem que conseguia alcançar sem tirar as correias, perguntava-se o que seria ele.

A febre consumiu-lhe a mente, transformando memórias em paisagens estranhas. As convulsões sacudiam-lhe o corpo, até estar certo de que os seus ossos iam partir-se. Mãos firmes mas delicadas estenderam-lhe uma toalha fria sobre a testa e lavaram-lhe o suor do corpo.

Zhahar. O nome dela era Zhahar.

Encontrei-te, pensou ele, tentando dizer-lhe a verdade simples que a febre mantinha presa na sua mente. *Nem sequer sabia onde procurar, e no entanto, encontrei-te. Como o Sebastian encontrou a Lynnea. Como o Michael encontrou a Glorianna.*

Por vezes, a voz dela era uma só nota; outras vezes, ele ouvia um acorde intrigante que falava num unísono perfeito. Quando ela falava com ele, ressoava com a convicção de que ele podia melhorar, e apesar da dor e da febre, a ressonância dela atraía-o o suficiente para o fazer ouvir — e acreditar. Claro que ele ia melhorar. Agora que a tinha encontrado, *tinha* de melhorar.

Ele falou-lhe da dor, do calor. Coisas que ela podia aliviar.

Não lhe falou das vozes maldosas que esgaravatavam na sua mente, sussurrando o seu veneno — vozes que soavam aos magos que afirmavam ser os seus tios.

Estaremos sempre contigo, resmoneou uma das vozes. *Estaremos sempre por perto. No dia em que estiveres bem o suficiente para deixar o Asilo, estaremos à espera. E da próxima vez, tomaremos mais do que a tua visão, Construtor de Pontes. Muito mais.*

Estaremos sempre contigo, cantarolou a outra voz, como se oferecesse conforto. *Estaremos sempre por perto.*

Eu sei, pensou Lee enquanto tremia devido às últimas convulsões. *Não há fuga possível.*

Antes que pudesse decidir se se sentia perturbado ou aliviado por essa realidade, a febre voltou a tomar conta dele e queimou todos os pensamentos da sua mente.





CAPÍTULO DOZE

Danyal viu a fúria perpassar o rosto de Pugnós e de Styks antes de estes recuperarem o controlo.

Larvas inchadas. Vermes espinhosos debaixo da pele.

— Porque não fomos informados antes de esta decisão ser tomada? — perguntou Styks.

— Os homens que vós contratastes para cuidarem do vosso sobrinho enganaram-vos — respondeu Danyal.

Não tinham sido enganados. Danyal viu aquela verdade nos olhos dos homens, apesar do esforço que estavam a fazer para lhe esconder os seus corações-núcleo. Tinham contratado aqueles homens precisamente para o mal que seria feito.

— Os abusos que infligiram sobre o Lee não podem ser totalmente anulados — acrescentou.

— O que significa isso? — perguntou Pugnós.

— Se ele já não estava realmente louco antes, está agora. — A voz de Danyal assumiu um tom de desgosto. — Estou confiante de que conseguiremos levá-lo ao ponto de ficar calmo, dócil até, dentro do ambiente confiante do Asilo, mas os danos que foram causados à sua mente não poderão ser reparados. Ele poderá estar lúcido na sua loucura, mas nunca poderá fazer parte do mundo real.

— Então vamos voltar a levá-lo para casa — disse Styks. — Cuidamos dele lá.

— Não — disse Danyal delicadamente. — Interná-lo no Asilo foi uma escolha vossa, e dado o que vi dele, foi a escolha certa. Mas quando, ou se, é que ele há de deixar o Asilo, é agora escolha minha. Vós renunciastes a todos os direitos de tomar decisões pelo vosso sobrinho no momento em que o aceitei aqui como internado.

— Não estávamos cientes disso — protestou Pugnós. — Não nos foi dito que não podíamos voltar a levá-lo.

Não lhes tinha sido dito porque não era realmente verdade. Mas até

Danyal descobrir quem era Lee e ouvir o seu lado da história, não ia devolvê-lo àqueles homens.

— Isso é lamentável, mas não faz qualquer diferença. Como Encarregado do Asilo, tenho agora controlo sobre a vida do Lee. Contudo, se isto vos é difícil de compreender, os Diretores dos Asilos presidem a uma audiência n'Os Templos no dia da lua nova. Talvez devêsseis discutir com eles o caso do vosso sobrinho.

Styks tentou encobrir a sua fúria. Pugnós nem sequer tentou.

— Então e os Cuidadores que contratámos? — perguntou Styks.

Danyal abanou a cabeça.

— Como disse, os homens que contratastes enganaram-vos. Quando os maus-tratos ao vosso sobrinho foram descobertos, exigi que apresentassem as cartas que comprovavam as suas credenciais e provavam que eram qualificados para um trabalho daqueles. — Suspirou. — Falsificações. Nada que os cavalheiros pudessem ter detetado, mas suficientemente óbvias para aqueles de nós que têm de estar atentos a tais coisas. Eu devia ter exigido ver as credenciais deles quando chegaram, mas visto que já estavam contratados por vós, fui negligente nesse dever em particular. Mas compensei esse lapso apresentando uma queixa oficial aos guardas da cidade, visto que falsificar credenciais é ilegal. Também dei aos guardas descrições cuidadosas dos dois homens, que já tinham desaparecido quando os guardas atenderam aos meus pedidos. Quando forem encontrados, serão interrogados. Mais cedo ou mais tarde, acabaremos por saber tudo o que fizeram ao vosso sobrinho.

— Não tínhamos esperado tal diligência — disse Styks, após uma pausa.

— Visão é uma cidade muito vasta, mas é também uma miscelânea de pequenas comunidades — disse Danyal com um sorriso. — No que diz respeito à segurança das pessoas, os guardas da cidade, tal como os Xamãs, são sempre diligentes. Não foi por isso que trouxestes o Lee para este Asilo em particular?

Relâmpagos, areias movediças e pântanos imundos rodopiaram nos seus corações-núcleo. Compreendiam agora que Danyal não era uma ferramenta que pudessem usar — e isso fazia dele um inimigo.

— Tenho a vossa morada — disse Danyal, reparando que ambos se contraíram ao ouvirem aquelas palavras. — Quando os homens que vos enganaram forem encontrados, mandarei avisar.

— Obrigado — disse Styks. Hesitou. — Também nos mantereis ao corrente do estado do nosso sobrinho?

— Evidentemente. E possam esses relatórios dar-vos a esperança de

que o Lee recupere o suficiente para que possais ver uma parte do homem que ele foi.

— Calma, agora — disse Zhahar enquanto ela e Kobrah levavam Lee pelo corredor. — Um passo de cada vez.

— O quê...?

— Estiveste calmo durante um dia inteiro. Vamos levar-te ao balneário para poderes tomar um banho em condições. Vai ser um dia quente e ainda tens um pouco de febre, por isso vamos manter a água do banho fria.

Zhahar não estava segura de que ele a compreendesse. Ele ainda tinha tendência para se debater quando um dos Cuidadores tentava tocar-lhe, porque parecia não ter ouvido quando ela lhe disse que os homens que o tinham maltratado se tinham ido embora. Mas tornara-se bastante dócil quando ela ou Kobrah o alimentavam, lhe davam água ou o ajudavam a usar a cadeira sanitária.

Zhahar suspeitava que a vergonha tinha sido um forte incentivo para Lee ficar suficientemente bom para estar sem correias e conseqüentemente ser capaz de usar a cadeira sanitária sozinho.

Tinham-lhe vestido um robe curto para a caminhada até ao balneário, mas assim que Kobrah encheu a banheira, Zhahar inclinou a cabeça na direção da porta.

— Não é suposto ficares sozinha com ele — disse Kobrah. — O Xamã Danyal mandou.

— Eu fico bem — respondeu Zhahar. Kobrah, por outro lado, não ficaria, embora os passeios ao luar com o seu amigo dos sonhos tivessem *realmente* aumentado a sua tolerância para lidar com homens. — Tu, supervisiona a limpeza ao quarto dele. E fala com o pessoal da limpeza para substituírem aquele colchão.

Lançando um olhar demorado e algo hostil a Lee, Kobrah esgueirou-se do balneário e fechou a porta atrás de si.

Soltando um suspiro de alívio, Zhahar despiu o robe a Lee com naturalidade.

— Deixa-me ajudar-te a entrar no banho.

— Eu consigo.

— Da próxima vez, consegues — disse ela causticamente. — Desta vez vais aceitar ajuda para não escorregares e rachares a cabeça.

— Luz do dia — resmoneou Lee.

Fez com que aquelas palavras soassem a um palavrão.

— Há suportes na parede. Aqui. Percebeste? — Levou a mão dele até ao suporte. Os músculos dela incharam quando ela lhe ofereceu

apoio do outro lado, enquanto ele acomodava o seu corpo enfraquecido na água.

O suspiro de alívio que ele soltou quando se acomodou na água fê-las relaxar. Despiram o blusão de Cuidadora e puseram-no de lado, satisfeitas por terem os braços despidos por algum tempo. Enquanto se voltavam para alcançar o cesto que continha os sabonetes e as esponjas...

=Zhahar!= gritou Zeela.

Lee lançou-se sobre elas, agarrando o braço esquerdo. A sua outra mão por pouco não envolveu uma garganta e, em vez disso, agarrou uma mão-cheia da túnica sem mangas.

— Quem és tu? — perguntou ríspidamente. — O que fizeste com a Zahar?

Choque. Elas nunca se tinham descuidado daquela forma no Asilo. *Nunca*. Mas tinham estado tão concentradas em colocá-lo no banho em segurança, que Zahar tinha submergido inconscientemente para que Zeela pudesse ficar visível e facultar a força necessária.

Aquele tipo de submersão/emersão casual era algo que elas só faziam na privacidade dos seus próprios quartos.

::Ele apercebeu-se da diferença antes de nos tocar:: disse Sholeh, assumindo um tom de curiosidade académica. ::Ele não consegue ver-nos, por isso, como soube?::

=Agora não, Sholeh= ripostou Zeela.

— Sou a Zeela. Irmã da Zahar. Ajudo-a, às vezes.

Lee não afrouxou as mãos no braço e na túnica.

— Não te ouvi entrar.

— Entrei quando a Kobrah saiu. — Mais ou menos verdade.

Lee continuou a apertar, mas a sua expressão tornou-se pensativa.

— Já tinha sentido a tua ressonância, ouvido a tua voz. Com a Zahar.

Pelas estrelas tríplexes, o que significa isso?

Agora Lee agarrava-lhe o braço com menos força, e passava-lhe o polegar sobre a cicatriz.

— Acidente?

— Briga de facas numa taberna. Ganhei — respondeu Zeela.

Os olhos baços de Lee pareceram fitar o rosto dela.

— Prova que és irmã da Zahar.

— Como?

— Descreve-a.

— É contra as regras participar nas fantasias sexuais dos internados.

Ele voltou a passar o dedo pela cicatriz.

— De “descrição física” para “fantasias sexuais” vai um grande salto.

Descreve-te a ti própria, então. Tens outros traços distintivos para além desta cicatriz?

— Uma tatuagem no meu bíceps esquerdo. É um coração dentro de um triângulo.

Porque é que ela lhe disse aquilo?

— O que significa?

Zeela conseguia sentir Zhahar a pressionar para se tornar visível e responder-lhe. A sua irmã do núcleo tinha ficado intrigada por este homem desde a primeira vez que o vira, que falara com ele. Suficientemente intrigada para confiar demasiado? Estaria a vontade de confiar por parte de Zhahar a baixar a guarda *dela* também?

— Se tens de perguntar, é porque não é suposto saberes — disse Zeela. Ele inclinou a cabeça, como se tivesse ouvido mais do que devia.

— Mais uma pergunta. És a irmã mais velha?

— Sou a irmã do meio. A Zhahar é a mais velha.

Ele soltou-a e voltou a acomodar-se na água.

— Ah, bem me parecia ter reconhecido esse típico tom de mandona quando ela andou a fazer de mim gato-sapato.

Eu não sou mandona! disse Zhahar.

=Ah.=

— Tens uma irmã mais velha?

Desgosto puro apareceu e desapareceu.

— Tens sabão? — perguntou Lee, com a voz controlada.

— Sim. Primeiro, recosta-te para ficares no apoio para a cabeça. Há uma bacia secundária para lavar o cabelo. Vou fazer isso primeiro.

— Não podes simplesmente cortar o cabelo?

Zeela hesitou enquanto alcançava o jarro da loção do cabelo.

— Porque queres cortá-lo?

— Um cabelo curto será mais fresco num clima quente como este.

Ela semicerrou os olhos quando Sholeh se fez ouvir.

::Como é que ele sabe que isto não é apenas um verão quente?::

Zeela repetiu a pergunta.

— Não parece um verão quente num clima mais frio — respondeu ele.

Pergunta-lhe disse Zhahar, enquanto Zeela lavava o cabelo de Lee.

— Nós... eu nunca lá fui, mas ouvi dizer que as comunidades do Norte de Visão têm o clima mais frio do que o daqui, da parte sul. É daí que tu vens? De uma das comunidades a norte?

— Nunca tinha ouvido falar da cidade de Visão, até vir aqui parar, há umas semanas, ou seja lá há quanto tempo foi.

Zeela hesitou antes de perguntar a Zhahar:

=Não fará isto parte da sua doença mental, achar que é de algum sítio fora da cidade?=
Não estou certa de que não seja disse Zhahar. *Afinal, nós também não somos da cidade.*

— Então, de onde és? — perguntou Zeela.

Lee hesitou. Depois sorriu.

— Sou louco. Como haveria de saber?

Expulsei a Luz.

Glorianna Belladonna construíra a sua jaula com três palavras.

Sou louco. Como haveria de saber?

Ele construíra a sua com seis. Enquanto se fizesse passar por louco, seria mantido no Asilo — e afastado das mãos dos malditos magos que estavam a tentar conquistar um ponto de apoio naquela cidade. Desde que não desempenhasse o seu papel demasiado bem, iria, mais cedo ou mais tarde, livrar-se das correias e ter autorização para andar pelos terrenos. Não que um homem cego pudesse ir a algum lado ou fazer alguma coisa. Talvez isso devesse incomodá-lo, mas não incomodava. Pelo menos, dava-lhe tempo para resolver o mistério de Zhahar e da sua irmã. Irmãs? Às vezes, ouvia três vozes em uníssono quando ela falava com ele. Uma das vozes era a de Zeela. A outra voz não era a da Ajudante, por isso, de quem seria?

Um homem que estava à beira da insanidade podia fazer todo o tipo de perguntas sem ofender. Não podia?

Sou louco. Como haveria de saber?

Seis palavras que equivaliam a uma estranha forma de liberdade. Ou iriam equivaler, assim que o libertassem das correias que o prendiam à maldita cadeira.

Danyal parou numa das entradas para o alpendre e observou Zhahar a cortar o cabelo de Lee. Os pulsos e tornozelos do homem estavam atados à cadeira, e Kobrah e Nik, um dos Cuidadores masculinos, estavam por perto, prontos para ajudar ou imobilizar.

Os músculos de Lee contraíram-se e o seu rosto parecia tenso, mas havia controlo. Um louco lúcido.

Seria verdadeiramente louco ou simplesmente um homem perturbado que se tinha perdido no mundo? Ou seria Lee algo mais do que isso?

Em silêncio, Danyal passou a ombreira da porta. Lee voltou a cabeça imediatamente, embora aqueles olhos baços não olhassem exatamente na direção certa.

- Fica quieto — Zhahar repreendeu-o ligeiramente.
— Posso juntar-me a vós? — perguntou Danyal em voz baixa.
— Claro — respondeu ela.

Lee nada disse, e Danyal ficou com a impressão de que não dar uma opinião era algo de invulgar para o homem, principalmente quando tinha a impressão igualmente forte de que este não o queria ali. E era por isso que ele precisava de lá estar. Para observar. Para tentar compreender.

- Há quanto tempo estás cego? — perguntou Danyal.
— Desde que estou nesta cidade — respondeu Lee.

O que tanto significava toda a sua vida, como pouco tempo antes.

— A parte sul da cidade é quente, durante a maior parte do ano — disse Danyal, mantendo um tom agradável. — É por isso que há este alpendre amplo e fechado por telas, que contorna o exterior do edifício dos quatro lados, interrompido apenas pelas duas portas exteriores. As celas de isolamento são quartos interiores que são totalmente fechados, mas os quartos habitados pelos internados menos perturbados têm uma janela que abre para o alpendre.

— O que estais a dizer-me? — perguntou Lee. — Para aproveitar o ar fresco enquanto posso? Ou que se me portar bem, me darão um quarto com vista?

A agressividade daquela pergunta surpreendeu Danyal. Agora não havia apenas chuva de verão no coração-núcleo de Lee. Havia uma tempestade a formar-se.

— Está pronto — disse Zhahar alegremente. Passou a tesoura a Kobrah, que a enfiou num bolso do blusão. Depois começou a desatar as correias que prendiam Lee à cadeira, uma precaução sensata quando segurara uma arma em potencial. — Queres ficar sentado aqui fora por mais algum tempo?

— Tenho outra coisa em mente — disse Danyal. Aproximou-se e viu Lee a ficar tenso. — Acho que vai ajudar-te.

Cerrou a mão em redor do braço de Lee e depois esperou que ele aceitasse aquele contacto. Quando Zhahar pôs a mão no outro braço, não houve qualquer resistência, qualquer tensão, qualquer hesitação em aceitá-lo.

— Para onde me levais? — perguntou Lee assim que deixaram o edifício. De início, os seus passos eram hesitantes, mas depois tornaram-se mais confiantes.

Quantas vezes teriam os capangas deixado Lee andar às cegas, indo contra paredes ou tropeçando na mobília? Quantas vezes o teriam assustado para que este tentasse fugir e deliberadamente o tinham colocado no caminho do perigo?

— Sou um Xamã — disse Danyal. — Quando vim para cá, para ser o Encarregado deste Asilo, ergui um pequeno templo. É para lá que vamos.

— Xamã — disse Lee suavemente. — Isso explica porque tenho sentido a presença de um Paisagista, mas ninguém sabia o que isso era.

— Embora aprecie estar no exterior, os Xamãs cuidam da cidade e do seu povo, não dos seus jardins.

— Xamã, Paisagista, Mágico, Caminhante do Coração, Vidente do Coração. Palavras diferentes para a mesma coisa, embora a forma como o poder se manifesta neles reflita aquilo de que o seu fragmento do mundo precisa.

— O que achas que são essas pessoas? — Danyal manteve o seu tom de voz com uma curiosidade educada, mas o seu coração começou a bater com força, principalmente quando reparou na forma como Zhahar olhava de relance, alternando entre ele e Lee.

— Alguém que tem uma ligação especial com o mundo — respondeu Lee. — Alguém que age como o leito rochoso de uma paisagem, como a peneira através da qual Efémera reage a todos os outros corações naquele lugar. E alguns, raros, são verdadeiros Guias do Coração e têm uma ligação tão forte a Efémera, que conseguem remodelar o mundo.

— Não parecem humanos — disse Zhahar num tom tão baixo que Danyal teve a certeza que ela não o quis dizer em voz alta. Uma coisa era pensar aquilo acerca dos Xamãs; outra era dizê-lo na presença de um.

— Não são humanos — disse Lee. — Efémera criou os Guardiões da Luz e as Guias do Coração. E criou também os Guias das Trevas.

— Como sabes tudo isto? — perguntou Zhahar.

Danyal não olhou para Zhahar, mas teve de se esforçar. Num momento sentia o lago de verão do coração-núcleo que identificava com ela. No momento seguinte sentiu o lago de verão e a água límpida, o que significava que outro daqueles corações-núcleo inexplicados tinha aparecido subitamente, fazendo-lhe parecer que estava a dirigir-se a duas mulheres, quando apenas uma se encontrava à sua frente.

E a forma como Lee inclinou a cabeça fê-lo pensar que o louco também estava a sentir alguma coisa.

— Como sabes? — repetiu Zhahar.

Uma longa pausa. Então Lee enrugou a testa.

— Sei o quê?

— Esperai um momento, enquanto abro a porta — disse Danyal enquanto soltava o braço de Lee.

Um louco lúcido ou um homem astuto a fazer um jogo estranho? Seriam os homens que afirmavam ser os tios de Lee seus inimigos ou seus cúmplices?

Dizer uma verdade tácita acerca dos Xamãs com tanta naturalidade...

Os Xamãs, sendo a voz do mundo, não eram humanos no sentido em que os outros o eram, apesar de descenderem de famílias humanas que não tinham qualquer indício de demónios, e não havia nada na história da cidade para explicar como ou porque é que isso era possível. Para conquistarem um lugar para si mesmos — e um fragmento da cidade onde formar a sua própria comunidade —, tornavam-se os guias espirituais de Visão. E por vezes canalizavam a sua vontade para o mundo, para formar a justiça em nome daqueles que tinham sido lesados.

O que seria de Visão sem os Xamãs?

Ficando para trás, Danyal observou Zhahar a levar Lee para a sala da tristeza. Seria a cegueira real? Sim. E recente. Lee não se mexia como um homem habituado a caminhar por um mundo que não conseguia ver. Seria a cegueira permanente? Trancados na sua secretária, estavam os medicamentos que tinham sido dados a Lee. Naquele serão, iria percorrer as ruas e ver se conseguia encontrar a loja do Boticário correspondente ao selo que se encontrava no frasco de gotas para os olhos.

Isso iria revelar-lhe algumas coisas sobre aquele homem. Aquela sala iria revelar mais ainda.

Zhahar acomodou Lee numa das almofadas, deu-lhe um pequeno malho e depois guiou a sua outra mão para o gongo.

— É só bateres no gongo.

— Porquê? — perguntou Lee.

Danyal arrastou os pés enquanto subia até eles, para que Lee o ouvisse a aproximar-se. Ajoelhando-se ao lado de Lee, disse:

— Bater no gongo ajuda-te a libertar a tristeza.

Uma pausa estranha. Depois Lee encolheu os ombros e deu uma pancada leve no gongo — e encolheu-se.

— Guardiões e Guias.

Quando o som se desvaneceu, voltou a atingir o gongo, com mais força. Da terceira vez que atingiu o gongo, começaram a rolar-lhe lágrimas pelo rosto e cerrou os dentes.

Lee estava cheio de tempestades de verão que ofereciam uma purificação feroz. Danyal tinha dúvidas em relação ao homem, mas a dor que havia no coração de Lee era real.

Quando Zhahar pegou num malho e atingiu um gongo, duplicando o som que lancetava ferimentos do coração, Lee soltou um grito angustiado e sucumbiu.

Danyal apanhou-o, abraçou-o com força e perguntou em voz baixa:

— Sabes qual é a causa desta tristeza? Consegues dar-lhe nome?

— Glorianna — soluçou Lee. — A minha irmã, Glorianna.

— Porque é que a tua irmã te causa tamanha dor?

— Ela desapareceu. Desapareceu. Perdi-a.

Zhahar susteve a respiração e pareceu destroçada.

— Tens estado zangado com ela por ela te ter abandonado — disse Danyal, embalando o homem a chorar. — Tens estado magoado, zangado e a sofrer, não tens?

— S-Sim.

— Talvez esteja na altura de te curares.

A mágoa, a fúria e o sofrimento eram profundos, naquele homem. Não se curariam num dia. Mas curar o coração era algo que Danyal podia ajudar Lee a fazer.

Depois disso, decidiria até que ponto se poderia confiar naquele homem.



CAPÍTULO TREZE

Zeela desceu a rua-sombra a passos largos, e tudo nos seus movimentos dizia aos homens que a observavam das entradas obscuras que ela tinha negócios a tratar naquela rua e não estava à procura de companhia.

A meio caminho do segundo quarteirão, avistou o sinal do Boticário.

O Xamã Danyal tinha passado dois serões a percorrer aquela rua e as circundantes, à procura daquela loja. Quando Zhahar sugeriu que deixasse a sua irmã procurar o Boticário, a ideia de enviar uma mulher não lhe agradara, mas concordara em deixar Zeela tentar.

Evidentemente, o Xamã não sabia que Zeela já tinha feito negócios com o Boticário e não teria problemas em encontrar a loja.

Não sejas presunçosa repreendeu-a Zhahar. *Ele está mesmo preocupado por estares aqui.*

=Eu sei.= Ela estava também bastante certa de que o Xamã, fosse ou não um bom homem, não deixaria Zhahar manter o seu emprego por nem mais um minuto se descobrisse que elas eram uma Tríade e o que isso significava. Mas essa era uma opinião que ela se esforçava por não revelar a ambas as irmãs.

Abriu a porta da loja e olhou rapidamente em seu redor. Este não era um negócio que quisesse fazer quando houvesse outros clientes presentes.

Quando chegou ao balcão no fundo da loja, o Boticário empurrou para o lado a cortina fina que separava a loja da sua área de trabalho.

— Em que posso ajudar-te hoje? — perguntou com simpatia.

Os Boticários eram homens-sombra, nem bons nem maus. Tal como as ruas onde se encontravam as suas lojas, não podiam ser encontrados por todos, mas aqueles que conseguiam encontrá-los adivinham tanto da Luz como da Escuridão. Os Boticários faziam o que os clientes lhes pediam para fazer, e dizia-se que o facto de serem bons ou maus dependia da pessoa que estava do outro lado do balcão.

Dizia-se também que a poção no frasco podia virar-se contra a pessoa que a comprasse, se essa pessoa tivesse mentido ao Boticário.

Zeela tirou do bolso das calças o frasco de gotas para os olhos e pousou-o no balcão com o rótulo virado para o Boticário.

— Preciso de voltar a encher isto.

— Tens a certeza? — perguntou ele.

Ela tirou dinheiro do seu outro bolso, pousou-o no balcão, ao lado do frasco, e abanou as notas o suficiente para lhe mostrar que era a quantia que ele cobrava habitualmente por informações. O que quer que ele pudesse pôr num frasco para justificar a visita nunca custava mais do que um valor simbólico adicional.

— Gostaria de voltar a encher este frasco com informações sobre quem o comprou e porquê. — Zeela viu o homem a hesitar, por isso acrescentou: — Estou a perguntar em nome de um Xamã.

— Ah. — O Boticário relaxou ligeiramente. — Um homem que não sabe que não deve meter-se no que não é da sua conta. Ou pelo menos, foi o que ouvi dizer.

— Eu ouvi dizer que ele não deixa que ninguém lhe diga o que é ou não da sua conta. O homem em quem foram usadas estas gotas? Agora é da conta do Xamã.

O Boticário empurrou o frasco com a ponta de um dedo.

— Primeiro frasco? Dor e olhos baços. Cegueira. Mas assim que se deixa de usar as gotas, a visão voltará gradualmente, embora possa nunca voltar a ser o que era. Segundo frasco? — Abanou a cabeça. — Destrói os olhos. Permanentemente.

— Há alguma coisa que possa ajudar a inverter os danos já causados?

— Talvez. — O Boticário analisou-a e depois foi para trás de uma cortina. Quando voltou, pousou outro frasco no balcão, juntamente com um par de óculos escuros. — Duas gotas em cada olho, de manhã e ao serão. Depois de introduzir as gotas, põe um pano húmido e frio sobre os olhos para aliviar. Enquanto os olhos estiverem a sarar, a luz do sol vai ser dolorosa, pode até causar danos, por isso tem cuidado.

— Quando este frasco acabar...

— Esta quantidade chega para curar o que puder ser curado.

O Lee ainda pode ficar cego disse Zhahar, parecendo inquieta.

=Pode= concordou Zeela.

::Mas nós vamos ajudá-lo:: disse Sholeh.

— Quanto te devo por isto? — perguntou Zeela, passando a mão por cima das gotas e dos óculos escuros.

Outro olhar demorado. O Boticário meteu no bolso o dinheiro que ela tinha pousado no balcão.

— Isto chega.

Acenando-lhe com a cabeça para agradecer, Zeela enfiou o frasco no

bolso das calças. Depois de pensar por um instante, meteu os óculos debaixo da blusa, entre os seios.

— Mais duas coisas, visto que vieste em nome do Xamã — disse o Boticário. — Primeiro, ele não devia andar pelas ruas-sombra por uns tempos. Ultimamente, alguma coisa tem andado a arrastar-se pelas esquinas, e as ruas-sombra tornaram-se mais obscuras por causa dela... e ouvi sussurros de que o que anda por aí a arrastar-se gostaria de silenciar aqueles que são a voz do mundo.

Zeela conteve um arrepio. Havia alguma coisa lá fora que constituía uma ameaça para os Xamãs?

— Segundo — continuou o Boticário. — Os homens que compraram esse primeiro frasco foram mortos a noite passada.

Zeela sentiu o medo de Zhahar e Sholeh, mas manteve-se calma — e a postos.

— Como?

— Foram atingidos por um raio. Os dois.

Ela franziu o sobrolho.

— Não houve nenhuma tempestade ontem à noite.

— Este raio saiu de um beco e atravessou-os. Não foi uma morte suave. Eles gritaram à medida que ardiam, mas ninguém podia fazer nada por eles. Ouvi boatos de que outros homens morreram dessa maneira na comunidade noroeste — bons homens, que fizeram demasiadas perguntas.

— Uma morte estranha, seguramente — murmurou Zeela.

— Ainda mais estranha porque os guardas da cidade tinham estado por cá nessa mesma tarde, à procura desses homens. Isso fez com que os cidadãos da nossa ruazinha se perguntassem se aqueles homens se tinham tornado um inconveniente para alguém.

— Vou passar essa informação. — Zeela voltou-se e dirigiu-se rapidamente para a frente da loja.

Quando alcançou a porta, o Boticário disse:

— Viaja com leveza.

Ela olhou para ele por cima do ombro.

— Viaja com leveza.

Esgueirando-se pela porta, Zeela subiu a rua a passos largos, esforçando-se por ouvir alguma coisa, tudo. Facas e soqueiras não as manteriam a salvo de um inimigo que controlava raios.

Quem tiver matado aqueles homens não consegue ligar-te ao Asilo disse Zhahar.

=Pelo menos, para já.=

::O que havemos de fazer?:: perguntou Sholeh.

Dar as gotas para os olhos e os óculos ao Xamã Danyal esta noite disse Zhahar.

Zeela não gostava de se sentir tão inquieta, mas por alguma razão era a defensora da sua Tríade.

=Não vamos para casa, esta noite. As mulheres já não estão seguras depois do anoitecer, na nossa parte da cidade. Zhahar, tens de arranjar uma desculpa para ficarmos no Asilo esta noite.=

Não temos roupas lavadas.

=O Xamã Danyal terá de nos dar tempo para ir a casa de manhã buscar algumas, porque esta noite não vamos.=

::Estás com medo daquele raio:: disse Sholeh. ::Eu também estou::

Zeela rosnou e alargou o passo. Não havia pessoas suficientes no exterior, mesmo agora que estava longe das ruas-sombra.

Vou pensar num pretexto disse Zhahar baixinho.

Zeela nada disse. Só conseguiu respirar normalmente quando chegaram ao escritório de Danyal, entregando as gotas para os olhos e os óculos — e contando-lhe tudo o que o Boticário dissera.